

MONITORAMENTO, ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DO MERCADO DE ENERGIA

ACOMPANHAMENTO DO MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA E DA ECONOMIA

Boletim Trimestral (ref.: I trim 2007)



Empresa de Pesquisa Energética





GOVERNO FEDERAL

Ministério de Minas e Energia

Ministro (Interino)

Nelson José Hubner Moreira

Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético

Márcio Pereira Zimmermann

Diretor do Departamento de Planejamento Energético

Iran de Oliveira Pinto

MONITORAMENTO, ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DO MERCADO DE ENERGIA

ACOMPANHAMENTO DO MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA E DA ECONOMIA

*Boletim Trimestral (ref.: I trim
2007)*



Empresa de Pesquisa Energética

Empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, instituída nos termos da Lei nº 10.847, de 15 de março de 2004, a EPE tem por finalidade prestar serviços na área de estudos e pesquisas destinadas a subsidiar o planejamento do setor energético, tais como energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética, dentre outras.

Presidente

Maurício Tiomno Tolmasquim

Diretor de Estudos Econômicos e Energéticos

Amílcar Guerreiro

Diretor de Estudos de Energia Elétrica

José Carlos de Miranda Farias

Diretor de Estudos de Petróleo, Gás e Biocombustível

Maurício Tiomno Tolmasquim (Interino)

Diretor de Gestão Corporativa

Ibanês César Cássel

Coordenação Geral

Maurício Tiomno Tolmasquim

Amílcar Guerreiro

Coordenação Executiva

James Bolívar Luna de Azevedo

Coordenação Técnica

Cláudio Gomes Velloso

Equipe Técnica

André Luis Rodrigues Osório

Emílio Hiroshi Matsumura

Gabriel Leal de Barros (Estagiário)

Fabiana Pessanha

Inah de Holanda

José Manuel David

Leticia Fernandes Rodrigues da Silva

Luiz Claudio Orleans

URL: <http://www.epe.gov.br>

Sede

SAN – Quadra 1 – Bloco B – Sala 100-A
70041-903 - Brasília – DF

Escritório Central

Av. Rio Branco, n.º 01 – 1º primeiro Andar
20090-003 - Rio de Janeiro – RJ

Nº DEN E2.2 020 07 r0

Data: Agosto de 2007

IDENTIFICAÇÃO CONTRATUAL

 Empresa de Pesquisa Energética	Contrato/Aditivo 001/2007 - MME	Data de assinatura do contrato/Aditivo 16.07.2007
Área de Estudo E MONITORAMENTO, ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DO MERCADO DE ENERGIA		
Estudo E2 ACOMPANHAMENTO DO MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA E DA ECONOMIA		
Macro-atividade		
Ref. Interna (se aplicável) E2.2 Boletim Trimestral (ref.: I trim de 2007)		
Revisões	Data de emissão	Descrição sucinta
r0	31.08.2007	Emissão original

APRESENTAÇÃO

A Empresa de Pesquisa Energética – EPE, empresa pública instituída nos termos da Lei nº 10.847, de 15 de março de 2004, e do Decreto nº 5.184, de 16 de agosto de 2004, vinculada ao Ministério de Minas e Energia – MME, tem por finalidade prestar serviços na área de pesquisas e estudos destinados a subsidiar o planejamento do setor energético, entre eles os de energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética.

O acompanhamento do mercado de energia elétrica brasileiro é ferramenta essencial para o entendimento da dinâmica do consumo de energia nas diversas classes consumidoras e regiões do país, fornecendo subsídios valiosos para os estudos do planejamento da operação e da expansão do sistema.

Nesse contexto, este relatório tem o objetivo de apresentar a consolidação e a análise do mercado de energia elétrica realizado no primeiro trimestre de 2007, destacando os resultados para o Brasil, por classes de consumo e por subsistemas elétricos. Faz-se, também, a análise da conjuntura econômica, especialmente no que diz respeito aos indicadores da economia mais intensamente relacionados com o mercado elétrico.

A análise da evolução do mercado no período levou em consideração indicadores e aspectos que o afetaram de uma forma geral, mas foi, principalmente, enriquecida com as apresentações e análises dos resultados regionais/estaduais realizadas pelos agentes nas reuniões da COPAM - Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica.

Tais reuniões foram realizadas de acordo com o seguinte cronograma: Norte – 14 de maio, sob o patrocínio da ELETRONORTE; Centro-Oeste – 16 de maio, sob o patrocínio da CEB; Sudeste – 22 de maio, sob o patrocínio da AMPLA; Sul – 24 de maio, sob o patrocínio da COPEL e Nordeste – 28 de maio, sob o patrocínio da CHESF.

Participam das reuniões da COPAM todos os agentes do setor elétrico concessionários de geração e distribuição, sob a coordenação da EPE, que através de reuniões regionais trimestrais, analisam o comportamento do mercado de energia elétrica em cada uma de suas áreas de concessão, fornecendo subsídios para o melhor entendimento de sua conjuntura e evolução no curto prazo.

Também são apresentados, neste relatório, os valores referentes ao mercado livre de energia elétrica e à autoprodução transportada. Os valores consolidados refletem levantamento de dados junto aos agentes de distribuição, transmissão e geração, compreendendo o consumo faturado e/ou medido por tais agentes. Representam, assim, o consumo de energia elétrica das cerca de 60 milhões de unidades consumidoras conectadas à rede elétrica nacional e das unidades autoprodutoras conectadas, que recebem energia através da rede.

Não faz parte da estatística, portanto, o consumo de unidades autoprodutoras de energia, isto é, aquelas onde a produção e o consumo de energia elétrica se dão no mesmo sítio, sem interferência direta com o sistema elétrico operado pelos agentes acima referidos.

SUMÁRIO

1. ATIVIDADE ECONÔMICA	1
1.1 PRODUTO INTERNO BRUTO	1
1.1.1 Nova Metodologia	1
1.1.2 PIB no primeiro Trimestre de 2007	5
1.2 PRODUÇÃO INDUSTRIAL	9
1.2.1 Produção Industrial Nacional	9
1.2.2 Produção Industrial Regional	11
1.3 EMPREGO E RENDIMENTO	14
1.4 COMÉRCIO E SERVIÇOS	16
2. MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA	18
2.1 RESULTADOS CONSOLIDADOS	18
2.2 RESULTADOS POR SEGMENTO DE MERCADO	21
2.2.1 Consumo Residencial	21
2.2.2 Consumo Industrial	24
2.2.3 Consumo Comercial	25
2.2.4 Consumo Rural	27
2.2.5 Outros Consumos	28
3. MERCADO POR SUBSISTEMA ELÉTRICO	29
3.1 SUBSISTEMA NORTE INTERLIGADO	29
3.1.1 Consumo Residencial	31
3.1.2 Consumo Industrial	33
3.1.3 Consumo Comercial	35
3.1.4 Consumo Rural e Demais Classes	37
3.2 SUBSISTEMA NORDESTE INTERLIGADO	39
3.2.1 Classe Residencial	41
3.2.2 Consumo Industrial	46
3.2.3 Consumo Comercial	49
3.2.4 Consumo Rural e Demais Classes	52
3.3 SUBSISTEMA SUDESTE/CENTRO-OESTE INTERLIGADO	55
3.3.1 Consumo Residencial	56
3.3.2 Consumo Industrial	61
3.3.3 Consumo Comercial	65
3.3.4 Consumo Rural e Demais Classes	68
3.4 SUBSISTEMA SUL INTERLIGADO	71

3.4.1	Consumo Residencial	73
3.4.2	Consumo Industrial	75
3.4.3	Consumo Comercial	77
3.4.4	Consumo Rural e Demais Classes	78
3.5	SISTEMAS ISOLADOS	80
3.5.1	Consumo Residencial	82
3.5.2	Consumo Industrial	83
3.5.3	Consumo Comercial	85
3.5.4	Consumo Rural e Demais Classes	86
4.	MERCADO LIVRE E AUTOPRODUÇÃO TRANSPORTADA	88
5.	MERCADO DE DISTRIBUIÇÃO E CARGA DE ENERGIA	90
ANEXO I.	DEFINIÇÕES E CONCEITOS	92
ANEXO II.	MERCADO DE FORNECIMENTO POR SUBSISTEMA ELÉTRICO	94
ANEXO III.	MERCADO DE FORNECIMENTO POR REGIÃO	95

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1 – Participação das Atividades no Valor Adicionado: Ótica da Oferta</i>	<i>1</i>
<i>Tabela 2 - Produto Interno Bruto. Ótica da Oferta. Taxas de Crescimento: variação anual em volume do valor adicionado a preços básicos</i>	<i>2</i>
<i>Tabela 3 – Participação das Atividades no Valor Adicionado. Ótica da Demanda: Metodologia Nova e Antiga</i>	<i>2</i>
<i>Tabela 4 – Componentes do PIB pela Ótica da Demanda: Variação Real Anual</i>	<i>3</i>
<i>Tabela 5 - Produto Interno Bruto. Ótica da Oferta. Taxas de Crescimento: trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior</i>	<i>3</i>
<i>Tabela 6 - Produto Interno Bruto. Ótica da Demanda. Taxas de Crescimento: trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (2000-2006)</i>	<i>4</i>
<i>Tabela 7 - Produto Interno Bruto. Ótica da Oferta. Taxas de Crescimento (%): trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior</i>	<i>5</i>
<i>Tabela 8 - Produto Interno Bruto. Ótica da Demanda. Taxas de Crescimento (%): trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior</i>	<i>6</i>
<i>Tabela 9 - Produto Interno Bruto. Ótica da Demanda. Taxas de Crescimento (%): trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior</i>	<i>7</i>
<i>Tabela 10 – Brasil. Produto Interno Bruto. Ótica da demanda. Taxas de crescimento (%): trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior</i>	<i>8</i>
<i>Tabela 11 – Brasil: Indicadores da Produção Industrial por Categoria de Uso (%) - Base: igual trimestre do ano anterior</i>	<i>10</i>
<i>Tabela 12 – Brasil: Indicadores da produção industrial por categoria de uso (%) - Base: igual trimestre imediatamente anterior</i>	<i>10</i>
<i>Tabela 13 – Brasil. Indicadores da produção industrial: Taxas Trimestrais de Crescimento (%) - Base: igual trimestre do ano anterior</i>	<i>13</i>
<i>Tabela 14 - Indicadores de Volume de Vendas do Comércio Varejista por Atividades. Taxas de Crescimento (%)</i>	<i>17</i>
<i>Tabela 15 – Brasil: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)</i>	<i>18</i>
<i>Tabela 16 - Mercado de Fornecimento (GWh) e Taxas de Crescimento</i>	<i>20</i>
<i>Tabela 17 - Brasil e Subsistemas Elétricos. Unidades Consumidoras Residenciais e Consumo Médio Residencial</i>	<i>22</i>
<i>Tabela 18 - Subsistema Norte: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)</i>	<i>29</i>
<i>Tabela 19 - Subsistema Nordeste: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)</i>	<i>39</i>
<i>Tabela 20 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)</i>	<i>55</i>
<i>Tabela 21 – Subsistema Sul: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)</i>	<i>71</i>
<i>Tabela 22 – Sistemas Isolados: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)</i>	<i>81</i>
<i>Tabela 23– Brasil e Subsistemas Elétricos: Mercado de Distribuição (GWh)</i>	<i>88</i>
<i>Tabela 24 - Brasil e Subsistemas Elétricos: Mercado de Distribuição e Carga de Energia</i>	<i>91</i>

ÍNDICE DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1 – Brasil: Taxa de Desocupação (%) – Média Trimestral</i>	<i>14</i>
<i>Gráfico 2 – Brasil e Regiões Metropolitanas: Taxa de Desemprego (%) - Média Trimestral</i>	<i>15</i>
<i>Gráfico 3 – Brasil e Regiões Metropolitanas: Rendimento médio real habitual (R\$) - Média Trimestral</i>	<i>15</i>
<i>Gráfico 4 – Brasil: Consumo Total (GWh)</i>	<i>19</i>
<i>Gráfico 5 – Brasil: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007</i>	<i>19</i>
<i>Gráfico 6 – Brasil: Consumo Residencial (GWh)</i>	<i>23</i>
<i>Gráfico 7 – Brasil: Consumo Industrial (GWh)</i>	<i>24</i>
<i>Gráfico 8 – Brasil: Consumo Comercial (GWh)</i>	<i>26</i>
<i>Gráfico 9 – Brasil: Consumo Rural (GWh)</i>	<i>27</i>
<i>Gráfico 10 – Brasil: Outros Consumos (GWh)</i>	<i>28</i>
<i>Gráfico 11 – Subsistema Norte: Consumo Total (GWh)</i>	<i>30</i>
<i>Gráfico 12 – Subsistema Norte: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007</i>	<i>30</i>
<i>Gráfico 13 – Subsistema Norte: Consumo Residencial (GWh)</i>	<i>31</i>
<i>Gráfico 14 – Subsistema Norte: Consumo Industrial (GWh)</i>	<i>34</i>
<i>Gráfico 15 – Subsistema Norte: Consumo Comercial (GWh)</i>	<i>36</i>
<i>Gráfico 16 – Subsistema Norte: Consumo Rural (GWh)</i>	<i>37</i>
<i>Gráfico 17 – Subsistema Norte: Outros Consumos (GWh)</i>	<i>38</i>
<i>Gráfico 18 – Subsistema Nordeste: Consumo Total (GWh)</i>	<i>40</i>
<i>Gráfico 19 – Subsistema Nordeste: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007</i>	<i>40</i>
<i>Gráfico 20 – Subsistema Nordeste: Consumo Residencial (GWh)</i>	<i>41</i>
<i>Gráfico 21 – Subsistema Nordeste: Consumo Industrial (GWh)</i>	<i>46</i>
<i>Gráfico 22 – Subsistema Nordeste: Consumo Comercial (GWh)</i>	<i>50</i>
<i>Gráfico 23 – Subsistema Nordeste: Consumo Rural (GWh)</i>	<i>53</i>
<i>Gráfico 24 – Subsistema Nordeste: Outros Consumos (GWh)</i>	<i>54</i>
<i>Gráfico 25 – Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Total (GWh)</i>	<i>56</i>
<i>Gráfico 26 – Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007</i>	<i>56</i>
<i>Gráfico 27 – Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Residencial (GWh)</i>	<i>57</i>
<i>Gráfico 28 – Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Industrial (GWh)</i>	<i>62</i>
<i>Gráfico 29 – Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Comercial (GWh)</i>	<i>66</i>
<i>Gráfico 30 – Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Rural (GWh)</i>	<i>68</i>
<i>Gráfico 31 – Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Outros Consumos (GWh)</i>	<i>70</i>
<i>Gráfico 32 – Subsistema Sul: Consumo Total (GWh)</i>	<i>72</i>

<i>Gráfico 33 - Subsistema Sul: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007</i>	<i>72</i>
<i>Gráfico 34 - Subsistema Sul: Consumo Residencial (GWh)</i>	<i>73</i>
<i>Gráfico 35 - Subsistema Sul: Consumo Industrial (GWh)</i>	<i>75</i>
<i>Gráfico 36 - Subsistema Sul: Consumo Comercial (GWh)</i>	<i>77</i>
<i>Gráfico 37 - Subsistema Sul: Consumo Rural (GWh)</i>	<i>78</i>
<i>Gráfico 38 - Subsistema Sul: Outros Consumos (GWh)</i>	<i>80</i>
<i>Gráfico 39 - Sistemas Isolados: Consumo Total (GWh)</i>	<i>81</i>
<i>Gráfico 40 - Sistemas Isolados: Estrutura de participação do Mercado - I Trimestre de 2007</i>	<i>82</i>
<i>Gráfico 41 - Sistemas Isolados: Consumo Residencial (GWh)</i>	<i>83</i>
<i>Gráfico 42 - Sistemas Isolados: Consumo Industrial (GWh)</i>	<i>84</i>
<i>Gráfico 43 - Sistemas Isolados: Consumo Comercial (GWh)</i>	<i>85</i>
<i>Gráfico 44 - Sistemas Isolados: Consumo Rural (GWh)</i>	<i>86</i>
<i>Gráfico 45 - Sistemas Isolados: Outros Consumos (GWh)</i>	<i>87</i>
<i>Gráfico 46 – Brasil: Consumo Livre por Subsistemas Elétricos</i>	<i>89</i>
<i>Gráfico 47 – Brasil: Consumo Livre por Regiões Geográficas</i>	<i>89</i>

1. Atividade Econômica

1.1 Produto Interno Bruto

1.1.1 Nova Metodologia

Com a revisão feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE em março de 2007 na metodologia do Sistema de Contas Nacionais, a nova série do PIB passou a incorporar informações de pesquisas realizadas pelo Instituto e dados externos. Por conta disso, procedeu-se a uma atualização e reclassificação dos pesos das atividades econômicas utilizadas no cálculo do PIB. Com isso os dados econômicos apresentados nos Boletins Trimestrais anteriores deverão ser reconsiderados.

Na Tabela 1, pode-se observar que, de acordo com a nova metodologia, o setor de serviços ganhou participação no PIB, enquanto a agropecuária e a indústria tiveram sua participação reduzida em relação à série antiga. De modo geral, a antiga metodologia vinha subestimando o crescimento da economia brasileira, principalmente porque não captava corretamente o comportamento do setor de serviços. Com a nova metodologia, a participação desse setor no PIB subiu de 56,2% para 66,7% em 2000 e de 54,1% para 64% em 2005. Tal diferença se deve, sobretudo, às modificações do peso considerado na nova série principalmente nos segmentos de intermediação financeira e serviços de informação. As exceções ficam por conta da administração, saúde e educação públicas e das atividades imobiliárias e aluguel, que reduziram ligeiramente as respectivas participações.

Tabela 1 – Participação das Atividades no Valor Adicionado: Ótica da Oferta

Ano	Agropecuária		Indústria		Serviços	
	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova
2000	7,7	5,6	36,1	27,7	56,2	66,7
2001	8,0	6,0	35,9	26,9	56,1	67,1
2002	8,2	6,6	36,0	27,1	55,8	66,3
2003	9,4	7,4	36,8	27,8	53,8	64,8
2004	9,6	6,9	37,2	30,1	53,2	63,0
2005	8,0	5,7	37,9	30,3	54,1	64,0

Fonte: IBGE

A Tabela 2 abaixo mostra as taxas comparativas de crescimento segundo a metodologia antiga e a nova.

Tabela 2 - Produto Interno Bruto. Ótica da Oferta. Taxas de Crescimento: variação anual em volume do valor adicionado a preços básicos

Classes e atividades	Variação no valor adicionado a preços básicos (%)											
	2001		2002		2003		2004		2005		2006	
	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova
Agropecuária	5,9	6,1	5,7	6,6	4,7	5,8	5,3	2,3	0,7	1,0	3,2	4,1
Indústria	-0,6	-0,6	2,6	2,1	-0,1	1,3	6,3	7,9	2,5	2,1	3,0	2,8
Serviços	1,8	1,9	1,6	3,2	0,7	0,8	3,3	5,0	2,0	3,4	2,4	3,7

Fonte: IBGE

Pela ótica da demanda, a participação do consumo das famílias no PIB aumentou segundo a nova metodologia (Tabela 3). No ano de 2005 a participação atinge 60,4% face aos 55,5% na antiga metodologia. As principais fontes usadas na nova estimativa anual do consumo final das famílias são a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Os investimentos obtiveram uma participação menor na nova metodologia (16%), principalmente decorrente da redução do valor agregado da construção civil.

O consumo do governo, que antes contava apenas com o consumo intermediário (gastos de custeio) e as remunerações dos funcionários públicos, passa a contabilizar o consumo de capital fixo do setor, como prédios, máquinas e computadores.

Tabela 3 – Participação das Atividades no Valor Adicionado. Ótica da Demanda: Metodologia Nova e Antiga

Ano	Consumo das Famílias		Consumo do Governo		Investimento		Exportação		Importação	
	Série Antiga	Nova Série	Série Antiga	Nova Série	Série Antiga	Nova Série	Série Antiga	Nova Série	Série Antiga	Nova Série
2000	60,9	64,3	19,1	19,2	19,3	18,3	10,7	10,0	12,2	11,7
2001	60,5	63,5	19,2	19,8	19,5	18,0	13,2	12,2	14,2	13,5
2002	58,0	61,7	20,1	20,6	18,3	16,2	15,5	14,1	13,4	12,6
2003	56,7	61,9	19,9	19,4	17,8	15,8	16,4	15,0	12,8	12,1
2004	55,2	59,8	18,8	19,2	19,6	17,1	18,0	16,4	13,4	12,5
2005	55,5	60,4	19,5	20,1	19,9	16,0	16,8	15,1	12,4	11,5

Fonte: IBGE

A Tabela 4 mostra o desempenho das taxas de crescimento de cada componente do PIB pela ótica da demanda de 2001 a 2006, segundo as metodologias antiga e nova.

Tabela 4 – Componentes do PIB pela Ótica da Demanda: Variação Real Anual

Componente do Produto Interno Bruto	Variação real anual (%)											
	2001		2002		2003		2004		2005		2006	
	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova	Antiga	Nova
Consumo das Famílias	0,5	0,7	-0,4	1,8	-1,5	-0,7	4,1	3,8	3,1	4,7	3,8	4,3
Consumo do Governo	1,0	2,7	1,4	4,7	1,3	1,2	0,1	4,1	1,6	1,9	2,1	3,6
Investimento	1,1	0,4	-4,2	-5,2	-5,1	-4,6	10,9	9,1	1,6	3,6	6,3	8,7
Exportação	11,2	10,0	7,9	7,4	9,0	10,4	18,0	15,3	11,6	10,1	-	4,6
Importação	1,2	1,5	-12,3	-11,9	-1,7	-1,6	14,3	14,4	9,5	9,3	-	18,1

Fonte: IBGE

Tabela 5 - Produto Interno Bruto. Ótica da Oferta. Taxas de Crescimento: trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

Período	PIB (*)		Agropecuária		Indústria		Serviços	
	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova
I Tri/00	5,3	4,7	9,2	8,9	4,9	5,1	4,4	3,2
II Tri/00	4,2	3,9	4,2	4,3	4,6	4,3	3,7	3,1
III Tri/00	4,1	4,2	-1,1	-0,4	4,6	4,8	3,9	3,7
IV Tri/00	3,9	4,4	-3,9	-3,2	5,1	5,1	3,2	4,2
I Tri/01	3,9	3,5	5,1	5,8	5,0	4,6	2,3	2,2
II Tri/01	1,9	2,3	4,0	4,6	0,6	0,7	2,3	2,9
III Tri/01	0,4	0,3	4,4	4,7	-1,9	-2,5	1,3	1,6
IV Tri/01	-0,8	-0,7	10,5	10,6	-5,1	-4,5	1,1	1,0
I Tri/02	-0,7	0,1	5,4	5,5	-3,7	3,9	1,3	2,8
II Tri/02	1,2	1,9	6,5	6,7	0,8	0,3	1,0	2,5
III Tri/02	2,9	3,7	6,9	8,3	4,1	3,9	2,1	3,6
IV Tri/02	4,3	4,9	2,9	5,7	8,9	7,9	2,1	3,9
I Tri/03	1,5	2,5	10,1	13,6	1,1	0,2	0,9	1,9
II Tri/03	0,0	1,0	6,8	10,1	-1,5	-0,4	0,5	0,7
III Tri/03	-0,2	0,6	-3,3	-3,5	0,8	3,9	0,1	0,1
IV Tri/03	0,9	0,7	4,3	0,5	-0,1	1,3	1,0	0,5
I Tri/04	4,0	5,3	5,8	5,0	5,5	10,1	2,4	3,8
II Tri/04	5,1	7,5	6,0	4,5	6,3	11,5	3,2	5,8
III Tri/04	5,9	5,1	5,9	-0,9	7,0	4,6	4,1	5,3
IV Tri/04	4,7	5,0	3,0	-1,6	5,9	6,1	3,6	5,1
I Tri/05	2,8	2,8	2,6	-0,8	3,1	2,5	2,2	3,8
II Tri/05	4,0	2,8	3,2	0,4	5,5	2,0	2,6	3,5
III Tri/05	1,0	3,1	-2,0	2,5	0,4	2,0	1,5	3,2
IV Tri/05	1,4	3,1	-1,8	3,1	1,4	2,2	1,8	3,0
I Tri/06	3,3	4,1	-0,5	-2,7	4,8	5,0	2,7	4,4
II Tri/06	1,2	1,5	1,0	-2,3	0,5	-0,9	1,9	3,0
III Tri/06	3,2	4,5	7,8	16,0	3,0	3,6	2,3	3,7
IV Tri/06	3,8	4,8	6,0	11,9	3,7	3,6	2,6	3,8

(*) PIB a preços de mercado

Fonte: IBGE

No corte trimestral pela ótica da oferta, conforme a Tabela 5 os setores agropecuária e serviços apresentaram as maiores variações entre as duas metodologias.

As taxas de crescimento segundo a ótica da demanda são apresentadas a seguir.

Tabela 6 - Produto Interno Bruto. Ótica da Demanda. Taxas de Crescimento: trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (2000-2006)

Período	PIB (*)		Consumo das Famílias		Consumo do Governo		Investimento		Exportação		Importação	
	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova	Série Antiga	Série Nova
I Tri/00	5,3	4,7	2,9	3,5	6,3	4,5	-0,1	0,2	19,5	20,6	5,2	4,6
II Tri/00	4,2	3,9	4,6	4,9	3,4	1,8	3,5	4,2	8,7	11,1	8,6	7,8
III Tri/00	4,1	4,2	3,8	3,9	-2,0	-3,2	6,1	6,9	15,5	18,6	18,8	17,8
IV Tri/00	3,9	4,4	4,0	3,8	-2,0	-2,7	8,3	8,9	0,8	2,9	12,9	12,1
I Tri/01	3,9	3,5	4,7	4,3	1,3	1,8	10,3	10,2	11,6	11,7	22,0	21,9
II Tri/01	2,0	2,3	3,4	3,2	1,3	2,6	2,2	1,7	15,7	14,6	10,0	10,2
III Tri/01	0,4	0,3	-2,8	-2,6	0,7	2,9	1,0	0,1	5,6	3,9	-7,5	-7,1
IV Tri/01	-0,8	-0,7	-2,7	-1,8	0,6	3,5	-8,2	-9,4	12,8	10,9	-13,7	-13,2
I Tri/02	-0,7	0,1	-1,1	0,7	1,8	5,8	-9,7	-11,1	-2,2	-3,4	-18,2	-17,7
II Tri/02	1,2	1,9	-0,4	2,0	1,5	5,6	-6,9	-8,2	-9,3	-10,0	-15,2	-14,8
III Tri/02	2,9	3,7	0,1	2,7	1,3	4,8	-3,6	-4,6	21,5	21,2	-7,1	-6,7
IV Tri/02	4,3	4,9	-0,1	2,3	0,8	3,1	4,1	3,7	20,5	21,2	-8,3	-7,9
I Tri/03	1,5	2,5	-1,1	0,7	0,5	-0,2	-0,1	0,5	12,0	13,9	-5,6	-5,3
II Tri/03	0,0	1,0	-4,2	-3,1	1,8	0,4	-9,0	-8,1	23,8	26,1	-5,8	-5,6
III Tri/03	-0,2	0,6	-1,9	-1,5	1,6	1,2	-7,6	-7,0	-0,8	0,8	-5,3	-5,2
IV Tri/03	0,9	0,7	1,3	0,9	1,3	3,0	-3,6	-3,7	5,5	5,7	10,2	10,1
I Tri/04	4,0	5,3	1,6	1,8	0,8	2,4	1,8	1,5	20,5	20,8	12,5	15,5
II Tri/04	5,1	7,5	4,3	3,9	-1,4	4,6	13,4	14,0	17,6	16,1	14,2	17,6
III Tri/04	5,9	5,1	5,3	4,2	0,3	5,2	19,3	13,4	18,2	15,5	17,7	17,8
IV Tri/04	4,7	5,0	5,0	5,3	0,8	4,1	9,3	8,0	16,2	9,9	12,8	7,6
I Tri/05	2,8	2,8	3,3	4,2	1,1	5,0	2,3	2,8	13,6	9,1	12,2	9,2
II Tri/05	4,0	2,8	3,1	4,7	3,1	2,5	4,0	3,4	12,9	9,9	12,7	9,3
III Tri/05	1,0	3,1	2,7	5,0	1,3	0,7	-2,1	3,9	12,3	10,5	9,4	9,4
IV Tri/05	1,4	3,1	3,4	5,1	0,8	0,0	2,7	4,2	8,2	10,8	4,3	9,4
I Tri/06	3,3	4,1	3,6	4,0	2,0	5,0	9,0	11,8	9,3	8,2	15,9	15,6
II Tri/06	1,2	1,5	4,1	4,1	1,8	3,7	3,0	5,5	-0,6	-1,7	12,1	13,3
III Tri/06	3,2	4,5	3,4	4,3	2,0	3,7	6,4	8,3	7,5	7,3	20,1	20,3
IV Tri/06	3,8	4,8	4,0	5,0	2,5	2,3	6,9	9,6	4,3	4,9	23,7	22,6

(*) PIB a preços de mercado

Fonte: IBGE

1.1.2 PIB no primeiro Trimestre de 2007

Pela nova metodologia, o PIB a preços de mercado expandiu 0,8% no primeiro trimestre de 2007 na comparação com o quarto trimestre de 2006 (série com ajuste sazonal), segundo o IBGE.

Pela ótica da produção, o destaque positivo na comparação com o 4º trimestre de 2006 foi o setor de serviços, que apresentou elevação de 1,7%. Já a indústria apresentou desempenho relativamente estável, com crescimento de apenas 0,3%. A agropecuária confirmou a tendência de queda registrada no último trimestre e obteve uma variação negativa de 2,4% (Tabela 7).

Tabela 7 - Produto Interno Bruto. Ótica da Oferta. Taxas de Crescimento (%): trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior

Discriminação	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
PIB (preços de mercado)	1,3	-0,4	2,7	1,1	0,8
Agropecuária	1,8	0,0	5,9	0,5	-2,4
Indústria	1,2	-2,0	3,5	0,9	0,3
Serviços	1,2	0,3	1,3	1,1	1,7

Série com ajuste sazonal

Fonte: IBGE

Pelo lado da demanda, na mesma base de comparação (Tabela 8), destaca-se o consumo do governo com uma expansão de 3,5%, revertendo o resultado do trimestre anterior (-0,2%). O consumo das famílias apresentou uma variação de 0,9%, inferior à taxa apurada no trimestre anterior (1,7%).

A formação bruta de capital fixo, após o bom desempenho verificado no terceiro trimestre de 2006 (4,6%), apresentou uma expansão de 2,1% no primeiro trimestre de 2007, sustentada principalmente pelo aumento simultâneo da produção e da importação de máquinas e equipamentos.

A importação de bens e serviços no primeiro trimestre apresentou expansão de 4,1%, registrando recuperação em relação ao último trimestre (3,8%), contudo inferior ao crescimento apresentado no terceiro trimestre de 2006 (8,3%). Após o recuo no trimestre anterior, a exportação apresentou taxa positiva de 1,2% no primeiro trimestre deste ano.

Tabela 8 - Produto Interno Bruto. Ótica da Demanda. Taxas de Crescimento (%): trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior

Discriminação	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
PIB (preços de mercado)	1,3	-0,4	2,7	1,1	0,8
Investimento	4,8	-1,6	4,6	1,8	2,1
Consumo das Famílias	-0,2	2,1	1,2	1,7	0,9
Consumo do Governo	2,7	-0,2	0,4	-0,2	3,5
Exportação	0,7	-4,0	10,0	-1,2	1,2
Importação	7,1	1,9	8,3	3,8	4,1

(*) Série com ajuste sazonal

Fonte: IBGE

Na análise trimestre contra igual trimestre do ano anterior, o PIB a preços de mercado expandiu 4,3% contra 4,1% de janeiro a março de 2006. O setor de serviços foi o que mais se destacou, pelo lado da oferta, com crescimento de 4,6%, maior desempenho na base trimestral de comparação desde o quarto trimestre de 2004 (5,1%), seguido pela indústria que expandiu 3,0%. A agropecuária, por sua vez, apresentou a menor taxa de crescimento, 2,1%, nessa mesma comparação.

No resultado positivo do setor de serviços, podem-se destacar os subsetores de intermediação financeira e seguros (9,2%), por conta do aumento das operações de crédito do sistema financeiro; serviços de informação (7,3%), devido ao desempenho favorável da telefonia móvel; comércio atacadista e varejista (6,0%), pela expansão da renda e do crédito e serviços imobiliários e aluguel (4,2%).

Contribuíram para o desempenho do setor industrial o extrativismo mineral, favorecido principalmente pela evolução da produção de minério de ferro (7,9%) e pelo aumento da produção de petróleo e gás (2,6%); o segmento de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (3,9%), a indústria de transformação (2,8%) e a construção civil (2,4%).

A recuperação da agropecuária no primeiro trimestre, face ao fraco desempenho do igual trimestre de 2006 (-2,7%), se deve ao bom desempenho da safra de alguns produtos, caso do algodão (30%), milho (21%), batata inglesa (10%) e soja (9%), segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA-IBGE) de abril. Outro fator que impulsionou o resultado do trimestre foi o desempenho positivo dos bovinos, produto mais importante dentro da pecuária.

Tabela 9 - Produto Interno Bruto. Ótica da Demanda. Taxas de Crescimento (%): trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

Discriminação	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
PIB (preços de mercado)	4,1	1,5	4,5	4,8	4,3
Agropecuária	-2,7	-2,3	16,0	11,9	2,1
Indústria	5,0	-0,9	3,6	3,6	3,0
Serviços	4,4	3,0	3,7	3,8	4,6

Fonte: IBGE

Pelo lado da demanda, o destaque continua sendo o crescimento expressivo do consumo das famílias, com expansão de 6,0% no primeiro trimestre de 2007, frente a igual período do ano passado, maior resultado apurado pelo IBGE desde o primeiro trimestre de 2000. Esse foi o 14º resultado trimestral positivo consecutivo. A expansão no consumo pode ser creditada ao aumento da massa salarial real e ao crescimento nominal do saldo de operações de crédito do sistema financeiro para pessoas físicas. Este aumento da renda disponível fez com que, mesmo com o aumento do consumo, a taxa de poupança aumentasse 17,4% em relação a taxa do primeiro trimestre de 2006 (16,4%). Já o consumo do governo apresentou um crescimento de 4,0% no primeiro trimestre frente ao mesmo período de 2006.

A formação bruta de capital fixo expandiu 7,2%, resultado explicado pelo aumento da produção e da importação de máquinas e equipamentos. Cabe ressaltar a influência mais visível do câmbio e da queda gradual da taxa média de juros na contribuição da maior oferta de matéria-prima em geral para a indústria.

No que diz respeito à demanda externa, as exportações apresentaram uma taxa de crescimento de 5,9% no primeiro trimestre de 2007, bastante inferior à registrada pelas importações, de 19,9%, fruto da manutenção do câmbio mais valorizado. Este crescimento das importações é o 14º seguido. O crescimento das importações nesta base de comparação vem ocorrendo acima do crescimento das exportações desde o primeiro trimestre de 2006. Da pauta de importações destacaram-se, principalmente, combustíveis, bens intermediários e bens de capital.

Tabela 10 – Brasil. Produto Interno Bruto. Ótica da demanda. Taxas de crescimento (%): trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

Discriminação	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
PIB (preços de mercado)	4,1	1,5	4,5	4,8	4,3
Investimento	11,8	5,5	8,3	9,6	7,2
Consumo das Famílias	4,0	4,1	4,3	5,0	6,0
Consumo do Governo	5,0	3,7	3,7	2,3	4,0
Exportação	8,2	-1,7	7,3	4,9	5,9
Importação	15,6	13,3	20,3	22,6	19,9

Fonte: IBGE

A evolução da economia no primeiro trimestre de 2007 foi influenciada, principalmente, pelo resultado das importações líquidas e pelo dinamismo da produção de bens de capital, juntamente com a consolidação das perspectivas de continuidade de crescimento da demanda interna, bem como da influência dos preços internacionais.

A taxa de crescimento do consumo das famílias continua mantendo a trajetória de crescimento ao longo dos trimestres, influenciado pela ampliação da massa salarial e do crédito pessoal.

Os resultados recentes da economia ratificam as considerações do boletim de mercado do quarto trimestre de 2006 referente à tendência da consolidação de um ambiente econômico mais favorável, numa perspectiva de crescimento baseada mais fortemente na demanda interna nos próximos trimestres.

1.2 Produção Industrial

1.2.1 Produção Industrial Nacional

No primeiro trimestre de 2007, a produção industrial nacional aumentou 3,8% em relação ao mesmo período de 2006, conforme a Pesquisa Industrial Mensal - PIM. O resultado trimestral refletiu o desempenho positivo de 17 das 27 atividades pesquisadas e foi marcado pelo desempenho do mercado interno e pela redução gradual das vendas externas. Os setores de bens de consumo duráveis e de bens de capital mantiveram o desempenho positivo, com destaque para a fabricação de máquinas de escritório e equipamentos de informática que cresceu (30,6%), na comparação com o mesmo período do ano anterior, principalmente pelo aumento da produção de computadores pessoais e monitores para computadores.

Outros resultados relevantes para a expansão da produção, no trimestre, contra o primeiro trimestre de 2006, vieram da fabricação de máquinas e equipamentos (14,4%), principalmente em função da produção de fornos de microondas e refrigeradores, seguidos pelos setores de veículos automotores (6,0%), em particular pelo aumento da produção de autopeças e automóveis. O desempenho do setor de alimentos, que apresentou crescimento de 4,8% frente ao primeiro trimestre de 2006, foi beneficiado pelas boas condições climáticas (produtos agrícolas) e pelo incentivo à produção advindo da elevação dos preços dos produtos no mercado internacional, com destaque para suco de laranja e carnes de aves.

Já entre as dez indústrias que tiveram desempenho negativo, as maiores quedas, relativamente ao período janeiro-março de 2006, ocorreram nos setores de material eletrônico e equipamentos de comunicação (-10,9%), calçados (-6,4%), madeira (-5,5%) e farmacêutica (-4,8%).

Todas as categorias de uso apresentaram taxas positivas na comparação dos acumulados janeiro-março de 2007 contra mesmo período de 2006 (Tabela 11). A produção de bens de capital continuou a tendência de crescimento observada a partir do segundo trimestre de 2006 e apresentou a taxa mais elevada (14,8%), influenciada pela reversão da queda verificada no último trimestre de 2006 dos subsetores de bens de capital para transportes (1,9% para 9,5%) e de bens de capital para fins agrícolas (2,2% para 13,1%). O crescimento da produção de bens intermediários ocorreu em linha ao crescimento da indústria geral (3,8%), com destaque para o segmento de insumos industriais elaborados que expandiu 3,2%.

As categorias de bens de consumo duráveis (2,3%) e bens de consumo semi e não duráveis (1,3%), prejudicados pelo fraco desempenho da indústria de eletrodomésticos da "linha

marrom" (-24,3%) e celulares (-8,9%), acabaram por crescer abaixo do resultado do quarto trimestre de 2006.

Tabela 11 – Brasil: Indicadores da Produção Industrial por Categoria de Uso (%) - Base: igual trimestre do ano anterior

Discriminação	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
Bens de Capital	9,2	1,3	5,1	7,8	14,8
Bens Intermediários	2,8	0,7	2,6	2,3	3,8
Bens de Consumo Duráveis	14,9	1,3	4,0	4,3	2,3
Bens de Consumo não Duráveis	4,1	1,5	2,4	2,8	1,3
Indústria Geral	4,6	0,9	2,8	3,2	3,8

Fonte: IBGE

Já na comparação do primeiro trimestre de 2007 contra o trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal, a evolução da indústria nacional evidencia uma expansão de 0,9% para 1,2%. Entre as indústrias que contribuíram para esse desempenho, destacam-se as de bens de consumo duráveis (de 0,4% para 4,2%) e de bens de capital (de 3,3% para 6,9%), seguidos por uma expansão mais modesta da indústria de bens intermediários (de 0,2% para 1,6%). A indústria de bens de consumo semi e não duráveis foi a única que sofreu uma queda, registrando 0,1% face a 0,3% no trimestre anterior.

Tabela 12 – Brasil: Indicadores da produção industrial por categoria de uso (%) - Base: igual trimestre imediatamente anterior

Discriminação	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
Bens de Capital	-0,8	1,0	3,3	3,3	6,9
Bens Intermediários	0,7	0,8	0,9	0,2	1,6
Bens de Consumo Duráveis	6,7	-1,4	-1,4	0,4	4,2
Bens de Consumo não Duráveis	1,8	0,7	0,1	0,3	0,1
Indústria Geral	1,0	0,8	0,6	0,9	1,2

Fonte: IBGE

1.2.2 Produção Industrial Regional

A expansão da produção industrial nacional verificada no primeiro trimestre do ano (3,8%) está refletida no desempenho positivo em doze das quatorze regiões estudadas, com destaque para a indústria do Paraná, que apresentou o maior crescimento no período (7,9%), baseado principalmente nos setores de veículos automotores (17,4%) e de edição e impressão (34%) .

Em bases trimestrais, a indústria do Paraná reduziu o ritmo de crescimento (6,7%), embora ainda tenha apresentado o segundo melhor desempenho entre as regiões. Este crescimento foi impulsionado principalmente pela indústria extrativa (10,5%) e a metalurgia básica (13,7%).

No Rio Grande do Sul a indústria expandiu 6,4% no trimestre, indicando uma recuperação após verificar resultados negativos nos primeiros trimestres de 2006. Este resultado decorreu da influência positiva principalmente do setor de veículos automotores (31,2%), seguido por refino de petróleo e produção de álcool (18,2%), máquinas e equipamentos (14,5%) e alimentos (5,7%).

Santa Catarina apresentou uma recuperação no primeiro trimestre do ano (2,5%) já que no último trimestre de 2006 cresceu apenas 0,1%. Este resultado refletiu o maior dinamismo na indústria de máquinas e equipamentos (12,0%), pelo aumento da produção de refrigeradores e congeladores, seguido pela indústria alimentícia, que expandiu 7,0%, ambas as comparações frente a igual período do ano anterior.

A expansão da indústria paulista ocorreu pelo décimo quarto trimestre consecutivo, atingindo 2,9% no primeiro trimestre de 2007. Este resultado se caracterizou pela melhoria do desempenho de alguns itens, como material eletrônico e equipamentos de comunicações (de -1,8% para 8,4%), alimentos (de 1,4% para 7,4%) e refino de petróleo e produção de álcool (de -4,7% para -1,3%).

A indústria capixaba apresentou expansão de 6,4% no acumulado dos três primeiros meses de 2007, taxa inferior à registrada no último trimestre de 2006 (10%), para o que contribuiu o baixo dinamismo da indústria de metalurgia básica (-6,2%). O destaque positivo foi o desempenho da indústria extrativa: 24,2%.

No Rio de Janeiro o indicador trimestral apontou para a melhoria do resultado, passando de 0,1% para 1,5%. Este comportamento é explicado pela expansão da indústria de transformação, principalmente pela recuperação da metalurgia básica que passou de -1,4% para 23,1% e da indústria de refino de petróleo e produção de álcool, de -16,1% para -5,8%. A maior redução no ritmo de crescimento da indústria fluminense se verificou no setor farmacêutico (17,4% para -15,4%).

O crescimento da produção de Minas Gerais no primeiro trimestre de 2007 foi de 5,8%, nos mesmos níveis da expansão verificada no quarto trimestre de 2006 (5,5%). Este resultado, segundo o IBGE, refletiu o crescimento da produção de automóveis, impulsionado pelo setor de veículos automotores (13,9%), seguido pela metalurgia básica (5,7%), pela indústria extrativa (5,7%) e pelo setor de máquinas e equipamentos (14,2%).

Na mesma base de comparação, a indústria da região Nordeste cresceu 2,7%, com desempenho positivo em seis dos onze itens pesquisados. A maior expansão se deu no ramo de alimentos e bebidas (9,1%), enquanto as retrações mais importantes ocorreram na indústria têxtil (-6,0%) e extrativa (-3,9%).

Pernambuco experimentou um resultado positivo de 5,7% nos primeiros três meses do ano, com crescimento em oito dos onze ramos pesquisados pelo IBGE e registrando taxas positivas por sete trimestres consecutivos. Os setores de alimentos e bebidas (6,3%), produtos químicos (16,9%) e borracha e plástico (20,4%) foram os que apresentaram a maior contribuição para o resultado global.

A indústria baiana expandiu 2,0% no primeiro trimestre do ano, com destaque para os setores de alimentos e bebidas, cuja taxa passou de 3,6% para 17,8%, e o de produtos químicos, que saiu de -1,0% para 2,9%.

O primeiro resultado negativo desde o último trimestre de 2005 colocou o Ceará como o estado de pior índice regional de produção dos quatorze locais pesquisados pelo IBGE no primeiro trimestre de 2007 (-4,2%). Oito dos dez setores pesquisados apresentaram retração nos resultados, destaque para o item calçados e artigos de couro (de 14,3% para -4,0%) e alimentos e bebidas (de 12,4% para 3,8%).

A indústria do Amazonas vem experimentando a perda de dinamismo desde o segundo trimestre de 2006 (-12,0%). No primeiro trimestre de 2007 (-2,5%) houve uma certa recuperação em relação ao trimestre anterior (-3,3%). A performance da indústria de material eletrônico e equipamentos de comunicações apresentou o maior recuo (-36,3%), especialmente pela contribuição dos itens telefones celulares e televisores. Já os itens edição e impressão (73,5%) e máquinas e equipamentos (67,8%) apresentaram os maiores impulsos.

No primeiro trimestre o crescimento da indústria paraense atingiu 6,7%, mostrando expansão em duas das seis atividades pesquisadas. Ênfase no resultado positivo da indústria extrativa (10,5%) e na metalurgia básica (13,7%). A indústria madeireira e de celulose e papel apresentaram impactos negativos de respectivamente -6% e -9,9%, pressionados pela retração dos recuos de madeira densificada e compensada e de celulose.

A recuperação da produção industrial de Goiás no mês de março de 2007 (3,4%) reverteu o desempenho negativo de fevereiro (-10,2%), acelerando o crescimento do trimestre, que fechou em 6,5%, superior aos (4,4%) do trimestre anterior. Produtos químicos (23,7%), alimentos e bebidas (2,6%) e indústria extrativa (22,6%) foram os responsáveis pelo maior dinamismo da indústria goiana.

Tabela 13 – Brasil. Indicadores da produção industrial: Taxas Trimestrais de Crescimento (%) - Base: igual trimestre do ano anterior

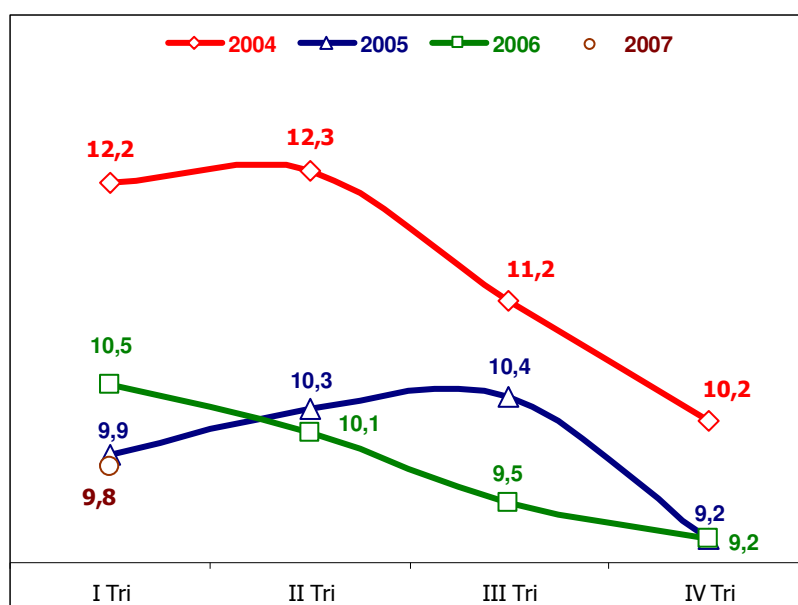
Unidades Federativas	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
Amazonas	9,3	-12,0	-3,0	-3,3	-2,5
Pará	12,6	14,2	18,4	11,7	6,7
Nordeste	3,6	3,0	4,1	2,6	2,7
Ceará	10,5	4,0	10,4	8,0	-4,2
Pernambuco	3,2	6,6	3,9	5,7	5,7
Bahia	7,1	4,8	0,8	0,4	2,0
Minas Gerais	6,3	3,0	3,5	5,7	5,8
Espírito Santo	2,2	7,4	10,8	10,0	6,4
Rio de Janeiro	5,1	1,7	1,1	0,1	1,5
São Paulo	4,8	2,1	3,4	2,6	2,9
Paraná	-5,5	-2,1	-3,3	4,5	7,9
Santa Catarina	1,3	-3,2	2,7	0,1	2,5
Rio Grande do Sul	-1,7	-5,8	-1,3	1,2	6,4
Goiás	1,4	1,6	2,1	4,4	6,5
Brasil	4,6	0,9	2,8	3,2	3,8

Fonte: IBGE

1.3 Emprego e Rendimento

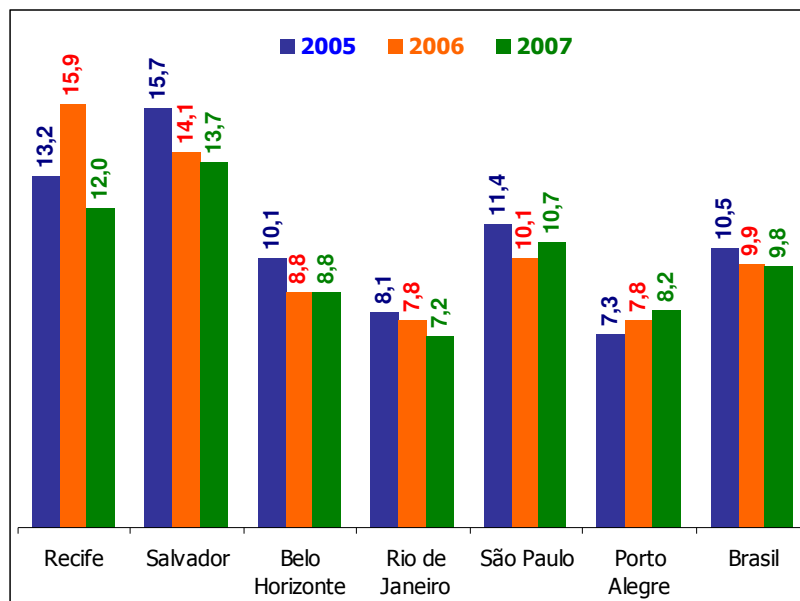
A Pesquisa Mensal do Emprego e Rendimento - PME de março divulgada pelo IBGE apontou que a taxa de desemprego média no Brasil sofreu uma ligeira queda no primeiro trimestre do ano (9,8%) comparado ao mesmo trimestre do ano anterior (9,9%). Conforme o Gráfico 1, observa-se a evolução da taxa média de desocupação desde 2005.

Gráfico 1 – Brasil: Taxa de Desocupação (%) – Média Trimestral



Fonte: IBGE

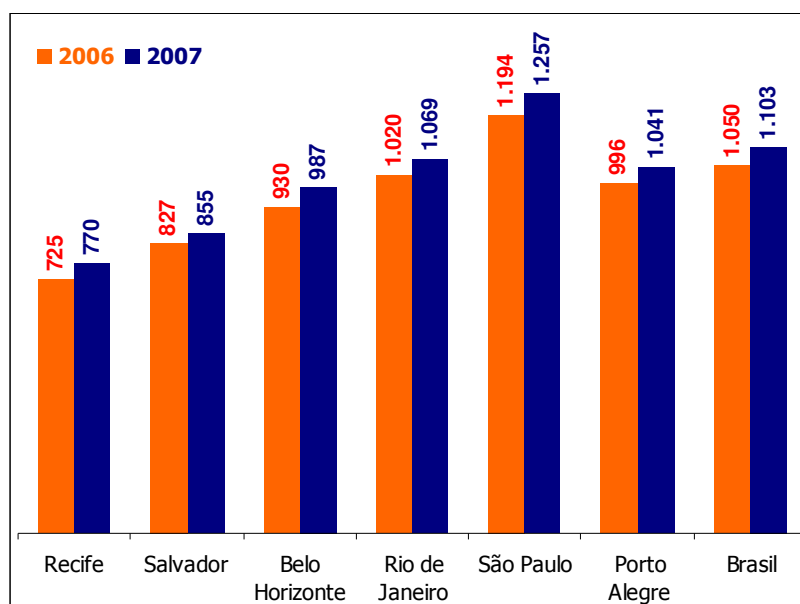
Dentre as seis regiões metropolitanas estudadas, Salvador e Recife aparecem com taxas médias trimestrais mais elevadas, respectivamente 13,7% e 12,0%. São Paulo vem em seguida apresentando uma taxa de desemprego de 10,7%. Apresentaram as menores taxas de desemprego no trimestre Rio de Janeiro (7,2%), Porto Alegre (8,2%) e Belo Horizonte (8,8%). O Gráfico 2 mostra a evolução das taxas de desemprego no primeiro trimestre nos três últimos anos

Gráfico 2 – Brasil e Regiões Metropolitanas: Taxa de Desemprego (%) - Média Trimestral

Fonte: IBGE

O rendimento médio real habitual no primeiro trimestre de 2007 para o total das áreas, segundo o IBGE, apresentou um crescimento de 5,0% quando comparado ao primeiro trimestre de 2006, alcançando o valor de R\$ 1.103,77, conforme ilustra o Gráfico 3.

Sob análise regional, os resultados da comparação do rendimento médio real do primeiro trimestre de 2007 contra o mesmo trimestre do ano anterior mostram que Recife obteve a maior variação (6,2%) seguido por Belo Horizonte (6,1%), São Paulo (5,2%) e Rio de Janeiro (4,8%), Porto Alegre (4,5%) e Salvador (3,4%).

Gráfico 3 – Brasil e Regiões Metropolitanas: Rendimento médio real habitual (R\$) - Média Trimestral

Fonte: IBGE

1.4 Comércio e Serviços

A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) publicada pelo IBGE registrou uma expansão no volume de vendas do comércio varejista no primeiro trimestre de 2007 de 9,7% e para a receita nominal de 9,8%.

O desempenho positivo no primeiro trimestre foi influenciado pela reversão do resultado no setor de combustíveis e lubrificantes, apresentando uma taxa de crescimento no primeiro trimestre de 4,8% face ao fraco desempenho no último trimestre do ano passado (-4,5%). Esta taxa reflete basicamente a estabilidade dos preços dos combustíveis nos últimos meses e o desempenho favorável da economia brasileira.

Também foi verificada uma variação positiva para o segmento livros, jornais, revistas e papelaria (5,7%), uma melhora em relação ao trimestre passado quando experimentou uma queda de 1,7%. O aumento das vendas de material escolar respondeu pelo comportamento típico do início do ano, impulsionando a recuperação do setor.

Outro segmento que exerceu forte impacto sobre o volume de vendas do comércio varejista foi o setor de tecidos, vestuário e calçados, registrando expansão no primeiro trimestre de 6,7%%.

O setor de móveis e eletrodomésticos, beneficiado pelas condições favoráveis de crédito ao consumo, pela estabilidade dos preços advinda da concorrência dos importados, pela evolução da massa salarial e pela estabilidade no nível de emprego, obteve um crescimento no trimestre de 20,5%.

Do mesmo modo, o segmento de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos apresentou uma variação positiva no volume de vendas de 5,3% no acumulado dos primeiros três meses de 2007. Dentre os fatores que determinaram este desempenho, vale destacar o impacto da expansão da massa salarial no consumo destes itens nos últimos meses e a diversificação da linha de produtos oferecidos.

Acompanha ainda os itens com taxas de crescimento positivas no primeiro trimestre o segmento "outros artigos de uso pessoal e doméstico" (21,8%), em função da melhora da massa salarial e das condições mais favoráveis ao crédito, já que o setor engloba lojas de departamentos, óticas, joalheria, artigos esportivos e brinquedos.

A atividade hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo continuou o processo de forte expansão influenciada pelo aumento gradativo da massa salarial e das condições gerais de crédito.

O setor denominado comércio varejista ampliado registrou melhora significativa, acelerando a expansão observada nos últimos trimestres. O setor é composto pelas atividades já citadas do

varejo e mais veículos, motos, partes e peças, que expandiu 17,4% contra 12,6% no quarto trimestre de 2006, e material de construção que reduziu o seu crescimento para 6,0%, inferior aos 11,2% verificados no trimestre anterior. Na Tabela 14 são apresentados os dados relativos ao desempenho do comércio.

Tabela 14 - Indicadores de Volume de Vendas do Comércio Varejista por Atividades. Taxas de Crescimento (%)

Ramos de Atividade	2006				2007
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
COMÉRCIO VAREJISTA	5,0	6,3	6,1	7,0	9,7
Combustíveis e Lubrificantes	-8,3	11,7	-7,7	-4,5	4,8
Hipermercados, Sup., Prod. Alim, Bebidas e Fumo	5,2	10,0	7,7	7,3	7,1
Hiper e Supermercados	4,4	10,4	8,2	7,8	8,3
Tecidos, Vestuário e Calçados	5,0	1,4	-0,5	2,5	6,7
Móveis e Eletrodomésticos	11,1	7,3	10,6	11,0	20,5
Artigos Farmac., Médicos, Ortop. de Perfumaria	5,7	2,9	3,4	3,2	5,3
Equip. e Material para Escritório, Informática e Comunicação	55,3	28,1	26,5	19,7	20,2
Livros, Jornais, Revistas e Papelaria	-1,5	4,2	1,9	-1,7	5,7
Outros Artigos de Uso Pessoal e Doméstico	12,5	17,0	18,9	18,9	21,8
COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO	3,9	4,3	8,2	8,8	11,8
Veículos, Motos, Partes e Peças	2,5	1,2	11,8	12,6	17,4
Material de Construção	-0,9	-0,5	12,2	11,2	6,0

Fonte: IBGE

2. Mercado de Energia Elétrica

2.1 Resultados Consolidados

O consumo de energia elétrica, que compreende os consumidores livres e cativos atendidos através do sistema elétrico brasileiro, totalizou 90.755 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando aumento de 4,0% em relação ao mesmo período do ano anterior. A taxa de crescimento acumulada em 12 meses findos em março situou-se em 3,6%.

Tal expansão foi influenciada principalmente pelo bom desempenho das classes residencial e comercial, que apresentaram crescimentos respectivos de 6,0% e 5,4% no período.

Os dados referentes ao consumo nacional de energia elétrica estão presentes na Tabela 15 e sua evolução mensal, a partir de 2005, pode ser visualizada através do Gráfico 4.

Tabela 15 – Brasil: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)

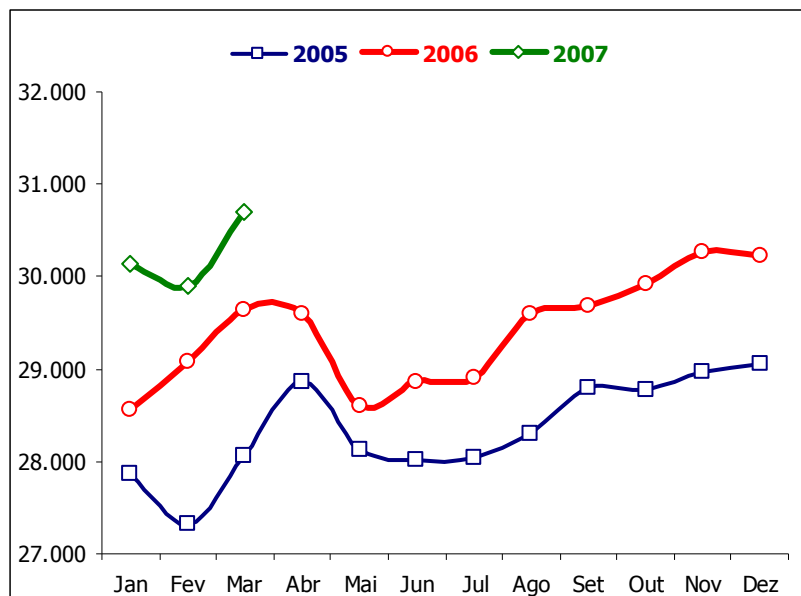
Item	2005 ⁽¹⁾	2006 ⁽¹⁾	TX%	I Trimestre			12 Meses ⁽²⁾		
				2006	2007	TX %	2006	2007	TX %
Residencial	82.644	85.820	3,8	21.650	22.940	6,0	83.557	87.110	4,3
Industrial	154.424	159.798	3,5	38.349	39.657	3,4	155.941	161.095	3,3
Comercial	52.938	55.393	4,6	14.291	15.067	5,4	53.845	56.169	4,3
Rural	15.579	16.021	2,8	4.161	4.122	-0,9	15.804	15.982	1,1
Outros	34.561	35.918	3,9	8.816	8.968	1,7	35.080	36.070	2,8
P. Público	10.151	10.665	5,1	2.584	2.681	3,8	10.344	10.763	4,0
I. Pública	10.733	10.952	2,0	2.750	2.715	-1,2	10.873	10.917	0,4
S. Público	11.878	12.314	3,7	3.030	3.103	2,4	11.993	12.387	3,3
Próprio	1.799	1.987	10,5	453	468	3,5	1.869	2.003	7,2
Total	340.147	352.949	3,8	87.282	90.755	4,0	344.187	356.423	3,6
Nº Cons. Residenciais (10 ³)	48.357	50.318	4,1	49.148	50.831	3,4	49.148	50.831	3,4
Nº Cons. Totais (10 ³)	56.647	58.980	4,1	57.553	59.602	3,6	57.553	59.602	3,6
Consumo médio residencial ^(*)	144,4	144,3	-0,1	147,4	151,0	2,5	141,7	142,8	0,8
Consumo médio total ^(*)	507,6	506,6	-0,2	507,3	509,4	0,4	498,4	498,3	0,0

(1) Valor anual

(2) 12 meses findos em março

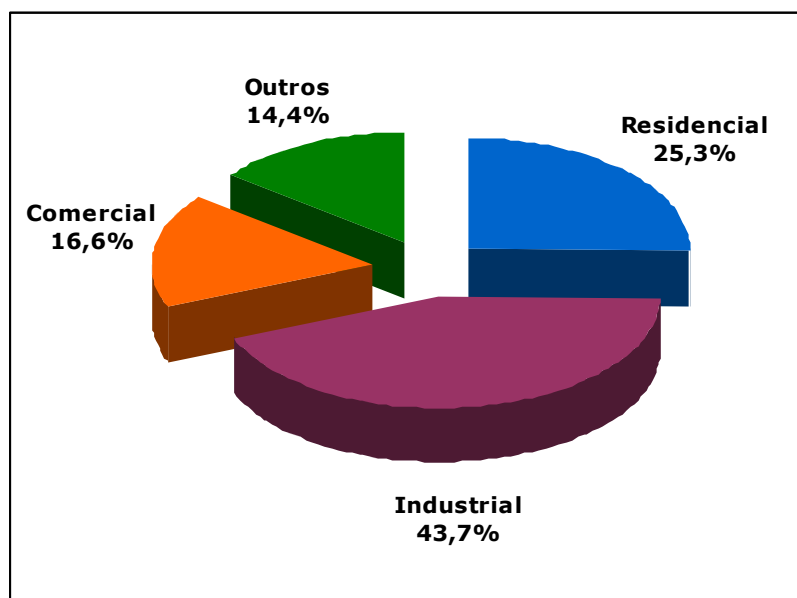
(*) kWh/mês; no trimestre, refere-se à média dos valores mensais no período

Fonte: EPE

Gráfico 4 – Brasil: Consumo Total (GWh)

Fonte: EPE

O Gráfico 5 apresenta a repartição do mercado nacional pelos seus principais segmentos, tendo como referência o consumo acumulado no primeiro trimestre de 2007.

Gráfico 5 – Brasil: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007

Fonte: EPE

Os resultados do mercado agregados por subsistema elétrico mostram que os maiores crescimentos acumulados no trimestre foram registrados no Norte Interligado e no consolidado dos Sistemas Isolados, com taxas respectivas de 6,2% e 6,1%. Nos demais subsistemas, as

expansões do consumo total se situaram entre 3,4% (subsistema Nordeste) e 3,9% (subsistemas Sudeste/Centro-Oeste e Sul).

Quando a consolidação do mercado se faz por região geográfica, o Centro-Oeste aponta o maior crescimento do consumo total, 6,0%, puxado principalmente pelo desempenho do segmento industrial (8,3%), conforme será visto adiante.

A Tabela 16 a seguir reúne os dados do mercado nacional de fornecimento de energia elétrica, consolidados por subsistema elétrico e por região geográfica.

Tabela 16 - Mercado de Fornecimento (GWh) e Taxas de Crescimento

Item	2005 ⁽¹⁾	2006 ⁽¹⁾	TX%	I Trimestre			12 Meses ⁽²⁾		
				2006	2007	TX %	2006	2007	TX %
Subsistemas Elétricos									
Sistemas Isolados	7.184	7.413	3,2	1.730	1.835	6,1	7.204	7.503	4,1
Norte	22.946	24.500	6,8	5.826	6.186	6,2	23.211	24.840	7,0
Nordeste	47.656	48.904	2,6	12.206	12.615	3,4	48.088	49.346	2,6
Sudeste/CO	199.537	207.412	3,9	51.940	53.947	3,9	206.403	213.504	3,4
Sul	57.241	59.142	3,3	15.565	16.171	3,9	59.322	61.233	3,2
Regiões Geográficas									
Norte	20.569	21.568	4,9	5.115	5.406	5,7	20.704	21.842	5,5
Nordeste	56.885	59.062	3,8	14.595	15.191	4,1	57.494	59.671	3,8
Sudeste	179.625	187.149	4,2	47.040	48.738	3,6	186.320	192.937	3,6
Sul	57.241	59.142	3,3	15.565	16.171	3,9	59.322	61.233	3,2
Centro-Oeste	20.243	20.450	1,0	4.951	5.250	6,0	20.390	20.743	1,7
Total	334.564	347.371	3,8	87.267	90.755	4,0	344.229	356.426	3,5

(1) Valor anual

(2) 12 meses findos em março

Fonte: EPE

2.2 Resultados por Segmento de Mercado

2.2.1 Consumo Residencial

O consumo residencial de energia elétrica alcançou 22.940 GWh no primeiro trimestre de 2007, valor 6,0% superior ao registrado no mesmo período no ano anterior.

As variações mensais foram de 8,6% em janeiro, 4,9% em fevereiro e 4,4% em março. Em 12 meses findos em março, a classe acumulou expansão de 4,3%.

Três fatores, principalmente, têm contribuído para o crescimento do consumo de energia elétrica pelas famílias: o aumento da renda, o aumento no número de consumidores e temperatura média mais elevada, este último especialmente no mês de março. Também têm tido influência positiva, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, os programas de transferência de renda do Governo Federal.

De acordo com as informações do IBGE, o rendimento médio real no Brasil vem apresentando tendência crescente nos últimos anos, de uma forma mais acentuada na passagem de 2006 para 2007. Como visto no item anterior, em nível nacional, se considerada a média do rendimento no primeiro trimestre de 2006 e 2007, observa-se um aumento de 5,0%. Importante, também, o fato de que todas as áreas metropolitanas pesquisadas pelo Instituto revelam o mesmo tipo de comportamento para o indicador, com aumentos entre 3,4% (Salvador) e 6,2% (Recife).

A melhoria da renda, associada a condições favoráveis de crédito, tem rebatimento direto em outro indicador importante quando se fala do consumo residencial de energia elétrica. Trata-se das vendas de eletroeletrônicos. De acordo com a Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos - ELETROS, as vendas desses produtos aumentaram 8,6% no primeiro trimestre de 2007, em relação ao mesmo período de 2006, puxadas pela comercialização da linha branca e de portáteis.

No caso da linha branca, o crescimento alcançou 11,7%, com destaque para a venda de refrigeradores (24,2%), lavadoras automáticas (8,7%) e lava-louças (48%). Já nos eletroportáteis, que cresceram 18,4%, destaca-se o aumento de 23,5% no comércio de liquidificadores e de 37% no de aspiradores de pó.

Ainda segundo a ELETROS, a queda no preço dos produtos, principalmente os importados, a redução gradual das taxas de juros e a ampliação dos prazos de pagamento são os fatores que contribuíram para o incremento das vendas totais. Também de acordo com a Associação, a expectativa é de que o crescimento da linha branca e dos portáteis, variando por categoria de produto, mantenha-se elevado ao longo do ano.

O número de consumidores residenciais faturados pelos agentes distribuidores atingiu 51 milhões em março de 2007 (Tabela 17), significando um crescimento sobre o mesmo mês de 2006 de 3,4%, correspondente ao acréscimo absoluto de 1,7 milhão de clientes em um ano (140 mil contas/mês).

Os subsistemas Norte e Nordeste interligados apresentaram crescimentos acima da média nacional, com taxas de respectivamente 6,0% e 5,7%, refletindo o maior impacto relativo do Programa Luz para Todos nesses subsistemas.

Tabela 17 - Brasil e Subsistemas Elétricos. Unidades Consumidoras Residenciais e Consumo Médio Residencial

Subsistema Elétrico	Unidades Consumidoras (mil)				Consumo Médio Residencial (kWh/mês)					
					Média no Período Janeiro-Março			12 Meses *		
	Março 2006	Março 2007	Variação Absoluta	Variação %	2006	2007	Var. %	2006	2007	Var. %
S. Isolados	1.235	1.279	44	3,5	157,6	160,7	2,0	161,9	161,5	-0,2
Norte	2.445	2.592	147	6,0	104,9	107,2	2,2	107,2	106,2	-1,0
Nordeste	10.843	11.460	617	5,7	99,5	101,4	1,9	94,7	94,6	-0,1
Sudeste/CO	27.446	28.124	679	2,5	163,5	168,0	2,8	157,4	160,1	1,7
Sul	7.180	7.375	196	2,7	170,4	176,2	3,4	160,6	161,3	0,4
Brasil	49.148	50.831	1.682	3,4	147,4	151,0	2,4	141,7	142,8	0,8

* 12 meses findos em março

Fonte: EPE

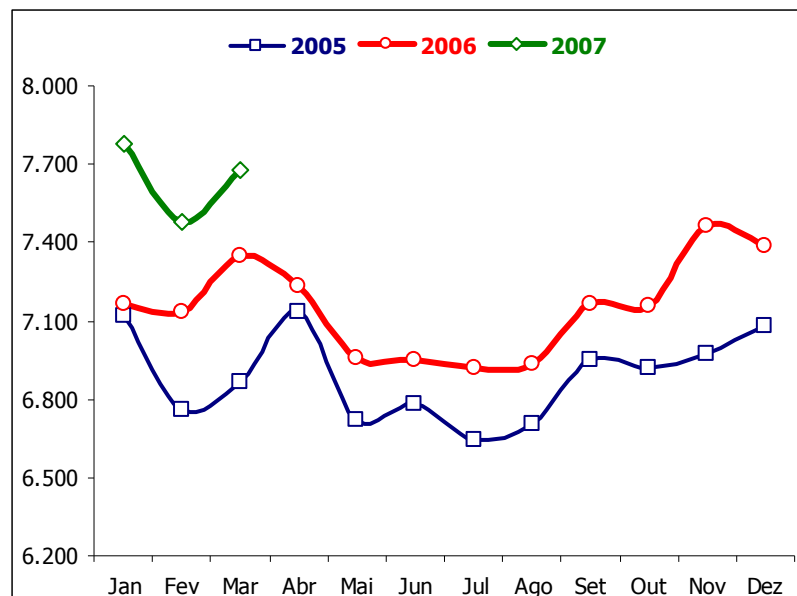
A Tabela 17 apresenta a evolução do consumo médio residencial. Observa-se que, considerando a média dos valores mensais verificados no período de janeiro a março de 2006 e 2007, houve aumento do indicador em nível nacional e em todos os subsistemas elétricos. Para o Brasil, o consumo médio passou de 147,4 para 151,0 kWh/mês, um aumento de 2,4%. Nos subsistemas, os maiores crescimentos foram registrados no Sul (3,4%, passando de 170,4 para 176,2 kWh/mês) e no Sudeste/Centro-Oeste (2,8%, passando de 163,5 para 168,0 kWh/mês).

Já quando se consideram os valores referentes aos 12 meses findos em março, verifica-se que não houve aumento do consumo médio residencial nos Sistemas Isolados e nos subsistemas Norte e Nordeste Interligados, que registraram taxas respectivas de -0,2%, -1,0% e -0,1% para o indicador, nesta comparação. O Sudeste/Centro-Oeste passa a ser o subsistema com maior aumento (1,7%), refletindo, entre outros fatores, procedimentos comerciais de reclassificação de consumidores para a classe residencial em uma grande distribuidora do Sudeste.

Ainda neste último tipo de comparação, o consumo médio residencial nacional passou de 141,7 para 142,8 kWh/mês, indicando aumento de 0,8%.

A evolução mensal do consumo residencial nacional de energia elétrica está apresentada no Gráfico 6 abaixo.

Gráfico 6 – Brasil: Consumo Residencial (GWh)



Fonte: EPE

A classe residencial revelou bom desempenho em todos os subsistemas elétricos.

Nos subsistemas Norte e Nordeste foram observados os maiores crescimentos trimestrais, de 7,9% e 7,3% respectivamente, refletindo, em grande parte, o aumento de renda da população relacionado aos programas sociais do Governo Federal e a inclusão de expressivo número de consumidores, como comentado.

No Sul interligado o consumo residencial aumentou, relativamente ao mesmo período de 2006, 6,2% no primeiro trimestre, influenciado, entre outros fatores, pelas altas temperaturas registradas em dezembro de 2006 (que apresentaram efeitos sobre o faturamento de janeiro em virtude de calendário de leitura) e em março de 2007. A recuperação econômica da região, que sofreu uma retração forte em 2006, com certeza também colaborou para a retomada de crescimento da classe.

No subsistema Sudeste/Centro-Oeste o consumo residencial, que representou 62% do total nacional da classe no primeiro trimestre de 2007 com um montante de 14.148 GWh no período, apresentou expansão de 5,4% ante 2006. Enquanto em março deste ano a temperatura média nas capitais do Sudeste foram mais altas que as correspondentes de 2006, os meses de janeiro e fevereiro foram muitos chuvosos e com várias frentes frias, o que impediu um crescimento ainda maior do consumo residencial de energia elétrica no início do ano. No Centro-Oeste, na

comparação de 2007 com 2006, as temperaturas médias nas capitais foram muito próximas em janeiro e fevereiro, tornando-se mais elevadas somente em março. Na região, considerando a média das temperaturas registradas mensalmente nas capitais no trimestre, a diferença da temperatura foi de apenas + 0,3º Celsius.

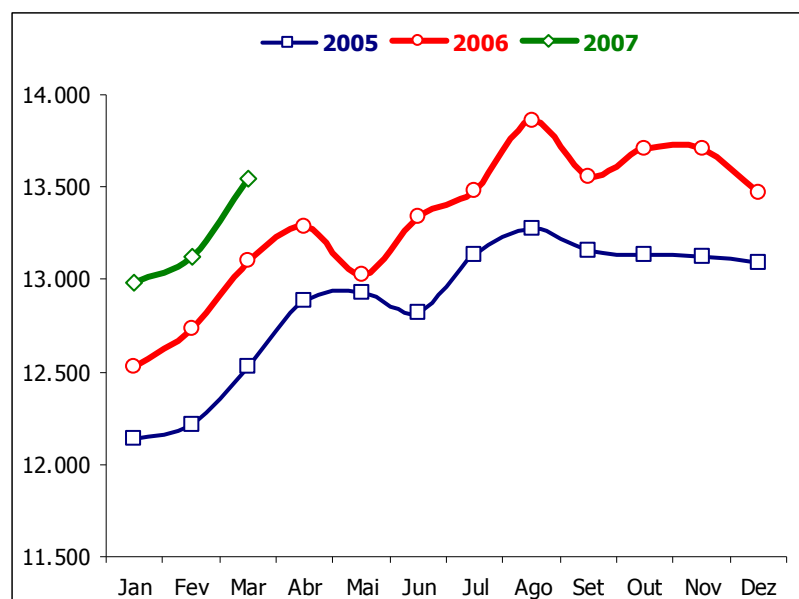
Finalmente, nos Sistemas Isolados, a classe residencial aumentou seu consumo em 6,7% na comparação com o primeiro trimestre de 2006. Também neste caso, houve a influência do aumento de renda decorrente dos programas de transferência direta de renda do Governo Federal. Como será visto adiante, predominou evolução positiva da classe entre os estados que integram esse subsistema.

2.2.2 Consumo Industrial

O consumo industrial nacional de energia elétrica totalizou, no primeiro trimestre de 2007, 39.657 GWh, participando com 44% no mercado brasileiro de fornecimento. Relativamente ao ano de 2006, foi registrada expansão de 3,4% no período, impulsionado pela evolução dos índices de produção industrial que, nos primeiros três meses de 2007, mostrou resultado favorável tanto frente ao igual período do ano anterior quanto em relação ao último trimestre de 2006, com taxas de 3,8% e 1,2% respectivamente nessas duas comparações.

O Gráfico 7 a seguir ilustra a evolução mensal do consumo industrial nacional de energia elétrica, a partir de 2005.

Gráfico 7 – Brasil: Consumo Industrial (GWh)



Fonte: EPE

No Norte Interligado foi registrado o maior crescimento no consumo da classe industrial, com uma taxa acumulada de 5,7% frente ao primeiro trimestre de 2006. O resultado reflete crescimento forte do consumo em todos os estados do subsistema bem como do conjunto de cargas eletro intensivas atendidas pela ELETRONORTE no Pará e Maranhão.

Com um consumo de 4.885 GWh no primeiro trimestre de 2007, o subsistema Nordeste apresentou expansão em relação a 2006 de 2,9%. Em que pese a instalação de plantas novas em alguns estados da região, o resultado global foi mais fortemente afetado por paralisações temporárias na produção de algumas importantes indústrias.

O consumo de energia elétrica no subsistema Sudeste/Centro-Oeste totalizou 23.256 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 59% do total do segmento em nível nacional. Comparativamente a 2006, o aumento verificado no período foi de 3,2%. O Centro-Oeste isoladamente revelou expansão de 8,3%, enquanto no Sudeste o incremento do consumo se deu no patamar 3%. No primeiro caso, destaca-se a retomada do consumo nos estados da região, em função da melhora nas atividades econômicas após o difícil período de crise do agronegócio, que se verificou ao longo de 2005 e 2006.

No Sul Interligado, o consumo industrial, totalizando 6.609 GWh no primeiro trimestre de 2007 (17% do total nacional da classe), também apresentou crescimento trimestral de 3,2% em relação a 2006. Na região, destaca-se a recuperação do consumo no Rio Grande do Sul, com o aquecimento das atividades econômicas, especialmente da agroindústria.

Finalmente, nos Sistemas Isolados, o segmento industrial revelou crescimento acumulado de 2,9% no trimestre. Esse crescimento relativamente baixo está associado à evolução da atividade industrial no Amazonas, que experimentou no trimestre perda de 2,5%. Por trás dessa queda, estão os índices negativos da produção de material eletrônico e equipamentos de comunicação que, no acumulado do ano, acusa taxa de -36%.

2.2.3 Consumo Comercial

A classe comercial apresentou expansão significativa no seu consumo de energia elétrica no primeiro trimestre de 2007, anotando taxa de 5,4% em relação ao mesmo período de 2006. Os aumentos foram expressivos em todos os subsistemas, situando-se entre 4,8% (Sistemas Isolados) e 7,1% (Sul Interligado).

Nos Sistemas Isolados o crescimento do consumo comercial se deu de forma generalizada entre as regiões que compõem o subsistema, tendo o Acre se destacado com aumento de 10% no trimestre. O Amazonas (que concentra cerca de 47% do total da classe) cresceu abaixo da média, anotando taxa de 4,1% no período.

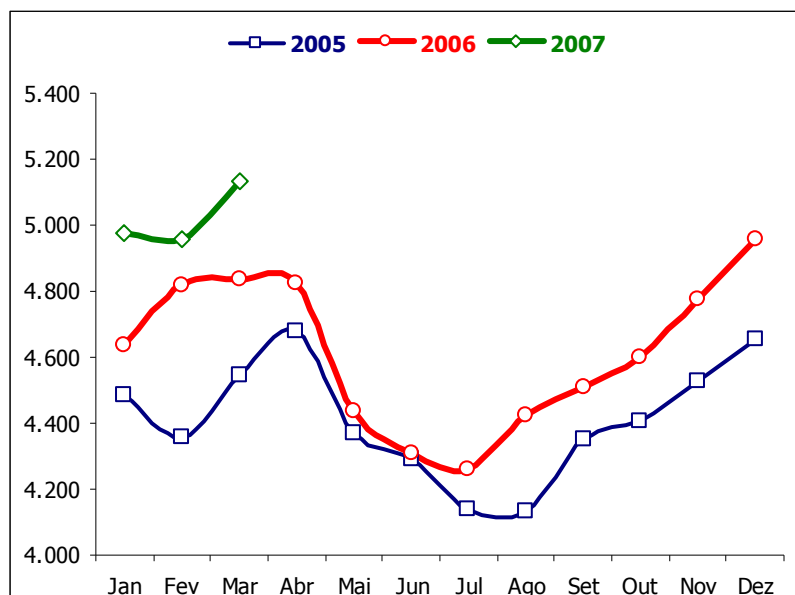
A expansão verificada no Sul reflete a retomada do crescimento da economia na região, além de ter recebido influência de uma temperatura mais elevada no mês de março. A evolução foi bastante favorável nos três estados, com as seguintes taxas acumuladas no trimestre: 7,5% no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e 6,4% no Paraná.

O Norte Interligado consolidou expansão do consumo comercial de 6,3% no período, com evolução positiva em todos os estados que integram o subsistema: Pará, 6,3%; Maranhão, 5,5% e Tocantins, 9,1%.

Totalizando 1.951 GWh no primeiro trimestre de 2007, o consumo comercial no subsistema Nordeste representou 13% do total nacional do segmento e revelou crescimento de 5,6% ante o mesmo período de 2006. Em termos de expansão, os destaques na região foram os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, onde o consumo aumentou igualmente 8%.

O subsistema Sudeste/Centro-Oeste encerrou o primeiro trimestre de 2007 com consumo comercial acumulado de 9.656 GWh, montante que representou 64% do total do segmento em nível nacional. No Sudeste, isoladamente, o aumento verificado foi da ordem de 5% e, no Centro-Oeste, de 6%. Todos os estados das duas regiões apresentaram evolução positiva para o consumo comercial.

Gráfico 8 - Brasil: Consumo Comercial (GWh)



Fonte: EPE

2.2.4 Consumo Rural

O consumo rural de energia elétrica totalizou 4.122 GWh no primeiro trimestre de 2007, indicando variação de -0,9% frente ao mesmo período do ano anterior.

A evolução do consumo rural no País tem sido influenciada pelo Programa Luz para Todos do Governo Federal, através do qual, grandes áreas rurais passam a ser contempladas com o serviço de eletricidade.

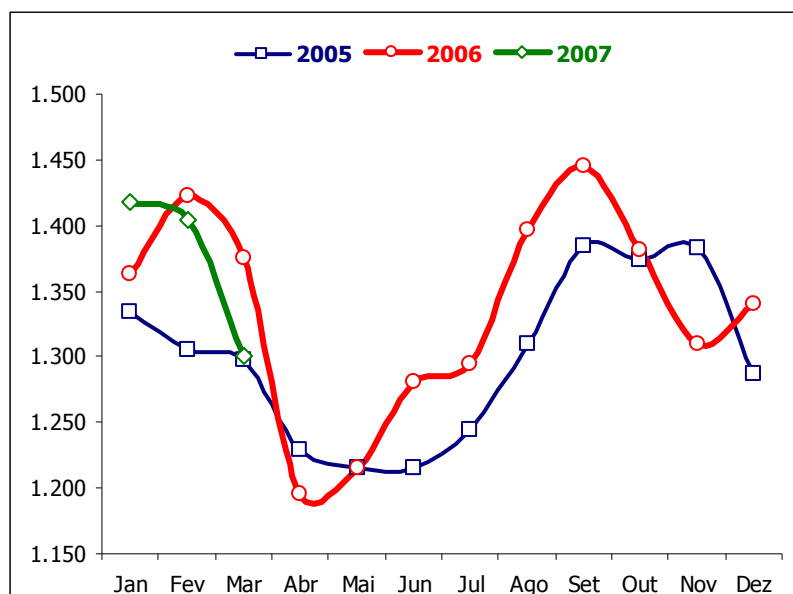
Porém, o nível do consumo da categoria é mais fortemente associado às condições climáticas, apresentando, assim, comportamento irregular ao longo do ano, em consequência principalmente da maior ou menor utilização de sistemas de irrigação.

No primeiro trimestre de 2007, o consumo rural apresentou-se mais baixo que o verificado no mesmo período de 2006 nos subsistemas Nordeste (-4,9%), Sudeste/Centro-Oeste (-1,0%) e Sul (-0,6%). Esses resultados refletem justamente a ocorrência de chuvas abundantes nos meses de janeiro e fevereiro nessas regiões, o que reduziu a necessidade de irrigação nas atividades do campo.

No Norte Interligado e no consolidado dos Sistemas Isolados, ao contrário, o consumo rural apresentou expressivos crescimentos da ordem de 21% e 25%, esses atrelados basicamente à inclusão de novos consumidores através do Luz para Todos.

O Gráfico 9 abaixo ilustra a evolução mensal do consumo rural nacional desde 2005.

Gráfico 9 - Brasil: Consumo Rural (GWh)



Fonte: EPE

2.2.5 Outros Consumos

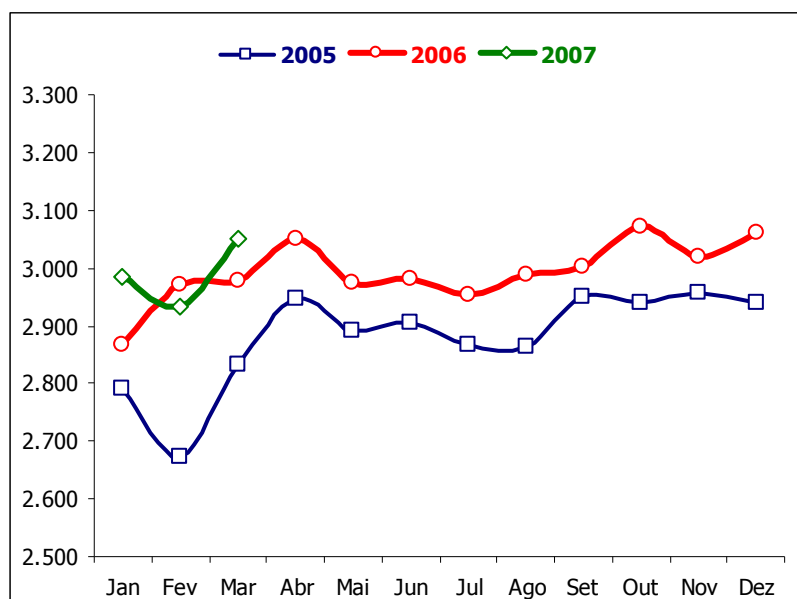
Este segmento do mercado totaliza o consumo das classes poder público, iluminação pública, serviço público e consumo próprio. No primeiro trimestre de 2007, foram consumidos por essas categorias 8.968 GWh, indicando crescimento de 1,7% frente ao mesmo período de 2006.

Dentre os segmentos que compõem o agregado, excetuando-se o consumo próprio, o melhor desempenho no período foi alcançado pelo poder público (30% do total), que aumentou o seu consumo em 3,8%.

Serviço público, cuja participação no agregado é de 35%, registrou incremento de 2,4% no trimestre. Por outro lado, o consumo em iluminação pública apresentou redução, de 1,2%, em grande parte decorrente de programas de eficiência implementados por diversas prefeituras em todas as regiões do País.

No Gráfico 10 a seguir, apresenta-se a evolução mensal do consumo do agregado em análise.

Gráfico 10 - Brasil: Outros Consumos (GWh)



Fonte: EPE

3. Mercado por Subsistema Elétrico

3.1 Subsistema Norte Interligado

O subsistema Norte Interligado compreende os estados do Pará, Maranhão e Tocantins. O consumo de energia elétrica neste subsistema distingue-se pela grande participação da classe industrial (72% no primeiro trimestre de 2007), devido à presença de indústrias eletro intensivas de alumínio e também de grandes plantas da área de mineração, destacando-se a presença da CVRD – Companhia Vale do Rio Doce.

Entre os subsistemas elétricos, o Norte Interligado apresentou o maior crescimento do consumo total, com taxa de 6,2%. As variações mensais foram de 7,5% em janeiro, 6,5% em fevereiro e 4,5% em março.

A Tabela 18 abaixo exhibe os dados relativos ao mercado de fornecimento no subsistema.

Tabela 18 - Subsistema Norte: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)

Item	2005 ⁽¹⁾	2006 ⁽¹⁾	TX%	I Trimestre			12 Meses ⁽²⁾		
				2006	2007	TX %	2006	2007	TX %
Residencial	3.126	3.244	3,8	766	826	7,9	3.147	3.304	5,0
Industrial	16.346	17.583	7,6	4.209	4.449	5,7	16.544	17.822	7,7
Comercial	1.728	1.800	4,2	423	449	6,3	1.746	1.826	4,6
Rural	251	274	9,2	55	69	25,4	254	288	13,3
Outros	1.495	1.580	5,7	374	393	5,2	1.520	1.599	5,2
P. Público	568	613	8,0	140	148	6,0	584	621	6,5
I. Pública	494	521	5,6	127	133	4,2	501	527	5,2
S. Público	413	428	3,6	102	108	5,7	416	434	4,3
Próprio	20	17	-13,8	4	4	-6,3	19	17	-12,6
Total	22.946	24.480	6,7	5.826	6.186	6,2	23.211	24.840	7,0
Nº Cons. Residenciais (10 ³)	2.405	2.543	5,7	2.445	2.593	6,0	2.445	2.593	6,0
Nº Cons. Totais (10 ³)	2.778	2.980	7,2	2.832	3.027	6,9	2.832	3.027	6,9
Consumo médio residencial (*)	111,0	108,9	-1,9	104,9	107,2	2,1	107,2	106,2	-1,0
Consumo médio total (*)	707,2	706,4	-0,1	690,2	685,1	-0,7	683,0	683,9	0,1

(1) Valor anual

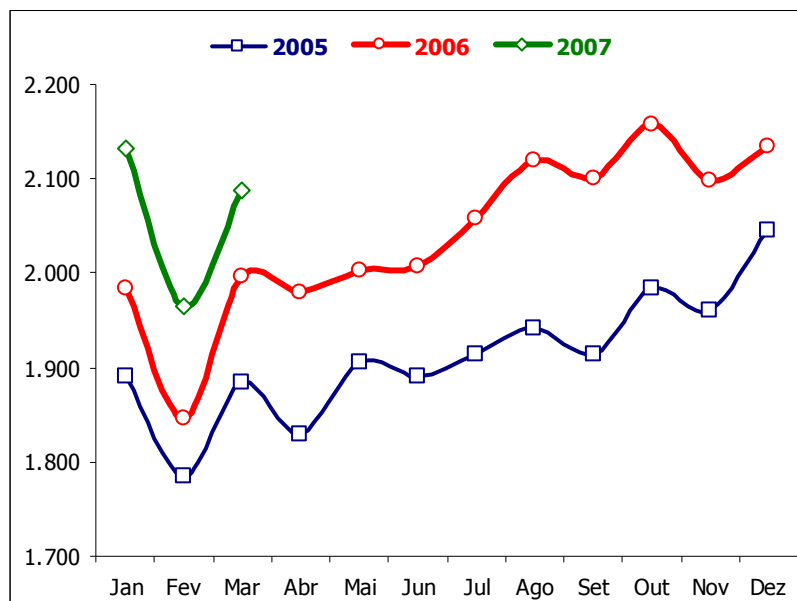
(2) 12 meses findos em março

(*) kWh/mês; no trimestre, refere-se à média dos valores mensais do período

Fonte: EPE

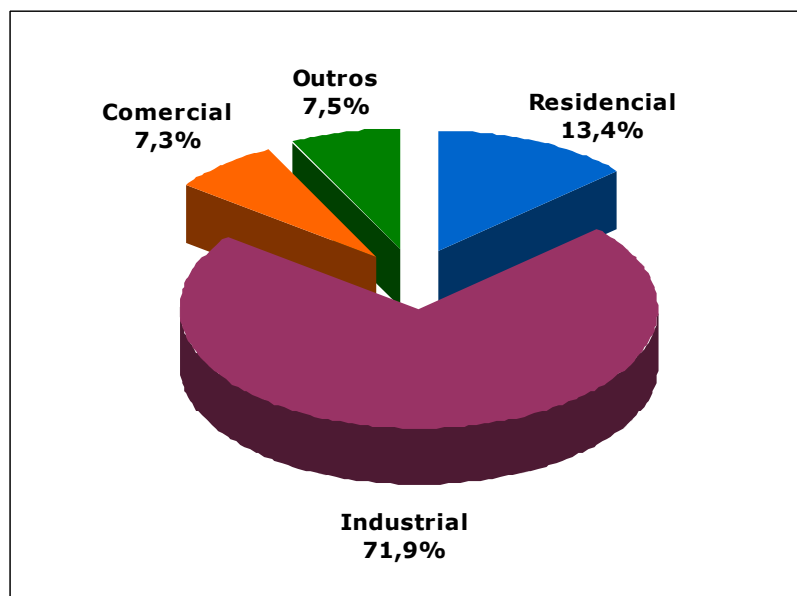
O Gráfico 11 abaixo apresenta a evolução mensal do consumo total de energia elétrica no subsistema Norte, desde 2005, enquanto o Gráfico 12 ilustra a sua repartição entre os principais segmentos, tendo como base o período janeiro-março de 2007.

Gráfico 11 - Subsistema Norte: Consumo Total (GWh)



Fonte: EPE

Gráfico 12 - Subsistema Norte: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007



Fonte: EPE

3.1.1 Consumo Residencial

O consumo residencial de energia elétrica vem apresentando expressiva expansão no subsistema Norte, acumulando, no 1º trimestre de 2007, aumento de 7,9% sobre 2006. As taxas mensais, no período, foram de 9,9% em janeiro, 9,1% em fevereiro e 4,6% em março.

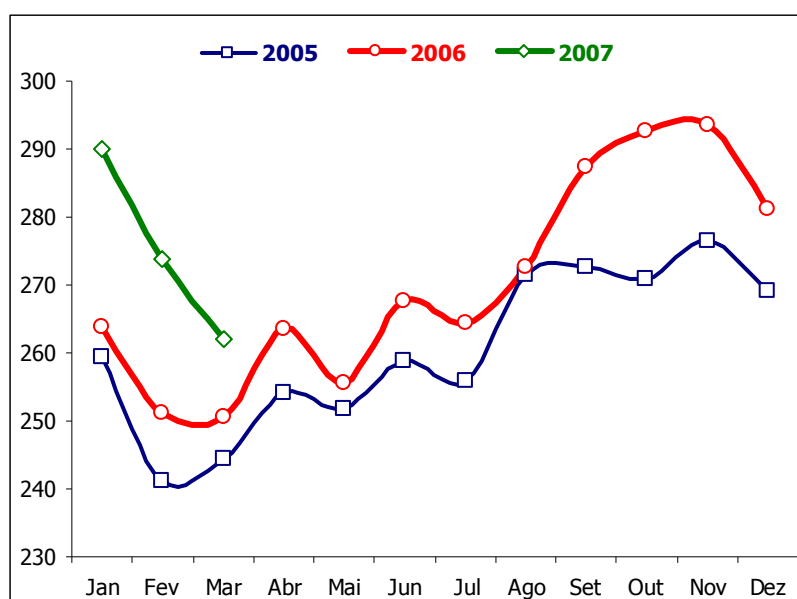
Como já citado anteriormente, esse desempenho apresenta influência positiva do aumento da renda provocado pelos programas de transferência de renda do Governo Federal, que beneficiam uma significativa parcela da população na área em questão.

Outro fato a se destacar nesse subsistema é o forte ritmo de novas ligações residenciais, muito em função do Programa Luz para Todos. Entre março de 2006 e março de 2007, houve aumento líquido de 148 mil ligações (taxa de 6,0%), equivalente a 12 mil ligações/mês, em média.

Quanto ao consumo médio residencial, verifica-se que, na média do primeiro trimestre de 2006 e de 2007, houve um aumento de 2,1%, com o valor evoluindo de 104,9 para 107,2 kWh/mês. Por outro lado, quando a análise refere-se ao valor acumulado em 12 meses findos em março de cada ano, o indicador apresenta variação negativa (-1,0%), representando uma redução de 107,2 para 106,2 kWh/mês.

A evolução mensal do mercado residencial no subsistema Norte está ilustrada no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Subsistema Norte: Consumo Residencial (GWh)



Fonte: EPE

A análise desagregada do consumo residencial mostra crescimentos significativos nos três estados que integram o subsistema.

No Pará, o consumo residencial totalizou 425 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 51% do total da classe e indicando aumento de 6,3% ante o mesmo período de 2006. Entre os fatores que influenciaram positivamente esse nível de crescimento, destacam-se a diminuição do número de ligações classificadas como baixa renda e os ganhos decorrentes das ações de combate às perdas de energia, além do aumento da renda disponível com os programas do Governo.

A retomada do consumo residencial (e também dos demais segmentos do mercado) no Pará também está associada aos efeitos multiplicadores da implantação de grandes projetos no estado.

Quanto às condições do clima neste início de ano, ressalta-se que apenas em fevereiro houve diferença significativa na comparação com 2006, com temperaturas mais baixas e chuvas abundantes e constantes, o que reduziu o nível do consumo de energia elétrica pelas famílias no mês (que veio a se refletir no faturamento do mês de março). Nos meses de janeiro e março observaram-se temperaturas em 2007 muito próximas das correspondentes de 2006, não se constituindo, assim, em fator de pressão para o consumo.

As taxas mensais do consumo residencial no Pará foram de 7,9% em janeiro, 8,3% em fevereiro e 2,8% em março.

O número de consumidores residenciais no Pará alcançou 1.131 mil em março de 2007, apontando aumento de 4,4%, o correspondente à incorporação de 48 mil novos consumidores em um ano (uma média mensal de 4 mil ligações).

Já o consumo médio residencial (na média do primeiro trimestre de 2007 e de 2006) aumentou 1,9%, passando de 122,9 para 125,2 kWh/mês. Cabe ressaltar que 64% dos clientes residenciais consomem na faixa de 0 a 100 kWh/mês, consolidando aproximadamente 30% do consumo residencial total.

No Maranhão, os dados do consumo residencial apontam incremento de 9,8% no primeiro trimestre de 2007, relativamente ao mesmo período de 2006. As taxas mensais foram: 12,4% em janeiro, 10,7% em fevereiro e 6,3% em março.

As elevadas temperaturas registradas em dezembro de 2006 e o “veranico” (período caracterizado por estiagem, calor intenso, forte insolação e baixa umidade relativa) ocorrido em janeiro de 2007, que fez com que a temperatura média mensal ficasse 1,5º Celsius acima da registrada em 2006, contribuíram fortemente para os resultados observados, principalmente o

de janeiro. Nesse mês, o consumo médio residencial atingiu 95,7 kWh/mês, constituindo-se no segundo maior valor registrado nos últimos 20 anos.

O expressivo aumento de 7,6% (83.588 contas em um ano) na base de consumidores residenciais também justifica a expansão do consumo residencial de eletricidade no Maranhão. Contudo, deve-se notar que, desse total, 55% (45.945) são consumidores de baixa renda, o que em grande parte justifica o fato de o consumo médio residencial ter avançado apenas 2,1% no trimestre, chegando a 87,3 kWh/mês.

Atualmente, 68% dos clientes residenciais estão cadastrados como baixa renda, com consumo médio de 54,8 kWh/mês. Já os consumidores residenciais convencionais (32% restantes) apresentam consumo médio de 155,1 kWh/mês.

No Tocantins, o consumo residencial total apresentou expansão de 8,7% no trimestre, com taxas mensais de 11,1% em janeiro, 7,2% em fevereiro e 7,9% em março, todos os resultados em relação ao ano de 2006.

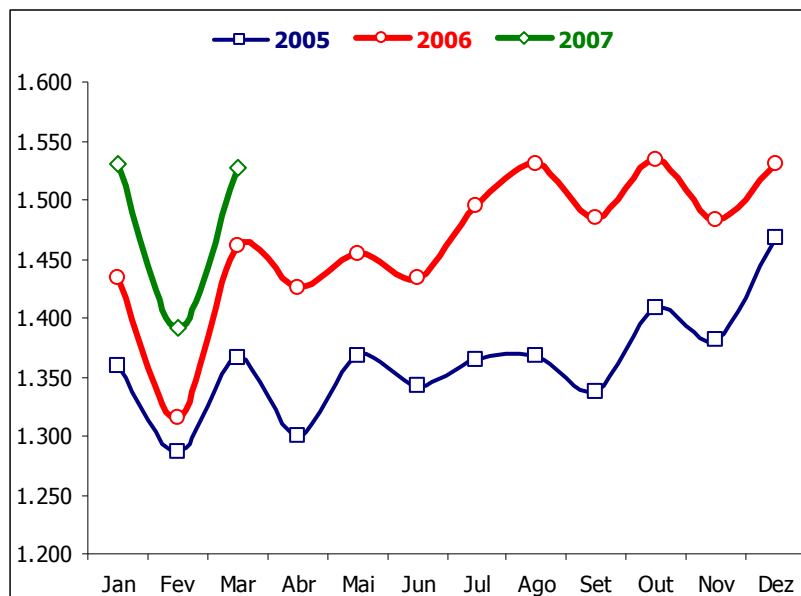
O número de consumidores residenciais alcançou 276.759 em março de 2007, representando um aumento de 6,2% no período de um ano ou 16.044 ligações novas. A estrutura do consumo por faixa mostra que aproximadamente 90% dos consumidores residenciais no estado consomem até 200 kWh/mês, sendo que 65% deles estão na faixa de 0 a 100 kWh/mês.

O consumo médio residencial no primeiro trimestre de 2007 atingiu 108,6 kWh/mês, 3,8% superior ao verificado no mesmo período de 2006.

3.1.2 Consumo Industrial

O consumo da classe industrial no Norte Interligado aumentou, comparativamente ao ano 2006, 5,7% no primeiro trimestre, com taxas mensais de 6,8% em janeiro, 5,8% em fevereiro e 4,5% em março. O crescimento em 12 meses findos em março se situou em 7,7%.

O comportamento mensal do consumo industrial no subsistema pode ser visualizado no Gráfico 14.

Gráfico 14 - Subsistema Norte: Consumo Industrial (GWh)

Fonte: EPE

O fornecimento da ELETRONORTE a indústrias localizadas no Maranhão e no Pará corresponde a aproximadamente 90% do consumo da classe industrial neste subsistema, assim afetando sobremaneira os resultados globais deste segmento do mercado.

Comparativamente ao ano 2006, o consumo atendido pela ELETRONORTE apresentou aumento de 4,4% no primeiro trimestre, sendo 2,0% no Pará e 7,3% no Maranhão. As taxas mensais referentes ao fornecimento total foram de 4,8% em janeiro, 4,3% em fevereiro e 4,1% em março.

O resultado no Pará está basicamente relacionado ao comportamento estável da carga da ALBRAS que, representando cerca de 80% do fornecimento da ELETRONORTE no estado, registrou variação de 0,4% no trimestre. Já no Maranhão, o crescimento no patamar de 7% do fornecimento total está associado à consolidação da ampliação da ALUMAR-Redução, que resultou em aumento de 6% do seu consumo, e também à retomada do consumo da CVRD-Pelotização que, num período de seis meses em 2006, iniciou sua produção por motivos de mercado.

Excluindo as cargas atendidas pela ELETRONORTE, o consumo industrial no Pará (área de concessão da distribuidora local) consolidou aumento de 8,0% no primeiro trimestre, com crescimentos de 11,6% em janeiro, 9,7% em fevereiro e 2,9% em março, todos os resultados em relação ao ano 2006. A expansão verificada se deu em consequência, principalmente, do crescimento de 18,9% nas atividades do ramo metalurgia básica e de 8,3% do ramo fabricação de produtos alimentícios e bebidas. Estes dois ramos juntos correspondem a 42% do fornecimento industrial total da distribuidora.

No Maranhão, o consumo industrial atendido pela distribuidora local (ou seja, exclusive cargas da ELETRNORTE) apresentou expansão significativa no trimestre, de 12,8%, com incrementos de 14,7% em janeiro, 12,7% em fevereiro e 11,1% em março. O crescimento consolidado no trimestre reflete, em grande parte, as expansões acumuladas de 17,2% do consumo do ramo fabricação de produtos não-metálicos e de 27,3% do ramo metalurgia básica, este último relacionado ao aumento na produção de ferro-gusa. Os dois ramos somados respondem por 45% do consumo industrial atendido pela distribuidora.

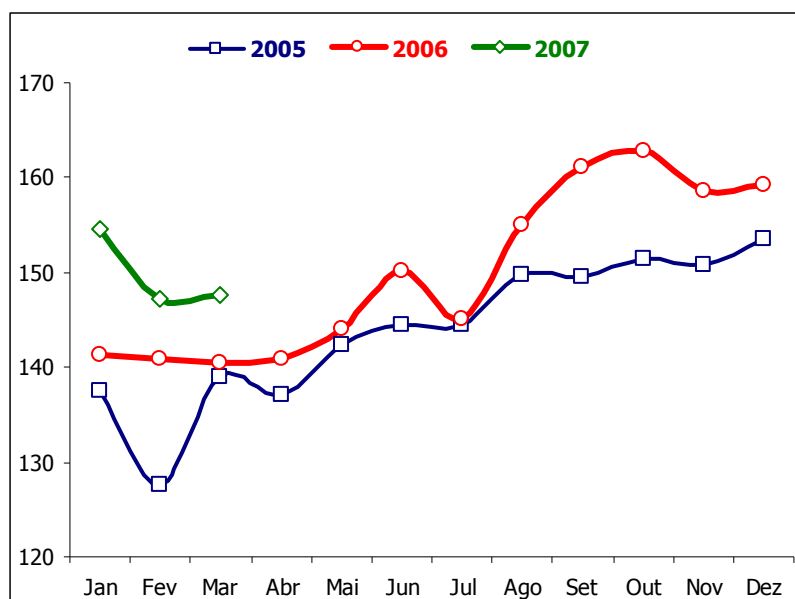
No Tocantins, o segmento industrial apresentou, em relação a 2006, aumento de 12,7% no primeiro trimestre, com taxas de 11,9% em janeiro, 7,1% em fevereiro e 18,4% em março. Este resultado é reflexo do início de recuperação das atividades econômicas do estado, após séria crise do agronegócio, principalmente aquelas ligadas aos ramos fabricação de produtos alimentícios e bebidas e fabricação de produtos cerâmicos e construção que apresentaram, ambos, crescimentos no patamar de 14%, respondendo, juntos, por 77% do consumo industrial no estado no trimestre.

3.1.3 Consumo Comercial

O consumo comercial de energia elétrica no Norte Interligado totalizou, no primeiro trimestre de 2007, 449 GWh, representando 7,3% do mercado total no período e indicando aumento de 6,3% ante 2006. Os dados apontam variações mensais de 9,5% em janeiro, 4,5% em fevereiro e 5,1% em março. A taxa anualizada em março foi de 4,6%.

Assim como para o consumo residencial, o desempenho do consumo comercial recebe bastante influência das condições climáticas, especialmente no que toca as temperaturas. Assim é que, no mês de janeiro, a classe apresentou consumo atipicamente elevado para a época do ano, principalmente em função do "veranico" ocorrido no Maranhão, conforme já citado.

O Gráfico 15 a seguir apresenta a evolução mensal da classe comercial no subsistema Norte desde 2005.

Gráfico 15 - Subsistema Norte: Consumo Comercial (GWh)

Fonte: EPE

No Pará, a classe comercial acumulou aumento de 6,3% no primeiro trimestre de 2007, com taxas de 7,8% em janeiro, 9,7% em fevereiro e 1,7% em março. Assim como no caso do consumo residencial, o consumo comercial no Pará vem apresentando retomada do crescimento, tendo também como um dos principais motivos o efeito multiplicador dos grandes projetos em implantação no estado, que faz surgir unidades comerciais e de serviços em seu entorno. Além disso, destacam-se os ganhos obtidos com o programa de redução de perdas posto em ação pela distribuidora local.

O baixo crescimento registrado no mês de março deveu-se, como já citado, a um período de temperaturas baixas e de muitas chuvas, reduzindo o consumo de energia elétrica nas instalações comerciais e de serviços devido ao uso menos intenso de sistemas de refrigeração.

A análise desagregada do consumo comercial no Pará mostra a participação expressiva dos ramos comércio varejista e serviços auxiliares diversos, totalizando cerca de 70% do total da classe no primeiro trimestre de 2007. Juntos, esses dois ramos apontaram crescimento no período de 6%. Outros ramos que também se destacaram foram comércio atacadista e radiodifusão e televisão, que aumentaram seus respectivos consumos em 8,5% e 7,4%, na mesma base de comparação.

O consumo comercial de energia elétrica no Maranhão apresentou crescimento trimestral de 5,5%, com variações de 11,2% em janeiro, -4,4% em fevereiro e 10,6% em março, todos esses resultados comparados ao ano 2006.

A evolução do segmento comercial no Maranhão vem refletindo a instalação de novos empreendimentos no estado, como o Shopping do Automóvel, duas grandes redes de

supermercados e uma grande loja de departamentos. O desempenho negativo em fevereiro deste ano decorreu de um ajuste de faturamento ocorrido em fevereiro de 2006, o que resultou num consumo faturado artificialmente elevado nesse mês.

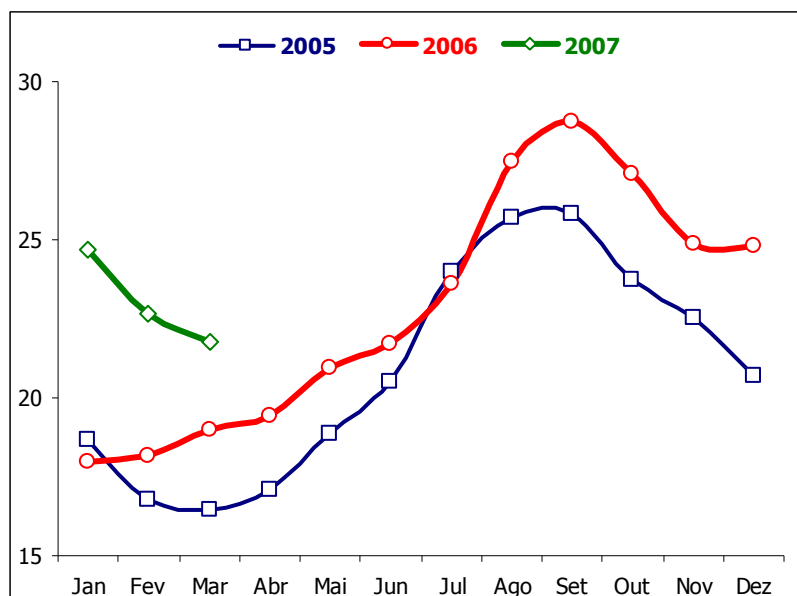
Por atividade, verifica-se que o consumo do ramo comércio e reparação de veículos automotores, que representa atualmente 52% do total da classe, apresentou expansão de 6,5% no trimestre. Dois outros ramos cresceram acima da média: atividades imobiliárias e aluguéis (15,5%) e outros serviços coletivos, sociais e pessoais (10,2%).

No Tocantins, o consumo comercial registrou, relativamente a 2006, aumento de 9,1% no trimestre, portanto o maior da classe no subsistema. As taxas mensais foram as seguintes: 13,0% em janeiro, 7,4% em fevereiro e 6,9% em março. O ramo comércio varejista e produtos alimentícios foi o destaque no trimestre, tendo evoluído 12,7% no período.

3.1.4 Consumo Rural e Demais Classes

O consumo rural no Norte Interligado não é representativo, correspondendo a apenas 1% do consumo total no subsistema. A classe somou um consumo de 69 GWh no primeiro trimestre de 2007, significando variação de 25,4% frente ao mesmo período do ano anterior. A evolução mensal desta classe, desde 2005, está presente no Gráfico 16.

Gráfico 16 - Subsistema Norte: Consumo Rural (GWh)



Fonte: EPE

No Pará, o consumo rural apresentou, relativamente a 2006, elevação de 30,5% no primeiro trimestre de 2007, impulsionado pelas ações do Programa Luz Para Todos no estado, que contribuíram para a inclusão de 24,5 mil consumidores rurais no intervalo de 12 meses findos em março, representando um aumento de 110%.

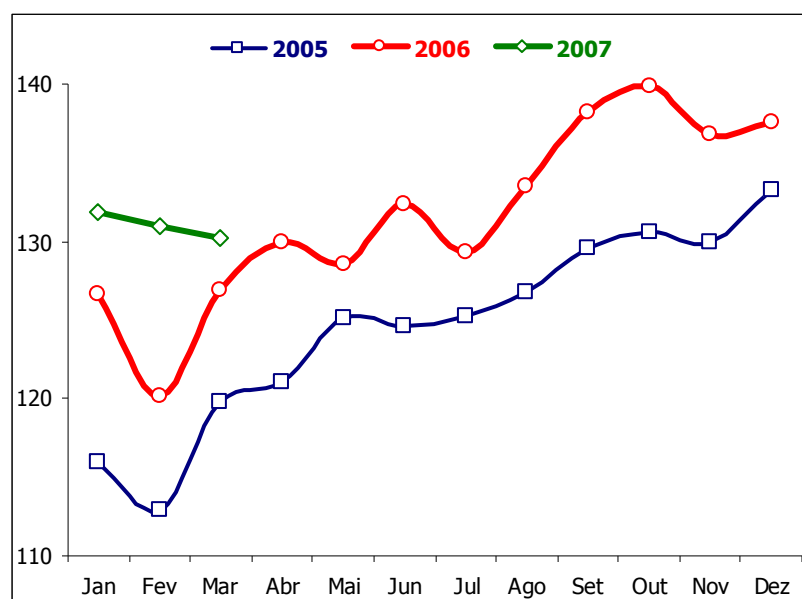
No Maranhão, a expansão do consumo rural foi de 18,2% no trimestre, com aumento de 5,0% no número de consumidores, que atingiu 61,8 mil em março de 2007, sendo que deste total 8,9 mil foram incluídos através do Programa Luz Para Todos.

O consumo rural no Tocantins apresentou incremento trimestral de 20,5%, refletindo o expressivo aumento de 31,7% na base de consumidores rurais, que atingiu, em março de 2007, 36,7 mil unidades.

O conjunto das demais classes de consumo - poder público, iluminação pública, serviço público e consumo próprio - totalizou 393 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 6,4% do mercado de fornecimento do subsistema e apontando, sobre o mesmo trimestre de 2006, crescimento de 5,2%.

Dentre essas classes, poder público apresentou o maior crescimento no período, de 6,0%. A evolução do agregado está ilustrada no Gráfico 17.

Gráfico 17 - Subsistema Norte: Outros Consumos (GWh)



Fonte: EPE

3.2 Subsistema Nordeste Interligado

O subsistema Nordeste Interligado, área de atuação da CHESF, compreende os estados da Região Nordeste à exceção do Maranhão.

O consumo total de energia elétrica no subsistema atingiu 12.615 GWh no primeiro trimestre de 2007, o que representou um aumento de 3,4% em relação ao mesmo período de 2006. As variações mensais foram de 5,9% em janeiro, 4,6% em fevereiro e -0,3% em março, e a taxa de crescimento em 12 meses findos em março se situou em 2,6%.

Tabela 19 - Subsistema Nordeste: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)

Item	2005	2006 ⁽¹⁾	TX%	I Trimestre			12 Meses ⁽²⁾		
				2006	2007	TX %	2006	2007	TX %
Residencial	12.264	12.771	4,1	3.224	3.460	7,3	12.323	13.007	5,6
Industrial	19.420	19.545	0,6	4.749	4.885	2,9	19.503	19.681	0,9
Comercial	7.033	7.294	3,7	1.848	1.951	5,6	7.110	7.398	4,0
Rural	2.771	2.808	1,3	746	709	-4,9	2.841	2.771	-2,5
Outros	6.168	6.518	5,7	1.639	1.609	-1,8	6.311	6.489	2,8
P. Público	1.885	2.028	7,6	522	494	-5,3	1.959	2.000	2,1
I. Pública	1.936	1.990	2,8	518	488	-5,8	1.976	1.960	-0,8
S. Público	2.081	2.229	7,1	533	559	4,9	2.109	2.255	6,9
Próprio	265	271	2,1	67	69	3,7	267	274	2,4
Total	47.656	48.936	2,7	12.206	12.615	3,4	48.088	49.346	2,6
Nº Cons. Residenciais (10 ³)	10.714	11.251	5,0	10.843	11.460	5,7	10.843	11.460	5,7
Nº Cons. Totais (10 ³)	12.497	13.087	4,7	12.652	13.335	5,4	12.652	13.335	5,4
Consumo médio residencial (*)	97,1	96,8	-0,3	99,5	101,4	1,9	94,7	94,6	-0,1
Consumo médio total (*)	324,1	318,3	-1,8	322,8	317,7	-1,6	316,7	308,4	-2,6

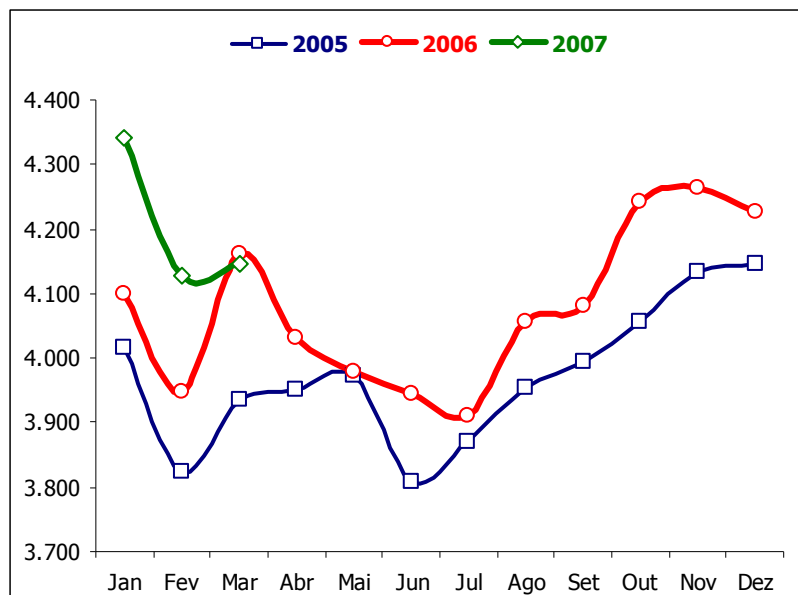
(1) Valor anual

(2) 12 meses findos em março

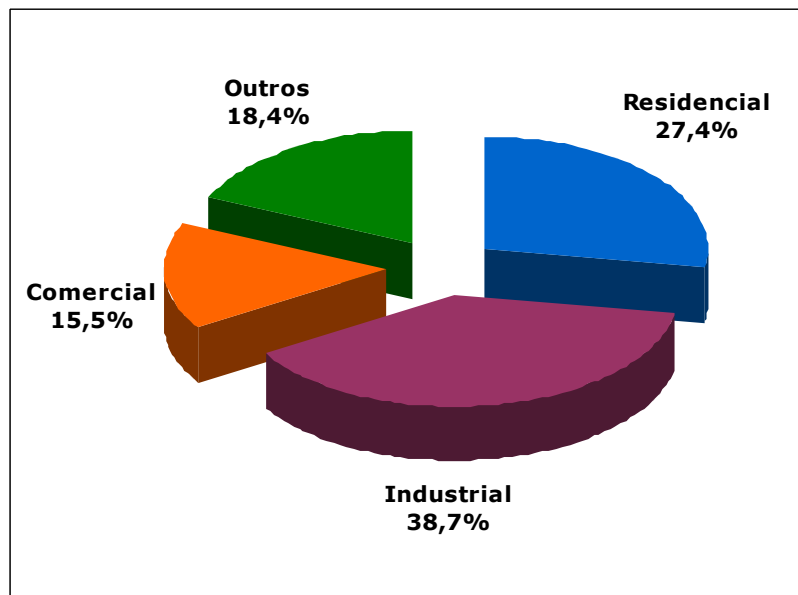
(*) kWh/mês, média os valores mensais do período

Fonte: EPE

O Gráfico 18 ilustra a evolução mensal, desde 2005, do consumo total no subsistema Nordeste e o Gráfico 19 seguinte, a sua repartição pelos principais segmentos do mercado, tendo como referência o consumo acumulado no primeiro trimestre de 2007.

Gráfico 18 - Subsistema Nordeste: Consumo Total (GWh)

Fonte: EPE

Gráfico 19 - Subsistema Nordeste: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007

Fonte: EPE

3.2.1 Classe Residencial

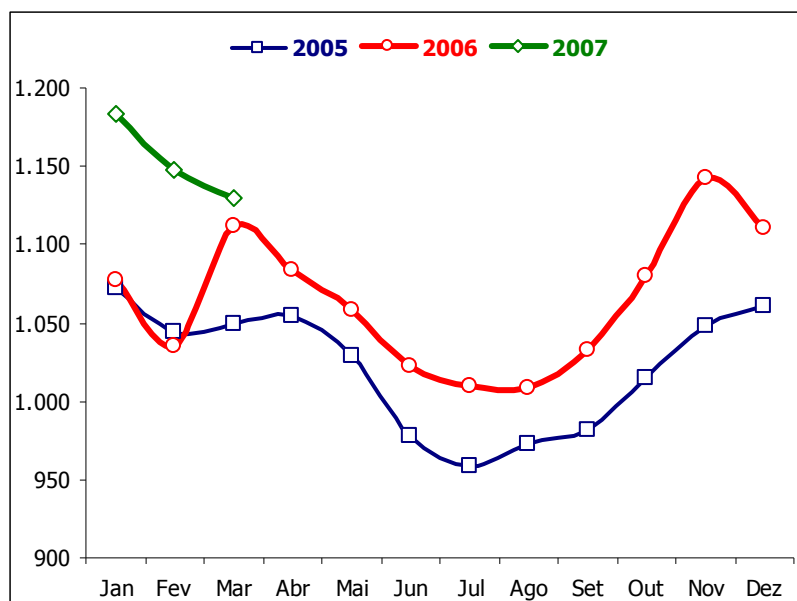
No primeiro trimestre de 2007, o consumo residencial de energia elétrica no Nordeste Interligado totalizou 3.460 GWh, representando 27,4% do mercado de fornecimento no subsistema e indicando crescimento de 7,3% em relação ao mesmo período de 2006. Os incrementos mensais foram de 9,8% em janeiro, 10,8% em fevereiro e 1,6% em março. A variação em 12 meses findos em março situou-se em 5,6%.

O baixo crescimento registrado em março refletiu um período de baixas temperaturas e chuvas abundantes e constantes em praticamente todas as capitais da região no mês de fevereiro (por conta do ciclo de faturamento) e do próprio março.

Assim como na área do Norte interligado, o consumo residencial no Nordeste também vem sendo afetado positivamente pelos programas de transferência de renda realizados pelo Governo Federal, assim como pelas ligações efetuadas através do Programa Luz para Todos.

A evolução mensal do mercado residencial no subsistema Nordeste está ilustrada no Gráfico 20.

Gráfico 20 - Subsistema Nordeste: Consumo Residencial (GWh)



Fonte: EPE

O melhor desempenho da classe residencial no subsistema Nordeste foi observado no Rio Grande do Norte, onde o consumo aumentou 12,8% no primeiro trimestre, com taxas de 18,7% em janeiro, 16,4% em fevereiro e 4,6% em março, resultados obtidos em relação ao ano de 2006.

Esse excelente resultado está relacionado a dois fatores, principalmente: (i) a compra pela distribuidora local de cooperativas rurais, processo que originou desmembramento de clientes, muitos dos quais migraram para a classe residencial e (ii) intensificação na implementação do Programa Luz para Todos, dada a antecipação do cumprimento da meta para o primeiro trimestre de 2007.

De fato, o número de consumidores residenciais cadastrados pela distribuidora local aumentou 5,4% num período de 12 meses (de março de 2006 a março de 2007), correspondendo a um acréscimo líquido de 42 mil contas residenciais, numa média de 3,5 mil ligações/mês.

Quanto ao consumo médio residencial, o valor médio no primeiro trimestre de 2007 foi de 120 kWh/mês, indicando o expressivo aumento de 7,0% quando comparado ao valor do mesmo período de 2006 (112 kWh/mês).

As informações desagregadas da classe residencial no Rio Grande do Norte mostram que a faixa de consumo compreendida entre 0 e 200 kWh/mês concentra 88% dos consumidores residenciais, cujo consumo corresponde a 62% do total da classe. Importante assinalar, por outro lado, que houve um aumento generalizado, com todas as faixas de consumo a partir de 101 kWh/mês apresentando aumento em dois dígitos, em contraposição ao crescimento de 2,3% na faixa de 0 a 100 kWh/mês.

Na Paraíba, o consumo da classe residencial apresentou, relativamente a 2006, crescimento de 10,1% no primeiro trimestre de 2007, com taxas de 11,1% em janeiro, 11,4% em fevereiro e 7,7% em março. Estes resultados estão influenciados pela ocorrência de um maior período no faturamento dos clientes atendidos em baixa tensão pelas duas distribuidoras que atuam no estado, cuja diferença chegou a ser de dois dias a mais no mês de março.

Essas mesmas distribuidoras estão pondo em prática ações visando aumentar a eficiência dos procedimentos comerciais, o que também tem gerado impactos positivos no faturamento da classe residencial. Ressaltam-se, ainda, os vários programas sociais de habitação e saneamento que estão sendo implantados no estado, contribuindo ainda mais para ampliar o consumo residencial.

O total de clientes residenciais no estado alcançou, em março de 2007, o número de 912 mil, indicando crescimento de 4,4% no período de um ano, o correspondente ao acréscimo líquido de 39 mil contas novas.

O consumo médio residencial na Paraíba revelou significativa melhora, passando de 89,3 para 94,1 kWh/mês (crescimento de 5,4%), considerando a média dos valores mensais no primeiro trimestre de 2006 e de 2007.

A análise da atual estrutura da classe residencial na Paraíba mostra que 66% dos consumidores residenciais estão enquadrados como baixa renda, sendo que o consumo correspondente representa 37% do total da classe.

O consumo residencial de energia elétrica na Bahia, que representa cerca de 30% do total da categoria no subsistema Nordeste – a maior participação por estado – aumentou, comparativamente a 2006, 8,3% no primeiro trimestre de 2007, com variações de 12,9% em janeiro, 12,2% em fevereiro e 0,3% em março. A taxa de crescimento praticamente nula em março foi, em grande parte, consequência das baixas temperaturas que ocorreram no bimestre fevereiro/março, juntamente com um maior volume de chuvas. Considerando a média das temperaturas médias nesses dois meses, a diferença entre o ocorrido em 2007 e 2006 foi de 1,5º Celsius a menos.

O número de consumidores residenciais faturados pela distribuidora da Bahia em março de 2007 alcançou o valor de 3.529 mil, representando o expressivo acréscimo de 6% frente a março de 2006, ou aumento de 200 mil contas residenciais na sua carteira de clientes.

O consumo médio residencial no primeiro trimestre de 2007 apontou o valor de 96,4 kWh/mês, aumentando 2,2% em relação ao que se registrou no mesmo período de 2006.

Por faixa de consumo, observa-se que 92% dos clientes residenciais na Bahia enquadram-se na faixa de 0 a 200 kWh/mês, sendo que destes 62% consomem até 80 kWh/mês. Em termos de consumo, a faixa de 0 a 200 kWh representa cerca de 60% do consumo residencial total e, a de 0 a 80 kWh/mês isoladamente, 38% do mesmo total.

No estado de Sergipe, os dados do consumo residencial de energia elétrica apontam, relativamente a 2006, crescimento no primeiro trimestre de 8,1%, com taxas mensais de 10,1% em janeiro, 11,0% em fevereiro e 3,6% em março.

O número de consumidores residenciais no estado alcançou 524 mil em março de 2007, significando um aumento de 4,7% no período de um ano ou o acréscimo líquido de 24 mil contas. O consumo médio residencial no primeiro trimestre de 2007 foi de 100,4 kWh/mês, valor 3,3% superior ao do mesmo período de 2006. Observe-se, contudo, que na área que engloba Aracaju esse indicador foi mais elevado, oscilando em torno dos 106 kWh/mês.

Em Sergipe, a faixa de consumo de 0 a 100 kWh/mês concentra 70% dos consumidores residenciais no estado, correspondendo a uma parcela de 37% do consumo residencial total. A faixa seguinte, de 101 a 200 kWh/mês, concentra mais 20% dos consumidores e uma parcela de 26% do consumo.

Em Pernambuco, o consumo da classe residencial totalizou 783 GWh no primeiro trimestre de 2007, constituindo-se no segundo maior mercado residencial do subsistema Nordeste, com a participação de 23%. O consumo registrado representou aumento de 5,8% em relação ao primeiro trimestre de 2006, com variações de 7,0% em janeiro, 12,4% em fevereiro e -1,1 em março. Mais uma vez, o resultado negativo em março refletiu a ocorrência de um grande volume de chuvas e de temperaturas mais baixas no período fevereiro/março, quando comparados ao ocorrido no mesmo período de 2006.

Por mudanças nos procedimentos comerciais referentes à emissão de contas a faturar, a carteira de clientes residenciais da distribuidora local registrou em março de 2007 o valor de 2.332 mil consumidores, apontando um aumento artificialmente elevado (crescimento de 10%) quando comparado ao valor constante para março de 2006 (2.112 mil).

Com base nesse número de consumidores residenciais, o consumo médio residencial no estado registrou o valor de 112,0 kWh/mês na média do primeiro trimestre de 2007, o que representou decréscimo de 4,1% em relação ao mesmo período de 2006.

A estrutura de distribuição do consumo residencial por faixa em Pernambuco evidencia a elevada participação de 66% dos clientes que consomem entre 0 e 100 kWh no mês, em média. O consumo dessa amostra representa uma parcela de 31% do consumo residencial total no estado.

O mercado residencial de energia elétrica do Ceará é o terceiro maior do subsistema Nordeste, com uma participação de aproximadamente 17%. O crescimento deste mercado no primeiro trimestre de 2007, relativamente a 2006, foi de 5,8%, sendo as taxas mensais no período de 6,5% em janeiro, 7,8% em fevereiro e 3,1% em março. O grande volume de chuvas, acarretando temperaturas médias mais baixas, também influenciou o consumo da classe no estado no mês de março.

O número de clientes residenciais totalizou 1.991 mil em março de 2007, aumentando 1,2% sobre o valor de igual mês de 2006. Desse total de consumidores, 62% (1.478 mil) são classificados como baixa renda.

A desagregação pelas diversas faixas de consumo mostra a participação em 74% (1.469 mil) dos consumidores residenciais com consumo entre 0 e 100 kWh/mês, sendo que desse total 24% (355 mil) consomem apenas até 30 kWh/mês.

O consumo médio residencial no Ceará apresentou o valor médio de 98,9 kWh/mês no primeiro trimestre de 2007, com um aumento de 4,5% contra o mesmo período de 2006.

Em Alagoas, a classe residencial consolidou um consumo de 188 GWh no primeiro trimestre de 2007, acusando aumento de 4,2% no período, com incrementos mensais de 4,7% em janeiro, 3,1% em fevereiro e 4,8% em março, resultados em comparação com o ano 2006. A taxa menor registrada em fevereiro se deu, em parte, pela ocorrência de uma temperatura média mais baixa na capital alagoana, que foi 2,8º Celsius inferior à registrada no mesmo mês do ano anterior.

No estado, o número de consumidores residenciais aumentou 4,7% no período de um ano, alcançando o valor de 673 mil ao final do primeiro trimestre de 2007. Entre março de 2006 e março de 2007, um total de 30 mil consumidores residenciais foi incorporado à carteira de clientes da distribuidora local, numa média de 2,5 mil ligações ao mês.

O consumo médio residencial, considerando a média dos valores mensais no primeiro trimestre de 2006 e de 2007, permaneceu praticamente inalterado (variação de -0,5%), situando-se no patamar de 93 kWh/mês.

Os dados desagregados da classe apontam uma concentração de 76% dos clientes residenciais na faixa de 0 a 100 kWh/mês e mais 16% na faixa de 101 a 200 kWh/mês, perfazendo 92% no total. O consumo desse conjunto de consumidores corresponde a uma parcela de 65% do total da classe residencial no estado alagoano.

Finalmente, no Piauí, o consumo residencial apresentou, com relação a 2006, taxa de crescimento de 7,5% no primeiro trimestre de 2007, totalizando, no período, um montante de 175 GWh.

O número de consumidores residenciais alcançou 675 mil em março de 2007, com um crescimento de 5,5% (35 mil contas) sobre março de 2006. O consumo médio residencial, na média do primeiro trimestre de 2007, foi de 86,3 kWh/mês, representando aumento de 2,1% na comparação com o mesmo período de 2006.

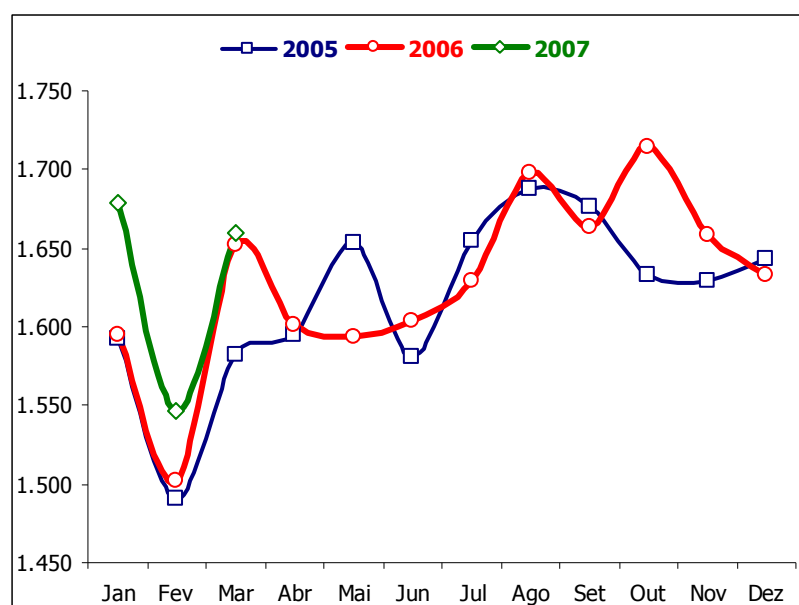
Do total de consumidores residenciais, 81% estão enquadrados na faixa de consumo de 0 a 100 kWh/mês, sendo responsáveis pela parcela de 46% do consumo residencial total no Piauí. A faixa seguinte, de 101 a 200 kWh/mês, concentra mais 14% dos consumidores residenciais e mais 24% do consumo da classe.

3.2.2 Consumo Industrial

O consumo industrial de energia elétrica no subsistema Nordeste acumulou, relativamente a 2006, crescimento de 2,9% no primeiro trimestre de 2007, com incrementos mensais de 5,2% em janeiro, 3,0% em fevereiro e 0,5% em março. A taxa referente a 12 meses findos em março foi de 0,9%.

O comportamento mensal do consumo industrial no subsistema está apresentado no Gráfico 21.

Gráfico 21 - Subsistema Nordeste: Consumo Industrial (GWh)



Fonte: EPE

O fornecimento da CHESF a consumidores industriais em diversos estados da região Nordeste corresponde a aproximadamente 40% do total do segmento no subsistema Nordeste. Tal fornecimento somou, no primeiro trimestre de 2007, 1.971 GWh, registrando variação nula em relação ao ano 2006. As variações mensais foram de 1,9% em janeiro, -2,4% em fevereiro e 0,3% em março.

O gênero metalúrgico representa 45% do mercado industrial da CHESF. Comparativamente ao primeiro trimestre de 2006, este gênero registrou queda de 2,4% no seu consumo, em função da redução (-23%) verificada no segmento siderúrgico, haja vista paralisação em grande indústria em alguns dias de fevereiro e março por problemas operacionais. Outra grande indústria do setor de ferro-ligas também influenciou o resultado consolidado do gênero, pois teve parada para manutenção de forno, que durou cerca de 20 dias no mês de fevereiro.

Por sua vez, o gênero químico participa com 53% no fornecimento industrial da CHESF. Esse gênero, composto por setores de soda-cloro, petroquímica e fertilizantes, apresentou

crescimentos modestos ao longo do trimestre, consolidando no período expansão de 1,9% em relação a 2006.

O Rio Grande do Norte revelou excelente desempenho no primeiro trimestre de 2007, consolidando expansão de 10,6% em relação ao mesmo período de 2006. Este resultado está ligado ao aumento das atividades da Petrobrás no estado, principalmente no Pólo de Guamaré. Diante disso, o consumo relativo ao ramo extração de petróleo e serviços correlatos, que correspondeu a 46% do mercado industrial atendido pela distribuidora local, apresentou crescimento de 28,6% no trimestre. Esse incremento mais que compensou a queda de 3,4% registrada no consumo do ramo têxtil e confecções, que representa mais 38% do fornecimento industrial da distribuidora.

O consumo industrial na Bahia atendido pela distribuidora local, ou seja, exclusive cargas atendidas pela CHESF, representou 17% do consumo industrial total no primeiro trimestre de 2007 no subsistema Nordeste. Tal consumo apontou crescimento acumulado de 2,4% em relação ao período janeiro-março de 2006.

Os ramos com maior participação no fornecimento industrial da distribuidora, fabricação de produtos alimentícios e bebidas e extração de petróleo e serviços correlatos (juntos correspondem a cerca de 30% da classe industrial), aumentaram seus respectivos consumos em 2% no período. O ramo produtos químicos (13% da classe) apresentou crescimento trimestral de 10,3%, favorecido pela entrada de uma nova carga em dezembro de 2006. O ramo fabricação de celulose e papel também apresentou bom desempenho, 8,2% no trimestre, refletindo, em parte, a ampliação de uma carga do setor em fevereiro deste ano 2007.

Em Pernambuco, encontra-se o segundo maior mercado industrial (exclusive as cargas atendidas pela CHESF) do subsistema Nordeste, com uma participação de 12%. O consumo industrial atendido pela distribuidora local aumentou 9,9% no primeiro trimestre de 2007, tendo como referência o mesmo período de 2006. A classe industrial sustentou crescimentos elevados em todos os meses: 8,5% em janeiro, 10,0% em fevereiro e 11,1% em março.

Por ramo de atividade, verificou-se aumento generalizado do consumo, exceção apenas dos setores de metalurgia (-5,2%) e material elétrico e comunicação (-0,3%). A indústria química se destacou com ampliação do consumo da ordem de 22%, acompanhando o forte crescimento da produção física deste ramo, de 16,9% de acordo com o IBGE. Destaca-se, ainda nesse caso, a inauguração de uma planta de resina PET e o retorno de fornecimento de energia elétrica a uma indústria do ramo que estava utilizando gás natural em 2006.

A indústria de bebidas foi outro destaque, apresentando um aumento do consumo de energia elétrica de 12% no trimestre. Contribuiu para esse aumento a instalação de uma nova indústria

no estado em dezembro de 2006, o que também teve influência no acréscimo de 6,3% da produção física do ramo alimentos e bebidas, segundo o IBGE.

O Ceará concentra o terceiro maior mercado industrial do subsistema Nordeste (exclusive fornecimento da CHESF), com uma participação em torno de 9%. O consumo industrial de energia elétrica atendido pela distribuidora local registrou crescimento de 1,8% no primeiro trimestre de 2007, relativamente a 2006. As taxas mensais foram de 2,5% em janeiro, 3,1% em fevereiro e -0,2% em março.

Ramo mais expressivo no mercado industrial da distribuidora, com representatividade de 34%, produtos têxtil acusou, comparativamente ao primeiro trimestre de 2006, queda de 0,9% no consumo de energia elétrica, devendo-se observar que a produção física deste setor acumulou no mesmo período redução de 12% pelos dados do IBGE. O ramo de minerais não-metálicos (13% do total da classe industrial) também apresentou queda do consumo, de 1,8%, notando-se que a produção deste setor, especificamente o segmento de cerâmicas, foi prejudicada pelas fortes chuvas ocorridas em fevereiro e março.

Assim, entre os maiores ramos em participação no mercado da distribuidora, apenas produtos alimentícios (16% da classe) aumentou seu consumo, em 5,8%, acompanhando o incremento de 3,8% da produção física deste setor.

Na Paraíba, os dados consolidados do consumo industrial de energia elétrica apontam acréscimo, sobre 2006, de 4,3% no primeiro trimestre deste ano 2007. Em janeiro o crescimento foi de 3,3%, em fevereiro de 0,9% e em março de 8,5%. O crescimento quase nulo em fevereiro decorreu da parada para manutenção durante 10 dias do mês de uma indústria têxtil e, contrariamente, a elevada taxa de 8,5% de março foi influenciada por uma base de comparação baixa, pois em março de 2006 uma grande carga de cimento também realizou parada programada para manutenção.

No acumulado do trimestre, o consumo do ramo têxtil representou 52% do mercado industrial total da Paraíba e consolidou ampliação de 3,5% relativamente a 2006. Segundo ramo em participação na estrutura do mercado industrial da Paraíba (31% no trimestre), fabricação de minerais não-metálicos aumentou o consumo em 5,5% no período. O ramo de calçados se destacou com incremento de 8,6% no consumo de energia elétrica, mas o impacto sobre o mercado total é reduzido dado que representa apenas 6% do mesmo. Neste ramo, destaca-se a presença da Alpargatas, produtora das sandálias Havaianas, em processo de ampliação de capacidade produtiva.

Em Sergipe a expansão do consumo industrial, relativamente a 2006, atingiu 7,8% no primeiro trimestre do ano, com taxas mensais de 15,7% em janeiro, 12,8% em fevereiro e -4,4% em março. A duplicação da linha de produção de uma importante indústria de cimento

foi um dos fatores que mais impactaram o consumo industrial no estado. Assim, o ramo fabricação de cimento, que representa 35% do mercado industrial sergipano, apresentou expansão de 34% no trimestre.

Por outro lado, um grande consumidor da área de mineração deixou de ser atendido em 69 kV pelo sistema de distribuição da distribuidora local, transferindo-se, em março, para a Rede Básica em 230 kV, o que explica o resultado negativo do consumo industrial total neste mês e a queda de 26% no consumo do ramo extração de minerais não-metálicos.

Em Alagoas o consumo industrial atendido pela distribuidora local aumentou, na comparação com 2006, 1,4% no primeiro trimestre, com variações de 3,1% em janeiro, -0,4% em fevereiro e 1,3% em março. Observe-se que os ramos mais representativos no mercado industrial da empresa, fabricação de produtos e preparados químicos (23% do total da classe), extração de petróleo e serviços correlatos (20%) e fabricação de cimento (13%) apresentaram queda em seus consumos, de respectivamente 1,2%, 0,3% e 1,8%. Os destaques positivos vieram de tecelagem, aumento de 5,1%, e fabricação de outros produtos alimentícios, expansão de 6,2%.

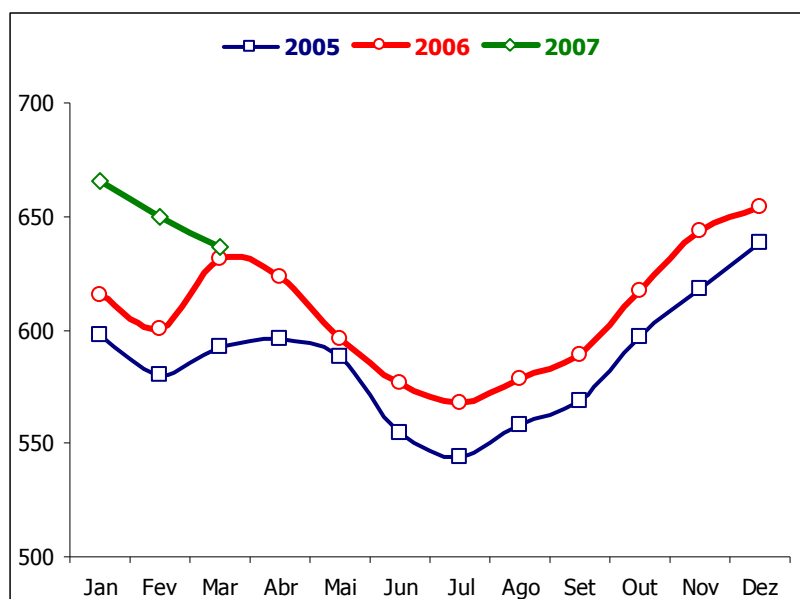
Finalmente, na comparação com 2006, o consumo industrial no Piauí apresentou crescimento no primeiro trimestre de 10,6%, com taxas mensais de 5,6% em janeiro, 24,7% em fevereiro e 1,3% em março. Deve-se observar que os resultados comparativos do mercado faturado em 2006 e 2007 merecem ser relativizados, tendo em vista problemas decorrentes do processo de migração do sistema de faturamento da distribuidora.

3.2.3 Consumo Comercial

O consumo comercial de energia elétrica no subsistema Nordeste totalizou, no primeiro trimestre de 2007, 1.951 GWh, representando 15% do mercado de fornecimento no subsistema e 13% do total nacional da categoria. Relativamente ao ano 2006, o crescimento deste consumo no período foi de 5,6%, com incrementos mensais de 8,1% em janeiro, 8,2% em fevereiro e 0,7% em março. A taxa de crescimento em 12 meses findos em março foi de 4,0%.

Convém ressaltar que as observações feitas anteriormente acerca dos efeitos da temperatura, do índice pluviométrico e da renda no consumo de energia elétrica residencial também se aplicam à análise do desempenho do consumo comercial.

O Gráfico 22 apresenta a evolução mensal do consumo comercial no subsistema Nordeste desde 2005.

Gráfico 22 - Subsistema Nordeste: Consumo Comercial (GWh)

Fonte: EPE

Os estados Rio Grande do Norte e Paraíba lideraram a expansão do mercado comercial de energia elétrica no Nordeste interligado, ambos com taxa de crescimento, relativamente a 2006, de 8,2% no primeiro trimestre.

No Rio Grande do Norte, os incrementos mensais do consumo no período foram com de 11,5% em janeiro, 8,4% em fevereiro e 5,0% em março. O setor de comércio e serviços vem revelando bom desempenho desde o ano passado no estado potiguar. Por ramo de atividades, o comércio varejista, que responde por 45% do total da classe, aumentou seu consumo em 7,0% no trimestre. O setor alojamento e alimentação, que responde por mais 22% da classe, apresentou aumento de 2,0% no mesmo período, devendo-se lembrar que este ramo já havia apresentado forte expansão em 2006 (crescimento de 7,8%).

Na Paraíba, os crescimentos mensais no primeiro trimestre foram de 9,6% em janeiro, 5,4% em fevereiro e 9,5% em março. O ramo comércio atacadista e varejista, que corresponde a 31% do total da classe, aumentou seu consumo em 4,3%, destacando-se uma forte expansão (13,4%) em Campina Grande, para o que contribuiu a inauguração de novas lojas em grande shopping da cidade.

Correios e telecomunicações, que aparece como o segundo maior ramo isolado em participação no consumo comercial (8%), apresentou crescimento acumulado de 5,0% no trimestre. Por sua vez, o segmento alojamento e alimentação (7% da classe) obteve acréscimo de 10,2% no período, ligado ao desenvolvimento do setor hoteleiro, com o surgimento de hotéis e pousadas no litoral da capital e também de um novo hotel em Campina Grande, inaugurado em abril de 2006. Ainda que com pequena representatividade, deve-se destacar o desempenho do ramo

atividades de ensino, crescimento de 10%, refletindo o surgimento de várias instituições universitárias.

O consumo comercial de energia elétrica da Bahia se constitui no maior do subsistema Nordeste, com uma participação de aproximadamente 30%. Comparativamente ao ano 2006, tal consumo registrou expansão de 4,8% no primeiro trimestre de 2007. Principais ramos de atividade no mercado comercial baiano em termos de consumo de energia elétrica, comércio varejista (23% do total da classe) cresceu 3,5% no período, alojamento e alimentação (mais 17%) aumentou o consumo em 2,1% e correio e telecomunicações (8%) em 3,1%.

Pernambuco apresenta o segundo maior mercado comercial de energia elétrica no subsistema Nordeste, com participação de 23% no acumulado do primeiro trimestre de 2007. Nesse período, o consumo da classe no estado somou 443 GWh, representando crescimento de 4,0% ante 2006. Mensalmente, os incrementos foram de 5,6% em janeiro, 6,2% em fevereiro e 0,5% em março. Assim como para o consumo residencial, esse fraco resultado em março refletiu, em grande parte, o menor uso de sistema de refrigeração em virtude das temperaturas mais baixas e chuvas intensas.

O ramo comércio atacadista e varejista, que representa 37% do consumo total da classe comercial, registrou aumento de 9,3% em seu consumo. Por outro lado, serviços comerciais e alojamento e alimentação, cujas participações são de 20% e 11% respectivamente, registraram variação negativa no trimestre, anotando taxas de -0,7%, o primeiro, e -1,1% o segundo.

No Ceará, o consumo de energia elétrica pela classe comercial, terceiro em participação no total da categoria no Nordeste interligado, aumentou, frente ao ano 2006, 3,7% no primeiro trimestre de 2007, com taxas de 3,7% em janeiro, 7,2% em fevereiro e 0,3% em março. O segmento comércio varejista (35% da classe) apresentou crescimento acumulado no trimestre de 4,7% em seu consumo. Já o ramo serviços de telecomunicações (7% da classe) aumentou seu consumo em 1,8% no período, enquanto comércio atacadista (6% da classe) e serviços de transporte (3%) revelaram as maiores taxas trimestrais de crescimento, respectivamente 7,4% e 9,4%.

Em Sergipe, o consumo comercial de energia elétrica somou 126 GWh no primeiro trimestre de 2007, indicando expansão de 5% sobre 2006 e crescimentos mensais de 4,4% em janeiro, 7,7% em fevereiro e 2,6% em março. O ramo que agrega o comércio varejista com área de venda superior a 5.000 m² e hipermercados representou 10% do total da classe e registrou queda de 4% no consumo de energia elétrica. Este resultado negativo está basicamente relacionado com a instalação de geração própria, 2.600 kW no período das 10h00 às 22h00, em grande shopping da capital sergipana a partir de agosto de 2006. Os segmentos telecomunicações (7% da classe), atividades de atenção à saúde (6%) e estabelecimentos

hoteleiros e alojamento (5%) apresentaram crescimento, com taxas respectivas de 3,3%, 5,1% e 4,0%.

O consumo comercial de energia elétrica em Alagoas cresceu 6,9% no primeiro trimestre de 2007, quando comparado com o verificado em 2006 no mesmo período. As taxas mensais foram de 12,0% em janeiro, 10,1% em fevereiro e -1,3% em março. O ramo comércio varejista, cujo consumo representou 32% do total da classe no trimestre, apresentou crescimento de 8,8%. Os ramos seguintes em participação, comércio atacadista (17% da classe) e estabelecimentos hoteleiros (9,0%), registraram expansões de respectivamente 1,4% e 3,1%.

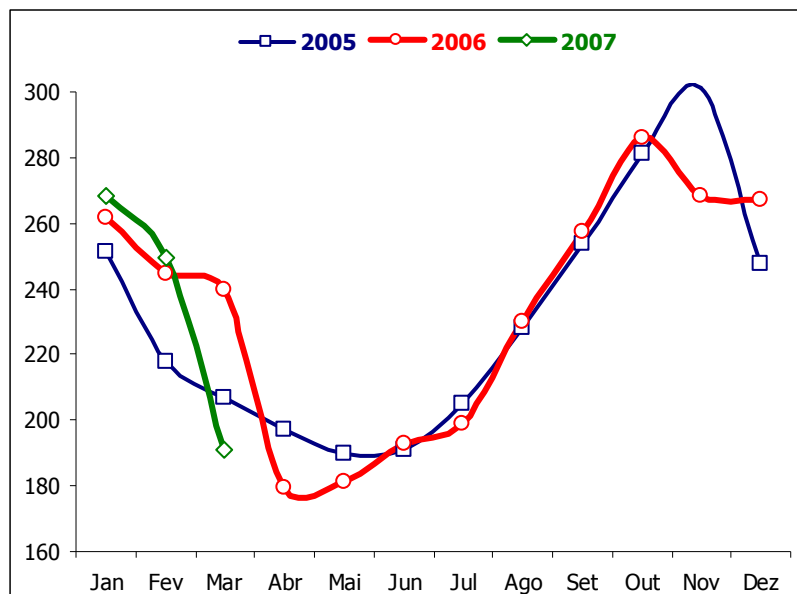
Finalmente, o consumo comercial de energia elétrica no Piauí no primeiro trimestre de 2007 somou 82 GWh, indicando aumento de 6,3% ante 2006. Os crescimentos foram de 8,9% em janeiro, 9,5% em fevereiro e 0,2% em março. A migração de sistema de faturamento não permitiu a análise do consumo comercial por ramo de atividade.

3.2.4 Consumo Rural e Demais Classes

O consumo rural de energia elétrica no Nordeste interligado totalizou 709 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 5,6% do mercado de fornecimento no subsistema. Relativamente a 2006, o consumo acusou redução de 4,9%. Devido às chuvas intensas ocorridas no início deste ano, o consumo em irrigação foi reduzido na região, fazendo com que alguns estados tenham apresentado taxas negativas no período, entre eles Bahia, Sergipe, e Pernambuco.

O Rio Grande do Norte também apresentou redução do consumo, da ordem de 6%, em função de dois fatores, principalmente: (i) a compra pela distribuidora local de cooperativas rurais, processo que originou desmembramento de clientes, muitos dos quais migraram para a classe residencial e (ii) a crise do segmento de carcinicultura, em função do câmbio valorizado já que é fundamentalmente voltado para a exportação.

A evolução mensal do consumo rural desde 2005 está presente no Gráfico 23.

Gráfico 23 - Subsistema Nordeste: Consumo Rural (GWh)

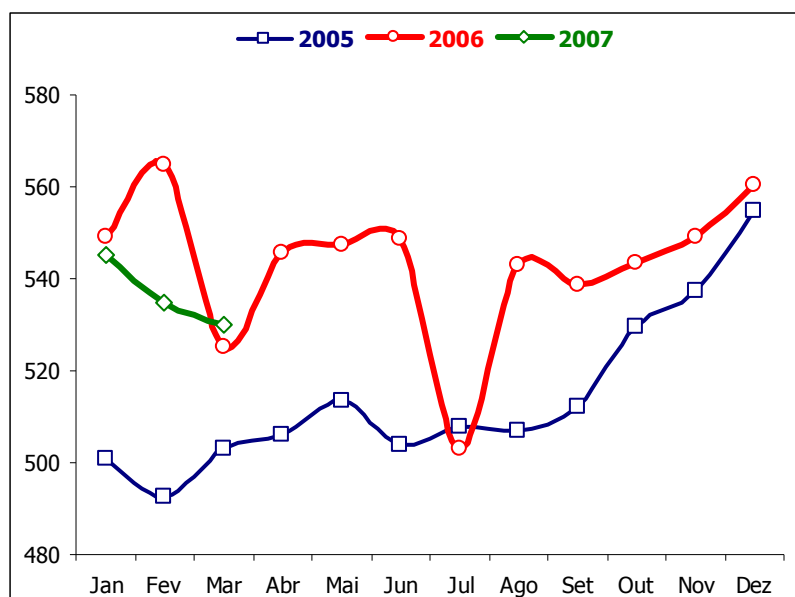
Fonte: EPE

O conjunto das demais classes de consumo - poder público, iluminação pública, serviço público e consumo próprio - totalizou 1.609 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 12,8% do mercado de fornecimento do subsistema e apontando, sobre o mesmo período de 2006, queda de 1,8%.

Essa queda decorreu de desempenhos negativos nas classes poder público e iluminação pública que, porém, devem ser relativizados já que refletem, exclusivamente, mudanças no sistema de faturamento de grande distribuidora da região buscando adequar o ciclo de leitura dessas classes.

O segmento serviço público, por outro lado, registrou aumento do consumo de 4,9% no trimestre, observando-se evolução positiva em todos os estados da região.

No Gráfico 24 que se segue é ilustrada a trajetória mensal do consumo do agregado em análise desde 2005.

Gráfico 24 - Subsistema Nordeste: Outros Consumos (GWh)

Fonte: EPE

3.3 Subsistema Sudeste/Centro-Oeste Interligado

O subsistema Sudeste/Centro-Oeste compreende todos os estados de ambas as regiões. O consumo total de energia elétrica no subsistema totalizou 53.947 GWh no primeiro trimestre de 2007, o que corresponde a 59% do mercado de fornecimento no Sistema Interligado Nacional.

O montante representou um aumento acumulado de 3,8% em relação ao mesmo período de 2006 e as taxas mensais foram de 5,1% em janeiro, 1,9% em fevereiro e 4,4% em março. O crescimento em 12 meses findos em março alcançou 3,4%.

Os dados referentes ao mercado de fornecimento neste subsistema estão apresentados na Tabela 20.

Tabela 20 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)

Item	2005 ⁽¹⁾	2006 ⁽¹⁾	TX%	I Trimestre			12 Meses ⁽²⁾		
				2006	2007	TX %	2006	2007	TX %
Residencial	51.167	53.321	4,2	13.421	14.148	5,4	51.855	54.045	4,2
Industrial	90.943	93.922	3,3	22.538	23.256	3,2	91.831	94.625	3,0
Comercial	33.979	35.681	5,0	9.203	9.656	4,9	34.633	36.132	4,3
Rural	6.978	7.186	3,0	1.552	1.537	-1,0	7.108	7.171	0,9
Outros	20.674	21.409	3,6	5.228	5.350	2,3	20.979	21.531	2,6
P. Público	5.706	5.948	4,2	1.428	1.515	6,1	5.783	6.035	4,4
I. Pública	6.194	6.301	1,7	1.568	1.559	-0,6	6.275	6.291	0,3
S. Público	7.735	7.971	3,0	1.966	1.999	1,7	7.810	8.004	2,5
Próprio	1.038	1.188	14,5	265	278	4,9	1.111	1.201	8,1
Total	203.739	211.519	3,8	51.940	53.947	3,9	206.403	213.504	3,4
Nº Cons. Residenciais (10 ³)	26.887	27.942	3,9	27.451	28.124	2,5	27.451	28.124	2,5
Nº Cons. Totais (10 ³)	30.929	32.179	4,0	31.562	32.418	2,7	31.562	32.418	2,7
Consumo médio residencial (*)	160,5	160,8	0,2	163,5	168,0	2,8	157,4	160,1	1,7
Consumo médio total (*)	555,5	554,5	-0,2	550,5	556,1	1,0	545,0	548,8	0,7

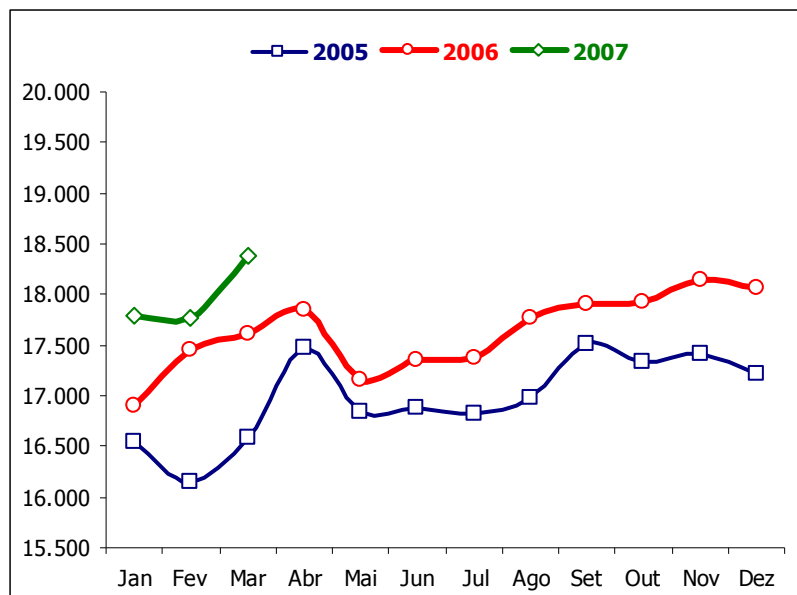
(1) Valor anual

(2) 12 meses findos em março

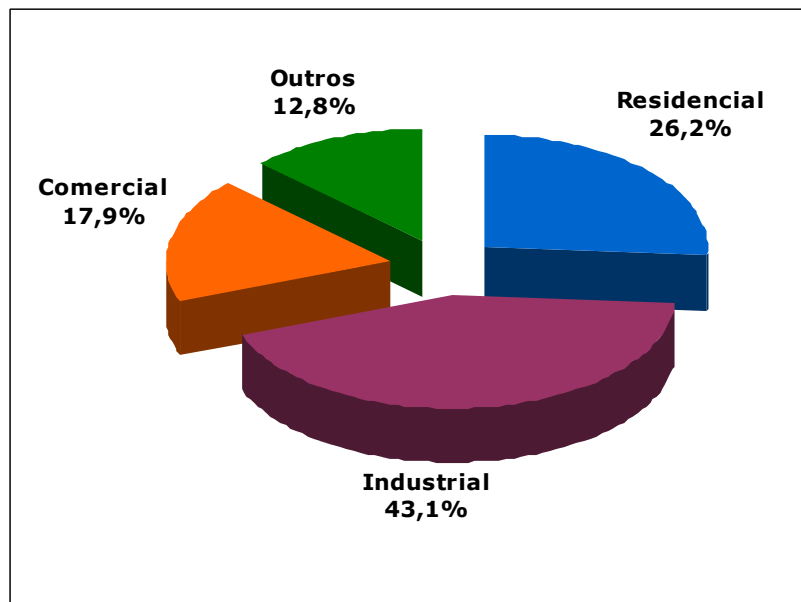
(*) kWh/mês, média os valores mensais do período

Fonte: EPE

O Gráfico 25 ilustra a evolução mensal, desde 2005, do consumo total no subsistema Sudeste/Centro-Oeste e o Gráfico 26 a sua repartição pelos principais segmentos do mercado, tendo como referência o consumo acumulado no primeiro trimestre de 2007.

Gráfico 25 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Total (GWh)

Fonte: EPE

Gráfico 26 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007

Fonte: EPE

3.3.1 Consumo Residencial

O consumo residencial no Subsistema Sudeste/Centro-Oeste totalizou, no primeiro trimestre de 2007, 14.148 GWh, representando 26% do mercado total de fornecimento no subsistema e 62% do total da classe em nível nacional. O montante registrado apontou aumento de 5,4%

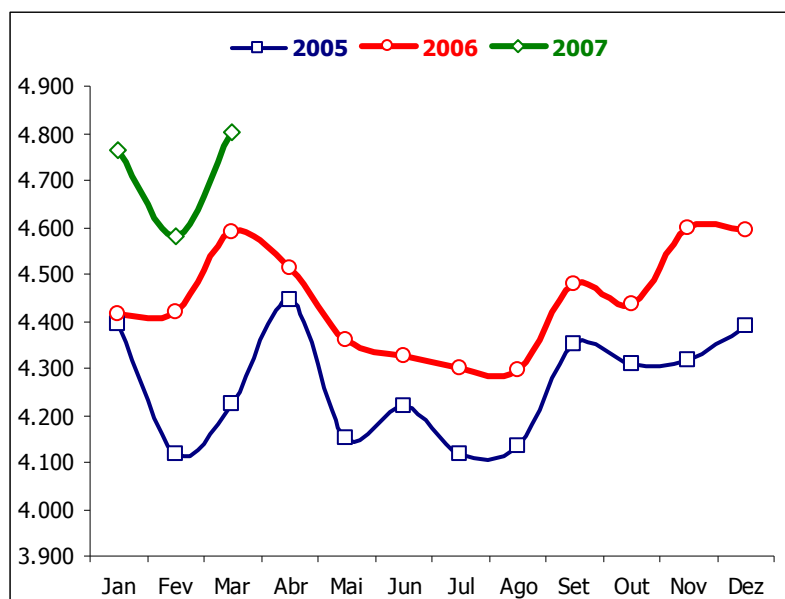
sobre o mesmo período de 2006, com variações mensais de 7,7% em janeiro, 3,7% em fevereiro e 4,7% em março. Considerando o resultado acumulado em 12 meses findos em março, o crescimento do consumo no subsistema foi de 4,2%.

Em março de 2007, o número de consumidores residenciais cadastrados no subsistema Sudeste/Centro-Oeste alcançou 28.124 mil, representando crescimento anual de 2,5%, o correspondente a um aumento líquido de 673 contas (56 mil/mês, em média).

O consumo médio residencial no subsistema, calculado pela média dos valores mensais no primeiro trimestre de 2007, registrou o valor de 168,0 kWh/mês, apontando aumento de 2,8% em relação ao verificado em 2006. Considerando os valores acumulados em 12 meses findos em março de 2006 e 2007, o indicador passa de 157,4 para 160,1 kWh/mês, um aumento de 1,7%.

O comportamento mensal do consumo residencial no subsistema em análise pode ser visualizado no Gráfico 27.

Gráfico 27 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Residencial (GWh)



Fonte: EPE

Na região Centro-Oeste, o consumo residencial de energia elétrica registrou, relativamente a 2006, aumento de 5,7% no primeiro trimestre de 2007. O número de consumidores residenciais na região evoluiu de 3.487 mil, em março de 2006, para 3.612 mil em março de 2007, significando um acréscimo de 3,6%, ou seja 125 mil contas a mais no período de um ano. Por sua vez, o consumo médio residencial passou de 152,5 para 155,7 kWh/mês na passagem de 2006 para 2007, tendo como referência a média dos valores mensais em cada primeiro trimestre dos dois anos.

No Distrito Federal, a expansão do consumo residencial no primeiro trimestre de 2007 foi de 8,7% (a maior taxa da classe no Centro-Oeste), com incrementos de 10,8% em janeiro, 4,0% em fevereiro e 11,4% em março. Os consumidores residenciais somaram 658 mil ao final de março de 2007, indicando aumento de 3,8% (mais 24 mil contas) no período de um ano. O consumo médio residencial alcançou 207 kWh/mês no primeiro trimestre de 2007, o maior valor para esse indicador no Brasil.

Ainda com relação ao Distrito Federal, vale ressaltar a influência, no crescimento do consumo residencial, da construção de novos condomínios de classe média alta, portanto de elevado padrão de consumo. Por faixa de consumo, verifica-se que os consumidores enquadrados na faixa de 0 a 100 kWh/mês representam 25,8% do total, a mais baixa participação desse segmento entre as distribuidoras do País. Já a faixa de 201 a 300 kWh/mês concentra 21% do total de consumidores residenciais, a maior participação desse segmento também no Brasil.

O consumo residencial de energia elétrica na área interligada do Mato Grosso apresentou, em relação a 2006, aumento no primeiro trimestre 7,8%, com incrementos de 10% em janeiro, 4,5% em fevereiro e 8,9% em março.

O número de consumidores residenciais aumentou 4,9% entre março de 2006 e março de 2007, representando um acréscimo líquido de 30 mil contas no período. O consumo médio residencial foi de 180,6 kWh/mês na média do primeiro trimestre de 2007, superando em 3,5% o verificado no mesmo período de 2006.

Em Goiás, o consumo residencial totalizou 645 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 39% do total da classe no Centro-Oeste. Os incrementos mensais foram de 6,1% em janeiro, 6,6% em fevereiro e 0,4% em março. Os consumidores residenciais somaram 1.668 mil em março de 2007, 3,0% (49 mil contas) a mais que no mesmo mês de 2006. O consumo médio residencial foi de 129 kWh/mês na média do primeiro trimestre de 2007, com um aumento de 1,3% frente ao valor correspondente de 2006.

A desagregação do consumo residencial em Goiás mostra que 51% dos consumidores residenciais estão na faixa de zero a 100 kWh/mês e que são responsáveis por uma parcela de 23% do consumo residencial total.

Finalmente, o consumo residencial de energia elétrica no Mato Grosso do Sul apresentou crescimento de 2,2% no primeiro trimestre de 2007, em relação ao mesmo período de 2006. As taxas mensais de crescimento desse consumo foram de 4,7% em janeiro, -0,9% em fevereiro e 2,8% em março.

Apesar de ainda baixo, o crescimento do consumo residencial no estado está associado à retomada da renda do consumidor residencial frente ao período crítico da crise nos agronegócios.

Em janeiro, a temperatura na capital sul-mato-grossense foi 2,4° C inferior à de janeiro de 2006, enquanto a de março foi 3,2° C superior. Na média do trimestre, as diferenças se compensaram, de forma que a temperatura se manteve praticamente no mesmo patamar nos dois anos, com diferença de + 0,5° C.

Dessa forma, a expansão do consumo residencial no estado até o momento foi determinada basicamente pelo acréscimo de 4,2% no número de contas (23 mil), já que o consumo médio residencial sofreu queda de 2,1% na passagem de 2006 para 2007, considerando os valores médios no primeiro trimestre de cada ano.

Através da desagregação do consumo residencial, observa-se que 47% dos consumidores residenciais estão concentrados na faixa de zero a 100 kWh/mês, correspondendo a uma parcela de 20% do consumo residencial total. A faixa de 101 a 200 kWh/mês compreende mais 34% dos consumidores e 33% do consumo da classe residencial.

A região Sudeste apresentou, para o consumo residencial de energia elétrica, expansão de 5,3% no primeiro trimestre de 2007. Este crescimento foi resultado do acréscimo de 2,3% no número de consumidores residenciais entre março de 2006 e março de 2007 e de 2,9% no consumo médio residencial, considerada a média dos valores mensais do primeiro trimestre dos dois anos.

O Espírito Santo consolidou, relativamente a 2006, aumento do consumo residencial de 8,2% no primeiro trimestre de 2007, com taxas de 19,9% em janeiro, 2,2% em fevereiro e 2,8% em março. O resultado no mês de janeiro, que terminou por influenciar em demasiado a taxa acumulada do trimestre, decorreu de uma base de comparação excessivamente baixa, pois em janeiro de 2006 foi feito um ajuste no faturamento de grande distribuidora do estado. Com relação ao clima, pode-se inferir que houve influência negativa de uma temperatura média 2° Celsius mais baixa em fevereiro deste ano 2007.

O número de consumidores residenciais no estado capixaba aumentou 2,3%, na comparação entre março de 2007 e de 2006, e o consumo médio residencial atingiu 158 kWh/mês no

período, com crescimento de 5,8% em relação ao primeiro trimestre de 2006, devendo-se lembrar, neste resultado, o consumo faturado artificialmente elevado em janeiro.

No estado de São Paulo houve aumento de 6,4% do consumo residencial no primeiro trimestre de 2007, com taxas mensais de 8,5% em janeiro, 5,7% em fevereiro e 4,9% em março. O número de consumidores residenciais totalizou 12.644 mil ao final de março de 2007, acusando aumento de 2,6% em relação ao mesmo mês de 2006.

De uma forma geral, o consumo residencial de energia elétrica no estado de São Paulo vem sendo impulsionado pela expansão do emprego, da renda e do crédito que, juntamente com o câmbio valorizado, tem estimulado a aquisição de eletroeletrônicos pelas famílias. Porém, outros fatores também influenciaram o nível do consumo paulista neste primeiro trimestre de 2007. Entre eles, pode-se destacar:

- calendário de leitura com maior números de dias em relação ao primeiro trimestre de 2006 em duas distribuidoras do estado;
- temperaturas máximas mais altas na capital paulista e médias mais elevadas em importantes áreas do interior do estado;
- reclassificação de consumidores de alto padrão de consumo para a classe residencial e regularização de ligações clandestinas em grande distribuidora do estado.

O consumo médio residencial no estado paulista assinalou o valor médio no primeiro trimestre de 2007 de 190,7 kWh/mês, 3,4% superior ao valor correspondente de 2006 (184,5 kWh/mês). Deve-se registrar que na área que compreende a capital paulista, este indicador alcança o valor de 210 kWh/mês.

Tomando como base o mercado residencial de algumas distribuidoras que atuam no estado de São Paulo, cujo consumo representa cerca de 84% do total, verifica-se que 66% dos consumidores estão situados na faixa de zero a 200 kWh/mês, sendo que destes aproximadamente 25% consomem até 100 kWh/mês.

No Rio de Janeiro, o consumo residencial consolidou, frente ao ano 2006, crescimento de 4,0% no primeiro trimestre de 2007. Em janeiro deste ano as diversas frentes frias fizeram baixar a temperatura média no estado, que ficou 1,8° C inferior à correspondente de 2006. Este fato se refletiu no faturamento do mês de fevereiro, quando o consumo registrou queda de 2% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Outro fato que influenciou negativamente no resultado apresentado para o consumo residencial no Rio de Janeiro diz respeito ao período de faturamento que, na média do trimestre deste ano, teve um dia a menos que em 2006.

O número de consumidores residenciais faturados pelas distribuidoras em março de 2007 foi 5.495 mil, apontando, sobre março de 2006, aumento de 1,0%, correspondente à incorporação de 56 mil contas em um ano. O consumo médio residencial no primeiro trimestre de 2007 assinalou o valor de 180 kWh/mês, 3% superior aos 175 kWh/mês registrados no mesmo período de 2006. Na área de concessão em que se encontra a capital carioca, o consumo médio residencial atingiu 195 kWh/mês na média do período janeiro-março de 2007.

Tendo em vista alteração no sistema de faturamento das distribuidoras, não foi possível disponibilizar os resultados da classe residencial no Rio de Janeiro desagregados por faixa de consumo.

Em Minas Gerais, os dados referentes ao consumo residencial de energia elétrica apontam expansão de 2,4% no primeiro trimestre de 2007, com variações mensais de 4,7% em janeiro, 5,7% em fevereiro e -2,8% em março, resultados comparados aos períodos correspondentes de 2006.

O número de consumidores residenciais faturados totalizou 5.349 mil em março de 2007, aumentando 2,9% (149 mil contas) no período de um ano. O consumo médio residencial no estado mineiro vem mantendo-se estável nos últimos três anos, situando-se no patamar de 111 kWh/mês.

Deve-se registrar que Belo Horizonte tem se apresentado como a capital brasileira com maior uso de energia solar nas residências.

Por faixa de consumo, verifica-se a expressiva participação de 57% dos consumidores que estão dentro da faixa de zero a 100 kWh/mês, os quais correspondem a uma parcela de cerca de 30% do consumo residencial total. A faixa seguinte, de 101 a 200 kWh/mês, agrega mais 32% dos consumidores residenciais, concentrando 40% do consumo.

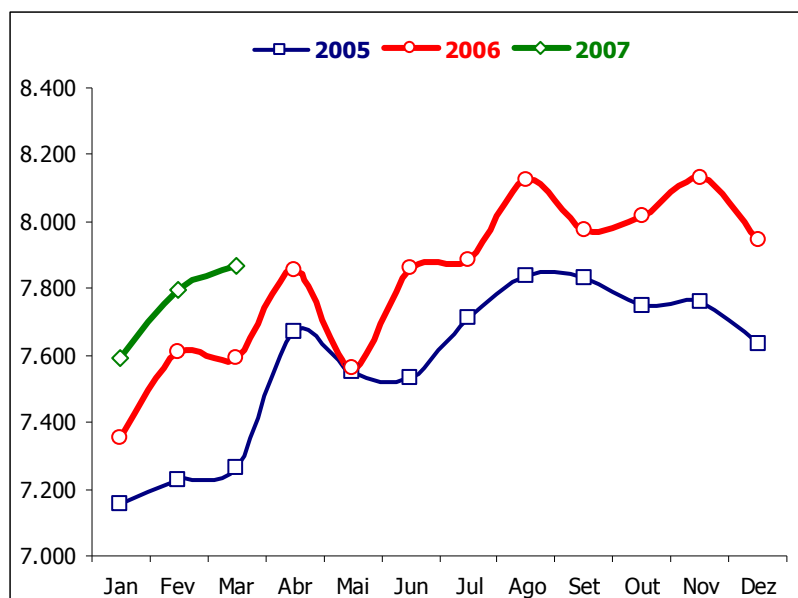
3.3.2 Consumo Industrial

O consumo industrial no subsistema Sudeste/Centro-Oeste totalizou 23.256 GWh no primeiro trimestre de 2007, o que representa 59% do total nacional fornecido à classe industrial no período. Em relação ao mesmo trimestre de 2006, a expansão foi de 3,1%, com taxas de 2,9% em janeiro, 2,4% em fevereiro e 3,8% em março. O crescimento em 12 meses findos em março foi de 3,0%.

Na região Sudeste, o aumento trimestral da classe, quando comparado a igual período de 2006, foi de 2,9% e, no Centro-Oeste, de 8,3%.

No Gráfico 28 está ilustrada a evolução mensal do consumo industrial no subsistema Sudeste/Centro-Oeste a partir de 2005.

Gráfico 28 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Industrial (GWh)



Fonte: EPE

Em Goiás, o segmento industrial apresentou consumo aproximado de 740 GWh, correspondendo a cerca de 55% do total da classe na região. O aumento verificado em relação ao primeiro trimestre de 2006 foi de 5,7%, com variações mensais de 2,9% em janeiro, 5,7% em fevereiro e 9,0% em março. O crescimento mais baixo em janeiro decorreu de uma forte redução no consumo de grande indústria eletro intensiva (cerca de 15% menor que o de janeiro de 2006).

Excluindo essa indústria da série de dados realizados, o crescimento do consumo industrial goiano passa a ser da ordem de 9% no trimestre em análise. Contribuiu para este resultado a recuperação da agroindústria local, refletida principalmente no desempenho do ramo fabricação de produtos alimentícios e bebidas (46% da classe), que cresceu 13,0% no período. À exceção do ramo têxtil, que apontou queda no consumo, todos os ramos de atividades revelaram bom desempenho, podendo-se destacar o de fabricação de produtos químicos, no qual se insere um importante pólo farmoquímico do estado (são 22 indústrias instaladas), que aumentou o consumo de energia elétrica em 10,5%. O setor de extração de minerais não-metálicos (18% da classe) apontou crescimento trimestral de 5,3%, sinalizando recuperação associada à da agroindústria, pois se trata de fosfatados utilizados como adubo no tratamento do solo.

Na área interligada do Mato Grosso, o consumo da classe industrial acumulou, no primeiro trimestre de 2007, expansão da ordem de 21%, com taxas mensais de 27% em janeiro, 15% em fevereiro e 21 % em março, resultados em relação ao ano 2006. Essas elevadas taxas estão associadas a uma base de comparação muito deprimida, em função do desaquecimento das atividades econômicas no estado ao longo de 2006, com a crise do agronegócio. Iniciado o processo de retomada das atividades produtivas a partir de finais de 2006, o consumo industrial no Mato Grosso começa a se elevar, especialmente nos setores ligados à agroindústria.

Da mesma forma, o mercado industrial de energia elétrica no Mato Grosso do Sul iniciou recuperação frente à crise prolongada dos agronegócios, acumulando aumento no consumo próximo dos 9% em relação no primeiro trimestre de 2006, com incrementos de 6,0% em janeiro, 7,6% em fevereiro e 11,8% em março, taxas referentes ao ano 2006. A recuperação se traduziu na evolução positiva do consumo de importantes setores produtivos do estado, como o de fabricação de produtos alimentícios e bebidas (44% do total da classe), que aumentou seu consumo em 11%, metalurgia básica (13% da classe), com crescimento de 8,3%, e fabricação de produtos de madeira (9,5% da classe) que apresentou expansão de 10,0%.

No Distrito Federal o consumo industrial de energia elétrica representa apenas 10% do mercado total naquela área. O segmento, que tem duas indústrias de cimento como principais consumidores, apresentou aumento acumulado no consumo da ordem de 3% em relação a 2006.

No estado do Rio de Janeiro, o consumo da classe cresceu, relativamente a 2006, 12,9% no primeiro trimestre de 2007, com taxas de 11,4% em janeiro, 11,6% em fevereiro e 15,7% em março. O aumento global do consumo reflete evolução positiva em vários setores produtivos, como a indústria química, em destaque a expansão em uma grande planta, o ramo de cimento e o metalúrgico, ressaltando-se neste último a retomada ao nível de atividade normal de uma importante siderúrgica do estado, que apresentou problemas em um de seus alto-fornos no primeiro trimestre de 2006.

No Espírito Santo, o mercado industrial apresentou consumo próximo de 1.100 GWh no primeiro trimestre de 2007, com o que apontou, frente a 2006, crescimento de 7%. As variações mensais foram de 2,8% em janeiro, 6,4% em fevereiro e 11,7% em março. Em termos de aumento do consumo de energia elétrica, destacaram-se no estado os ramos de material plástico, bebidas e mobiliário, com taxas trimestrais respectivas da ordem de 18%, 19% e 14%.

No estado de São Paulo foi registrado crescimento do consumo industrial de 2,5%, no primeiro trimestre de 2007 em relação a 2006, com taxas de 3,3% em janeiro, 1,9% em fevereiro e 2,2% em março.

Há várias distribuidoras que atuam em São Paulo, cujas áreas de concessão guardam diferenças no que toca as atividades econômicas prevalentes, o que conseqüentemente conduz a formas distintas na evolução do consumo industrial de energia elétrica.

Na área que compreende a região metropolitana de São Paulo e a região do ABC Paulista, perfazendo uma área total de 4.526 km², o consumo industrial aumentou apenas 1% no trimestre. Esse baixo aumento decorreu de queda no consumo em importantes setores, como fabricação de produtos químicos, -1,8%; fabricação e montagem de veículos automotores, -12,6% e metalurgia básica, -0,2%. Esses três setores juntos concentram cerca de 45% do consumo industrial total na referida área de concessão. Com evolução positiva e de maior impacto, destacou-se o ramo de fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos e eletrônicos (11% do total da classe), cujo consumo apresentou aumento de 25% no período.

Na região interiorana que compreende o Alto Tietê (onde o principal centro econômico é Guarulhos) e o Vale da Paraíba (sendo São José dos Campos a principal cidade), o consumo industrial registrou aumento trimestral de 1,5%. Neste caso, o setor de metalurgia básica (19% do total da classe) foi destaque, aumentando o consumo de energia elétrica em 13%. O ramo de produtos químicos (14%) também cresceu acima da média da região, anotando taxa de 4,5%. Por outro lado, o ramo de celulose, papel e produtos de papel, que representa 11% do total da classe na área, registrou retração do consumo, de 20%.

No centro-oeste do estado paulista, que tem como principais pólos as cidades de Campinas, Ribeirão Preto e Araraquara, o consumo industrial avançou 5% no trimestre, apresentando crescimento generalizado nos diversos setores econômicos. Os principais destaques foram os ramos de alimentos e metalurgia que, representando juntos 30% do total do segmento na área, aumentaram os respectivos consumos em 10% e 9,0%. No setor de alimentos, registra-se a entrada de nova planta da Ajinomoto.

Já na área que compreende o Oeste Paulista e a Baixada Santista, que tem como principais cidades Sorocaba e Jundiaí, a primeira, e Santos, a segunda, o consumo industrial obteve expansão trimestral de 3,1%, tendo os setores químico, de minerais não-metálicos e material de transporte apresentado os maiores aumentos do consumo, respectivamente 8,0%, 7,0% e 8,0%.

Finalmente, na região interiorana que tem como principais municípios Limeira e Rio Claro e que abrange parte do litoral santista (Guarujá), totalizando uma área de 120.000 km², o consumo industrial expandiu 3,4% no trimestre. A análise desagregada do consumo mostra aumentos expressivos do consumo nos ramos metalúrgico e químico (juntos agregam 14% do total da classe), de respectivamente 10% e 9,0%. Os maiores ramos de atividade em termos de consumo de energia apresentaram os seguintes resultados: produtos alimentares (13% da

classe), 3,2%; minerais não-metálicos (25% da classe), 2,2% e papel e papelão (19% da classe), -2,7%.

Em Minas Gerais, a classe industrial apresentou expansão trimestral de 1,4% em seu consumo, em referência a 2006, sendo que os maiores impactos positivos vieram de ferroligas (21% da classe) e extrativa mineral (14% da classe), que apresentaram crescimentos respectivos de 6,1% e 12,6% na mesma comparação.

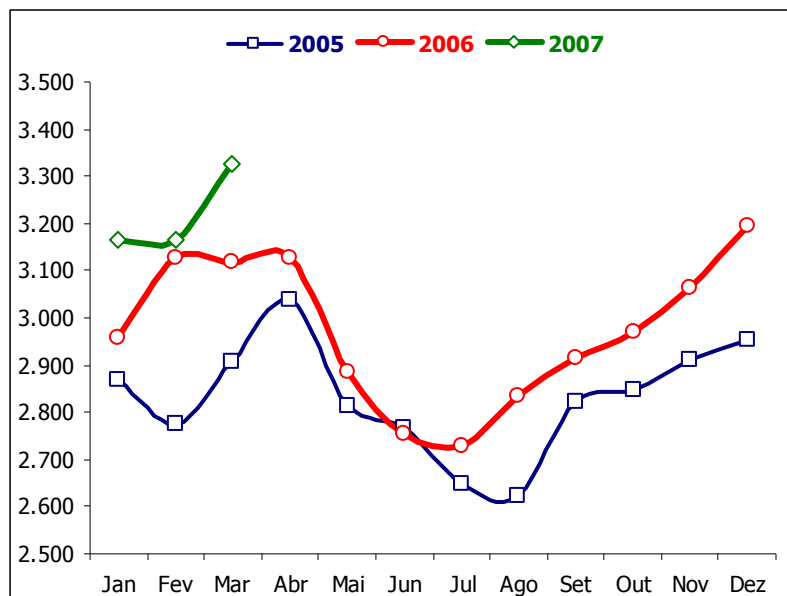
O aumento, ainda que pequeno, do consumo industrial de energia elétrica no estado mineiro reflete alguns fatores positivos, como: incremento acumulado no primeiro trimestre de 5,8% da produção industrial física no estado, destacando expansão em setores exportadores; crescimento de 12% do volume exportado pelo estado, impulsionado pelo minério de ferro, entre outros produtos e elevação do nível de emprego e do número de horas trabalhadas e aumento da utilização média da capacidade instalada (84,9% no primeiro trimestre de 2007 contra 80,1% no mesmo período de 2006). Entre fatores que inibem um maior crescimento do consumo está o aumento da produtividade na indústria mineira.

3.3.3 Consumo Comercial

O consumo da classe comercial no subsistema Sudeste/Centro-Oeste totalizou 9.656 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 64% do total nacional fornecido para classe. Em relação ao mesmo período de 2006, o aumento foi de 4,9%, com taxas mensais de 6,4% em janeiro, 1,2% em fevereiro e 6,7% em março. O crescimento em 12 meses findos em março foi de 4,3%.

Em uma análise regional, o Sudeste apresentou expansão trimestral de 4,8% e o Centro-Oeste de 5,8%.

O comportamento mensal do consumo comercial a partir de 2005 está presente no Gráfico 29.

Gráfico 29 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Comercial (GWh)

Fonte: EPE

Em Goiás, a expansão do consumo comercial frente ao primeiro trimestre de 2006 atingiu 9%, a maior taxa da classe na região, com incrementos mensais de 10,3% em janeiro, 4,2% em fevereiro e 12,2% em março. O consumo comercial nesse estado representa cerca de 30% do total da classe no Centro-Oeste.

Após um período de desaquecimento, a atividade comercial em Goiás iniciou trajetória de recuperação em finais de 2006. A expansão do setor, contudo, tem se concentrado na Região Metropolitana de Goiânia, com o surgimento de diversos novos estabelecimentos.

No trimestre, em termos de consumo de energia elétrica, os ramos que mais se destacaram foram comércio varejista e reparação de objetos pessoais (25% do total da classe), que aumentou seu consumo em 5,2%, e alojamento e alimentação (10%), com crescimento da ordem de 12%.

No Distrito Federal, o consumo comercial, cuja participação sobre o consumo regional do segmento também é de 30%, apresentou aumento de 4,8% do seu consumo de energia elétrica no primeiro trimestre de 2007, com taxas mensais de 7,8% em janeiro, 3,4% em fevereiro e 3,2% em março, todos os resultados referentes ao ano 2006.

No Mato Grosso, considerando a área interligada, foi registrado, sobre ao ano 2006, crescimento de 7,5% no consumo comercial no primeiro trimestre, com expansões de 6,2% em janeiro, 5,5% em fevereiro e 7,5% em março. Na análise do crescimento do consumo comercial no estado, deve-se ter em conta que a base de comparação – o ano de 2006 – foi muito baixa, pois refletiu o desaquecimento das atividades econômicas ao longo de todo esse ano.

O consumo comercial no Mato Grosso do Sul registrou, ante 2006, aumento trimestral de apenas 1,7%, com taxas mensais de 1,2% em janeiro, 0,9% em fevereiro e 3,1% em março. O crescimento acumulado se deu principalmente em função do desempenho do ramo comércio varejista que, representando 24% do total da classe no trimestre, aumentou o consumo em 3,5%. O ramo seguinte em participação, alojamento e alimentação (11% da classe), apresentou aumento de somente 0,5%.

No estado do Rio de Janeiro, o consumo da classe aumentou 4% em relação no primeiro trimestre de 2006, com taxas mensais de 9,0% em janeiro, -3,4% em fevereiro e 6,4% em março. Note-se que em janeiro e março houve a influência de um período maior de dias faturados em uma das distribuidoras que atua no estado, enquanto em fevereiro a base de comparação do consumo foi excessivamente elevada, pois em fevereiro de 2006 ocorreram temperaturas muito elevadas, cerca de 2,0° C acima da média histórica. Fatos relacionados com migração de sistema de faturamento impedem uma análise desagregada do consumo comercial por atividade no estado.

São Paulo concentra cerca de 60% do consumo comercial de energia elétrica no Sudeste. No primeiro trimestre de 2007, o consumo paulista comercial totalizou 5.081 GWh, apontando crescimento de 4% relativamente ao mesmo período de 2006, com variações de 5,9% em janeiro, 1,1% em fevereiro e 5,5% em março. Assim como para o consumo residencial, o crescimento do consumo comercial em relação a 2006 apresenta influência do maior número de dias faturados e da temperatura média mais elevada.

Entre os ramos com maior representatividade, o de melhor desempenho foi comércio atacadista, que assinalou crescimento de 7,0% no trimestre. Por outro lado, os ramos comércio varejista e serviços de alimentação e alojamento não apresentaram aumento de consumo, anotando variações respectivas da ordem de -1% e -3%. Cabe ressaltar que a desagregação por ramos refere-se ao mercado de quatro distribuidoras que atuam no estado, representando, assim, um resultado aproximado.

O consumo comercial de energia elétrica no Espírito Santo totalizou 316 GWh no primeiro trimestre de 2007, apontando expansão de 3,0% ante o mesmo período de 2006. Os crescimentos mensais, também na relação com 2006, foram de 1,8% em janeiro, 3,1% em fevereiro e 4,0% em março.

O resultado obtido foi influenciado pelo crescimento da atividade econômica no estado, notadamente nos setores do comércio varejista e atacadista e serviços de transporte (que inclui os portos de Tubarão e Praia Mole), cujos consumos aumentaram no trimestre respectivamente 4,8% e 15,4%.

Em Minas Gerais, a classe comercial consumiu 1.086 GWh no período de janeiro a março de 2007, correspondendo a 13% do total do segmento na região Sudeste no mesmo período. Foi registrado crescimento de 2,6% relativamente ao primeiro trimestre de 2006, com variações de 5,7% em janeiro, 3,7% em fevereiro e -1,1 em março.

Entre os segmentos de maior expressividade no mercado comercial mineiro, os que mais se destacaram no trimestre foram comércio varejista (31% da classe), que aumentou seu consumo em 2,7%, e serviços de comunicação (8%), cujo acréscimo foi de 6,5% no mesmo período. Por outro lado, serviços de alojamento e alimentação, que concentra mais 12% do consumo comercial, ampliou o consumo em apenas 1,2%.

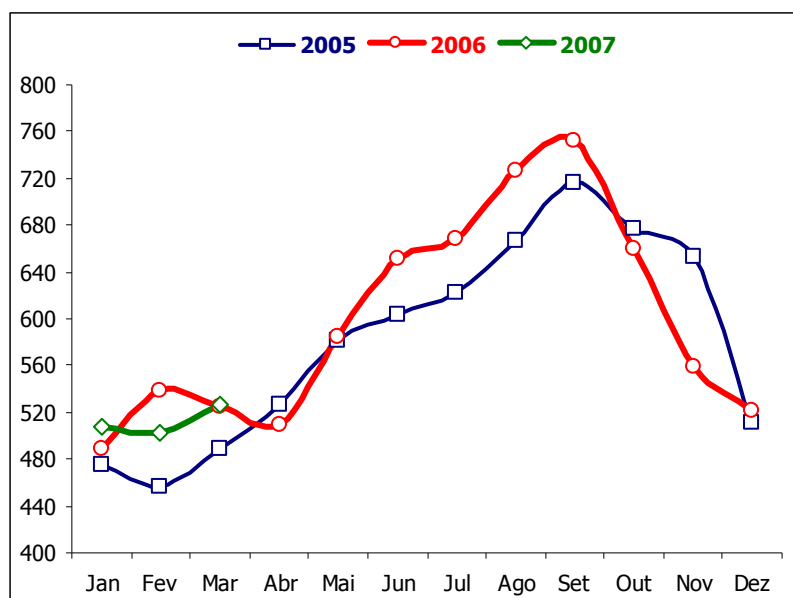
3.3.4 Consumo Rural e Demais Classes

O consumo rural no subsistema Sudeste/Centro-Oeste alcançou 1.537 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando queda de 1,0% em relação a igual período de 2006. O Gráfico 30 apresenta o comportamento mensal desse consumo desde 2005.

A região Centro-Oeste consolidou, relativamente ao primeiro trimestre de 2006, crescimento do consumo rural de 5,7%, enquanto no Sudeste foi verificada retração de 2,8% na mesma comparação.

Em todos os estados houve inclusão de consumidores rurais através do Programa Luz para Todos.

Gráfico 30 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Consumo Rural (GWh)



Fonte: EPE

O consumo rural em Goiás corresponde a cerca de 40% do consumo rural total no Centro-Oeste. No primeiro trimestre de 2007, este consumo totalizou 152 GWh, significando acréscimo de 7,8% em relação ao mesmo período de 2006. O aumento do número de unidades rurais no estado alcançou a casa dos 6%, entre março de 2006 e 2007, correspondendo à inclusão de 7,8 mil novas contas.

No Distrito Federal, o consumo da classe rural não é representativo, menos de 2% do consumo total no estado. Comparativamente ao 1º trimestre de 2006, o consumo rural caiu 3,3%, ainda que tenham sido incorporados 407 novos consumidores entre março de 2006 e março de 2007, um crescimento de 4,6%.

O consumo rural no Mato Grosso do Sul apresentou, na relação com o mesmo período de 2006, decréscimo de 1,0% no primeiro trimestre de 2007, causado pela redução de 60% no consumo associado aos irrigantes. Houve, no estado, abundância de chuvas no período, reduzindo a necessidade de irrigação no campo. O número de consumidores rurais atendidos aumentou 16,1% entre março de 2006 e março de 2007, com a inclusão de 9,1 mil unidades.

Na área interligada do Mato Grosso, o consumo rural apresentou expansão trimestral de 12,3%, com aumento de 12,6% no número de consumidores rurais atendidos (inclusão de 8,7 mil unidades).

Em Minas Gerais, ainda que tenham sido incluídas 88 mil unidades rurais entre março de 2006 e março de 2007 (crescimento aproximado de 20%), o consumo rural apresentou queda de 4,1% no primeiro trimestre de 2007, refletindo a diminuição do consumo referente à irrigação, de 46% no período, em virtude da maior incidência de chuvas já a partir de dezembro de 2006.

No Espírito Santo, foi registrado decréscimo de 16% no consumo rural no primeiro trimestre de 2007, devido a uma base alta de comparação no mesmo período do ano anterior, quando ocorreram altas temperaturas e baixo índice pluviométrico, condição não verificada neste ano. O número de consumidores rurais atendidos aumentou 9,8% no trimestre, representando a ligação de aproximadamente 11 mil clientes novos.

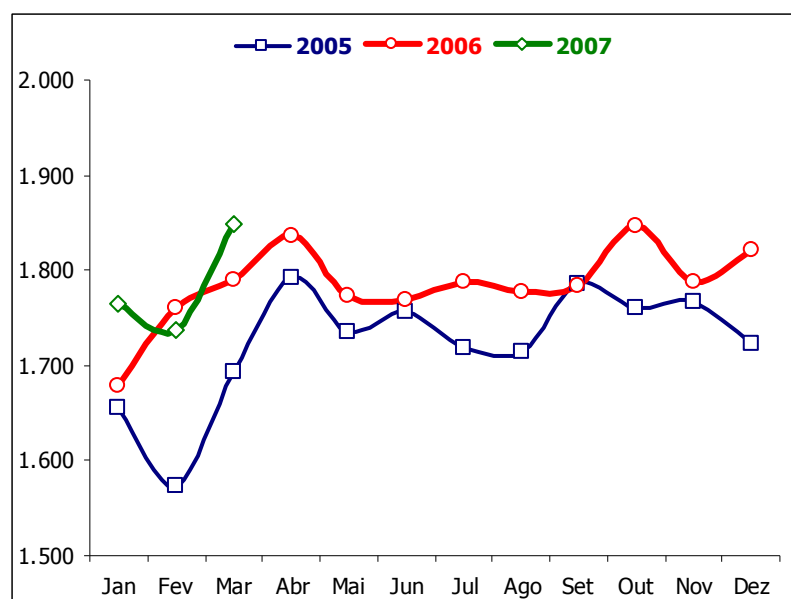
O consumo rural no estado de São Paulo, que representa cerca de 50% do total da classe na região Sudeste, aumentou, relativamente a 2006, 1% no primeiro trimestre de 2007. Entre março de 2006 e março de 2007 houve incremento de 2,7% no número de consumidores rurais, o que representa inclusão de aproximadamente 7 mil unidades no período.

No Rio de Janeiro, o consumo rural é inexpressivo, representando apenas 6% do consumo rural total no Sudeste. O crescimento verificado no primeiro trimestre foi de 4,5% e o aumento do número de consumidores foi de 6,7%, significando a entrada de 3,6 mil clientes.

O agregado das demais classes no subsistema Sudeste/Centro-Oeste totalizou um consumo de 5.350 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando um acréscimo de 2,3% sobre o mesmo período de 2006.

A evolução do consumo nesse agregado está apresentada no Gráfico 31.

Gráfico 31 - Subsistema Sudeste/Centro-Oeste: Outros Consumos (GWh)



Fonte: EPE

Entre as classes que compõem o agregado, poder público (28% do total) registrou o maior crescimento acumulado em relação a 2006, assinalando taxa trimestral de 6,1%. No Sudeste, onde o crescimento da classe foi de 6,6%, o destaque foi o Rio de Janeiro com acréscimo do consumo da ordem de 11%. Já no Centro-Oeste, que apresentou para a classe expansão no patamar de 4%, Mato Grosso do Sul e Goiás se sobressaíram, registrando taxas respectivas na casa dos de 7% e 6%.

O consumo em iluminação pública não apresentou aumento de consumo na comparação do primeiro trimestre de 2007 e 2006, anotando variação de -0,6%. No Sudeste foi observada queda de 1,1% na mesma comparação, basicamente em função de resultado negativo (-8%) no Rio de Janeiro. Os demais estados apresentaram baixos crescimentos, revelando a influência de programas de eficiência adotados por prefeituras. No Centro-Oeste, houve aumento da ordem de 2%, tendo como destaque o acréscimo de 10% registrado no Mato Grosso do Sul, este em decorrência de aumento de pontos de medição na rede de iluminação pública.

O segmento serviço público (37% do agregado) consolidou aumento no trimestre de 1,6%. O Sudeste registrou variação de 1,3%, ressaltando-se resultado negativo (-2%) no Espírito Santo e nos demais estados crescimentos entre 0,5% (São Paulo) e 3,5% (Rio de Janeiro). No Centro-Oeste verificou-se acréscimo de 4,6%, com todos os estados revelando taxas positivas, entre 3% (Mato Grosso) e 6% (Goiás).

3.4 Subsistema Sul Interligado

O subsistema Sul compreende os três estados da região Sul e seu consumo de energia elétrica totalizou 16.171 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 18% do consumo total no SIN. Tal montante resultou em expansão de 3,9% frente ao mesmo período de 2006. As taxas de crescimento mensais foram de 5,2% em janeiro, 3,1% em fevereiro e 3,6% em março. O crescimento em 12 meses findos em março situou-se em 3,3%.

Na Tabela 21 a seguir encontram-se os principais resultados do mercado de fornecimento no subsistema Sul.

Tabela 21 – Subsistema Sul: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)

Item	2005 ⁽¹⁾	2006 ⁽¹⁾	TX%	I Trimestre			12 Meses ⁽²⁾		
				2006	2007	TX %	2006	2007	TX %
Residencial	13.679	14.047	2,7	3.662	3.890	6,2	13.834	14.275	3,2
Industrial	25.908	26.839	3,6	6.405	6.609	3,2	26.222	27.043	3,1
Comercial	8.790	9.175	4,4	2.477	2.653	7,1	8.944	9.351	4,6
Rural	5.373	5.552	3,3	1.762	1.751	-0,6	5.395	5.541	2,7
Outros	4.878	5.015	2,8	1.260	1.268	0,7	4.924	5.023	2,0
P. Público	1.299	1.353	4,2	338	353	4,5	1.326	1.368	3,2
I. Pública	1.853	1.874	1,2	471	465	-1,1	1.863	1.869	0,3
S. Público	1.382	1.411	2,1	364	368	1,1	1.389	1.415	1,8
Próprio	345	377	9,3	88	83	-6,0	346	372	7,4
Total	58.627	60.627	3,4	15.565	16.171	3,9	59.322	61.233	3,2
Nº Cons. Residenciais (10 ³)	7.123	7.319	2,7	7.180	7.375	2,7	7.180	7.375	2,7
Nº Cons. Totais (10 ³)	8.962	9.201	2,7	9.027	9.271	2,7	9.027	9.271	2,7
Consumo médio residencial (*)	161,7	162,0	0,2	170,4	176,2	3,4	160,5	161,3	0,5
Consumo médio total (*)	550,9	556,0	0,9	576,0	582,7	1,2	547,1	550,4	0,6

(1) Valor anual

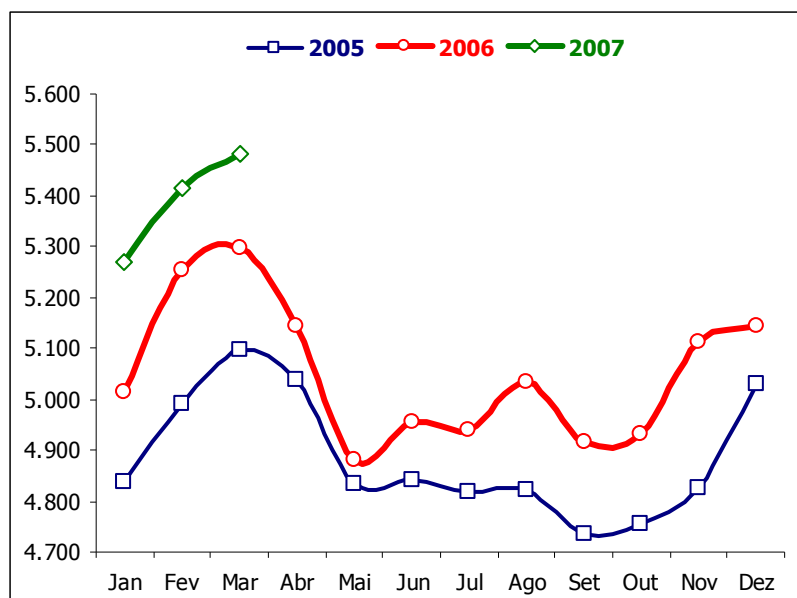
(2) 12 meses findos em março

(*) kWh/mês, média os valores mensais do período

Fonte: EPE

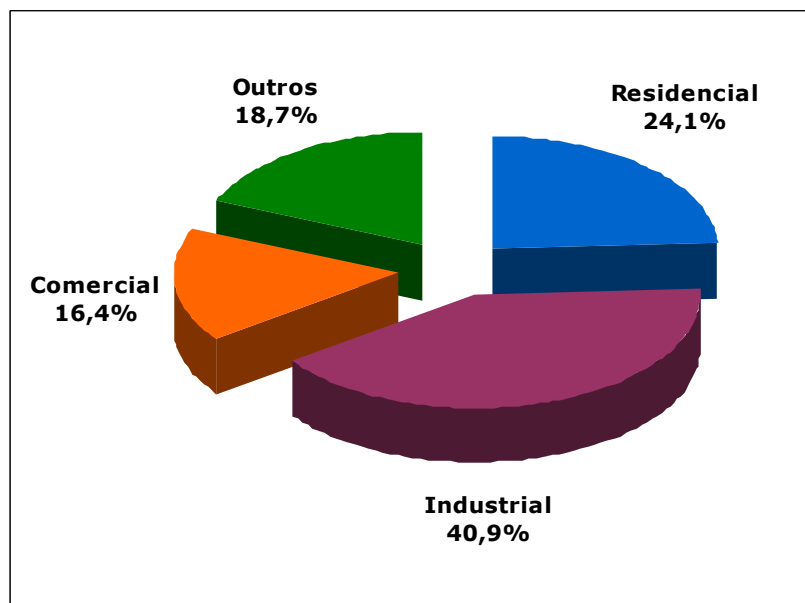
O Gráfico 32 ilustra a evolução mensal do consumo total no subsistema Sul desde 2005 e o Gráfico 33 a sua distribuição pelos principais segmentos do mercado, referente ao período janeiro-março de 2007.

Gráfico 32 - Subsistema Sul: Consumo Total (GWh)



Fonte: EPE

Gráfico 33 - Subsistema Sul: Estrutura de Participação do Mercado - I Trimestre de 2007



Fonte: EPE

3.4.1 Consumo Residencial

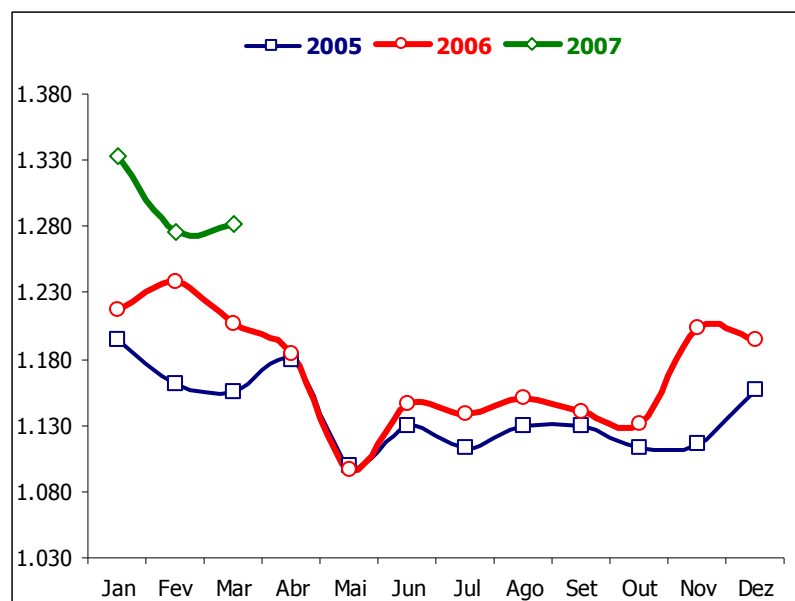
O consumo residencial de energia elétrica no subsistema Sul somou 3.890 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando 24% do mercado de fornecimento no subsistema e 17% do total nacional do segmento.

O crescimento registrado em relação ao primeiro trimestre de 2006 foi de 6,2%, com incrementos mensais de 9,5% em janeiro, 3,0% em fevereiro e 6,2% em março. A taxa em 12 meses findos em março resultou em 3,2%.

Em janeiro e fevereiro deste ano, a temperatura média nas capitais da região Sul foi muito próxima das correspondentes de 2006, apontando na média do bimestre uma diferença de apenas 0,2° C. Já em março, a temperatura média elevou-se nas três capitais, produzindo, na média da região, uma diferença para mais de 1° Celsius no mês.

A evolução mensal do consumo residencial no subsistema Sul, desde 2005, pode ser observada no Gráfico 34.

Gráfico 34 - Subsistema Sul: Consumo Residencial (GWh)



Fonte: EPE

Em Santa Catarina, o consumo residencial de energia elétrica aumentou, relativamente a 2006, 7,0% no primeiro trimestre de 2007, com crescimentos de 14,4% em janeiro, 4,5% em fevereiro e 2,8% em março. As temperaturas médias ocorridas na capital e também na área do planalto nos três meses do trimestre foram muito próximas daquelas registradas em 2006, não se constituindo, portanto, em fator de pressão sobre o nível do consumo pelas famílias.

O número de consumidores residenciais faturados no estado catarinense aumentou 3,3% entre março de 2006 e março de 2007, correspondendo à incorporação de 52 mil contas novas nesse

período. O consumo médio residencial no estado atingiu 204 kWh/mês no primeiro trimestre de 2007, representando elevação de 3,7% frente a 2006. Por faixas de consumo, observa-se que 64% dos consumidores residenciais consomem entre zero e 200 kWh/mês, correspondendo a uma parcela de 35% do consumo residencial total.

No Rio Grande do Sul, a classe residencial apresentou crescimento trimestral de 6,3%, com variações de 9,2% em janeiro, 1,9% em fevereiro e 7,9% em março, resultados em comparação com o ano 2006. Note-se que o consumo faturado de janeiro sofreu a influência de temperaturas bastante elevadas no mês de dezembro de 2006, tanto na capital gaúcha como em importantes áreas do interior do estado. Em março, a temperatura média voltou a ficar elevada no estado, superando em 1,1° C a registrada no mesmo mês de 2006.

Deve-se ressaltar, ainda, que em grande distribuidora que atua no estado o período de faturamento no primeiro trimestre deste ano foi superior ao de 2006 nos três meses do trimestre, em média 1,2 dias a mais.

Em março de 2007, o número de consumidores residenciais no Rio Grande do Sul totalizou aproximadamente 3.000 mil, indicando um aumento no patamar de 2% em um ano, o equivalente a cerca de 67 mil contas novas. O consumo médio residencial alcançou 175,5 kWh/mês na média do primeiro trimestre de 2007, significando uma elevação do indicador de 3,9% frente ao mesmo período de 2006.

Tomando o mercado residencial de duas grandes distribuidoras no estado (que concentram cerca de 70% do total da classe no estado gaúcho), verifica-se que 70% dos consumidores residenciais consomem entre zero e 200 kWh/mês, sendo que destes 33% consomem até 100 kWh/mês.

O consumo residencial de eletricidade no Paraná obteve, relativamente a 2006, expansão de 5,7% no período de janeiro a março de 2007, com incrementos de 6,5% em janeiro, 3,3% em fevereiro e 7,1% em março. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a temperatura média registrada na capital paranaense em 2007 foi muito próxima da registrada em 2006 nos meses de janeiro e fevereiro, mas em março foi mais elevada, superando em 1,4° C a correspondente de 2006. Considerando a temperatura em todo o estado, de acordo com acompanhamento da distribuidora local, verifica-se que só não foi mais alta que em 2006 no mês de janeiro. Assim, em grande parte, o consumo de energia elétrica no Paraná neste início de ano apresenta influência positiva da temperatura.

O número de consumidores residenciais no Paraná apresentou crescimento de 2,8% entre março de 2006 e março de 2007, o equivalente a 76 mil contas a mais no período de um ano. O consumo médio residencial registrou, na média do primeiro trimestre de 2007, o valor de 160,1 kWh/mês, 2,6% superior ao verificado no mesmo período de 2006.

Na análise desagregada da classe residencial, observa-se que 40% dos consumidores estão na faixa de zero a 100 kWh/mês, participando com 17% do consumo residencial total. A faixa seguinte, de 101 a 200 kWh/mês, agrega mais 41% dos clientes e mais 38% do consumo.

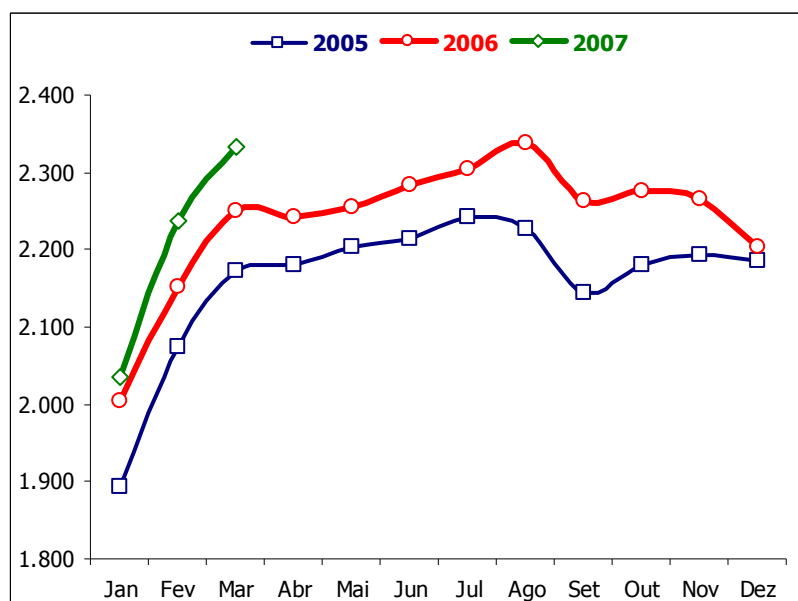
3.4.2 Consumo Industrial

O consumo industrial no subsistema Sul totalizou 6.609 GWh no primeiro trimestre de 2007, correspondendo a 41% do mercado de fornecimento no subsistema e 17% do total nacional do segmento.

Verificou-se expansão acumulada de 3,2% em relação a 2006, com aumentos de 1,6% em janeiro, 4,0% em fevereiro e 3,7% em março. A taxa em 12 meses findos em março situou-se em 3,1%.

A evolução mensal do consumo industrial no subsistema Sul está presente no Gráfico 35.

Gráfico 35 - Subsistema Sul: Consumo Industrial (GWh)



Fonte: EPE

O Rio Grande do Sul liderou a expansão do consumo industrial no primeiro trimestre de 2007, apontando aumento de 5,4% em relação ao mesmo período de 2006. Tal aumento está associado à recuperação das atividades ligadas à agroindústria, devendo-se lembrar que se estima uma safra de grãos em 2007, a segunda maior da história do Rio Grande do Sul.

A boa colheita no estado gaúcho tem aquecido a indústria, tornando positivas diversas variáveis, tais como produção física, pessoal ocupado, capacidade instalada, horas trabalhadas na produção etc. De acordo com o IBGE, como visto anteriormente, após sucessivos trimestres com resultados negativos, a produção industrial física gaúcha expandiu 6,4% no primeiro trimestre de 2007, comparativamente ao mesmo período de 2006, com perfil de crescimento generalizado (12 das 14 atividades pesquisadas apresentaram crescimento no trimestre).

Em termos de consumo de energia elétrica, o segmento com maior influência no resultado da classe industrial no Rio Grande do Sul foi fabricação de produtos alimentícios (19% do total da classe), que aumentou seu consumo em 8,4%. Os setores de fabricação de produtos têxteis (6% da classe) e calçados (5%), ramos afetados pelo câmbio valorizado, registraram variações de 2,1% e -1,7%, respectivamente.

Por outro lado, o ramo fabricação de máquinas e equipamentos, representando aproximadamente 6% do total da classe, apresentou elevação de 23,3% no consumo de energia elétrica, refletindo a retomada de encomendas de maquinário agrícola com o início de recuperação das atividades econômicas na região Sul do País.

O consumo industrial de energia elétrica no Paraná apresentou expansão, ante 2006, de 2,4% no primeiro trimestre de 2007. Contribuiu principalmente para esse resultado o desempenho do ramo alimentos e bebidas que, representando 26% do total da classe, ampliou o consumo em 4,4% no período.

Por outro lado, os ramos papel, papelão e celulose (20% da classe) e madeira (11%) registraram queda no consumo, anotando taxas respectivas de -1% e -10%. Outros ramos de menor participação se destacaram em termos de crescimento no trimestre, como o químico (5% da classe) e têxtil (3%), que obtiveram expansões da ordem de 12% e 35%, respectivamente.

Em Santa Catarina, o consumo da classe industrial somou 1.808 GWh no primeiro trimestre de 2007, aumentando 3,9% em relação ao mesmo período de 2006. Esse desempenho foi impulsionado principalmente pelo crescimento do segmento fabricação de alimentos e bebidas (20% da classe), que apresentou elevação da ordem de 6% no trimestre. O ramo fabricação de celulose e papel (11% da classe) aumentou 4,2%, enquanto fabricação de produtos têxteis (14%) registrou expansão abaixo da taxa global, assinalando elevação de 3,3%.

O crescimento do segmento de produção de alimentos e bebidas em todos os estados da Região sinaliza a trajetória de recuperação da economia local, principalmente das atividades ligadas à agroindústria.

3.4.3 Consumo Comercial

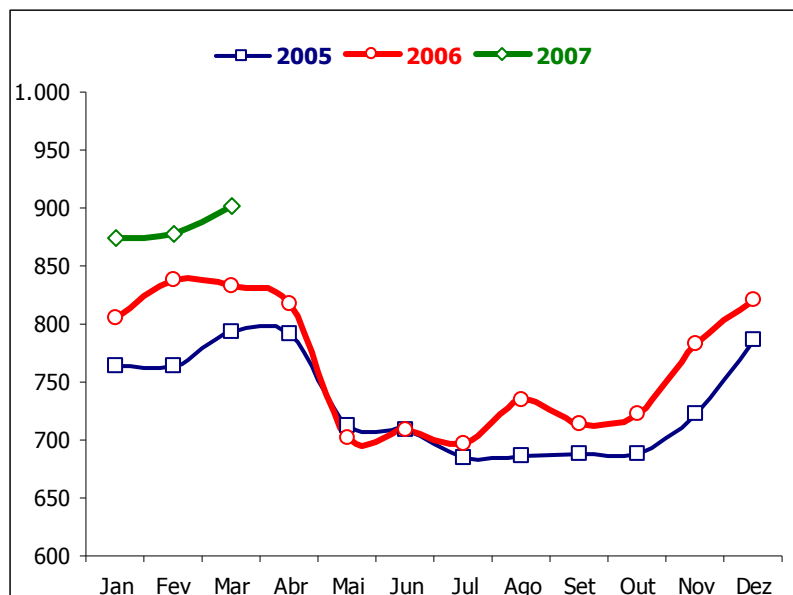
O consumo comercial de energia elétrica no subsistema Sul totalizou 2.653 GWh no 1º trimestre de 2007, montante que representa 18% do total nacional do segmento e 16% do mercado de fornecimento no subsistema.

O aumento acumulado verificado em relação a 2006 foi de 7,1%, com crescimentos de 8,5% em janeiro, 4,7% em fevereiro e 8,3% em março. A taxa em 12 meses findos em março situou-se em 4,6%.

O desempenho da classe comercial nesse subsistema também reflete a recuperação da economia da região Sul, após dois anos de dificuldades, com quebras de safra consecutivas e alguns setores produtivos desestimulados pelo câmbio apreciado.

A evolução do consumo comercial no subsistema Sul, a partir de 2005, está ilustrada no Gráfico 36.

Gráfico 36 - Subsistema Sul: Consumo Comercial (GWh)



Fonte: EPE

No Rio Grande do Sul, o consumo comercial de energia elétrica totalizou 1.017 GWh no primeiro trimestre de 2007, correspondendo a 38% do total da classe no subsistema Sul. Comparativamente a 2006, foi registrado crescimento de 7,5% no trimestre, com incrementos de 9,9% em janeiro, 3,5% em fevereiro e 9,3% em março. Os ramos comércio varejista,

comércio atacadista e alojamento e alimentação, que juntos representaram 38% do consumo comercial estadual, apresentaram bom desempenho, com taxas de crescimento respectivas de 11,3%, 6,5% e 6,2%.

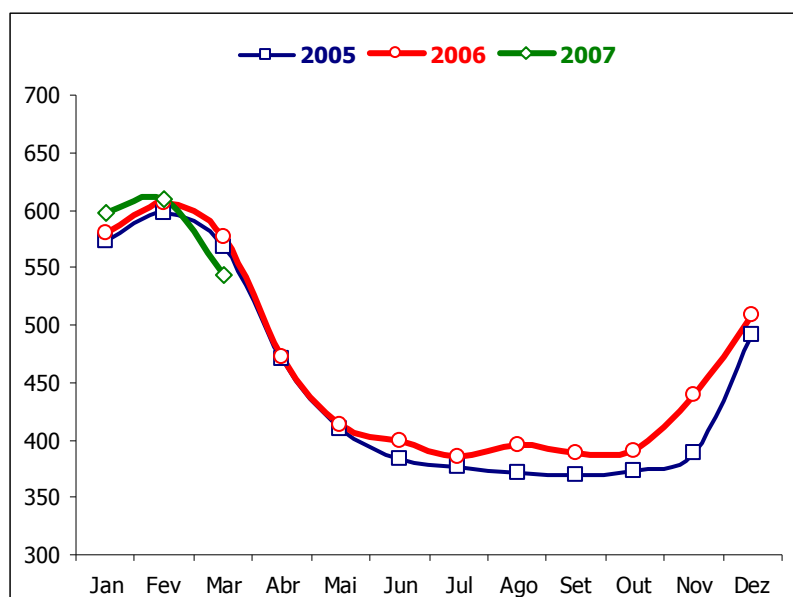
O Paraná concentrou 37% do consumo comercial no subsistema Sul no primeiro trimestre de 2007, totalizando um montante de 970 GWh. O crescimento registrado no período em relação a 2006 foi de 6,4%, com expansões de 4,3% em janeiro, 5,8% em fevereiro e 9,1% em março. Assim como para o consumo residencial, a temperatura média mais alta nos meses de fevereiro e março contribuiu para a intensificação do uso de sistemas de refrigeração e, assim, para a elevação do consumo de energia elétrica pelo setor comercial. Também, observa-se uma continuada entrada de cargas com alto padrão de consumo.

Em Santa Catarina, o consumo comercial de eletricidade apresentou, frente a 2006, expansão de 7,5% no primeiro trimestre de 2007, sendo as taxas mensais de 12,6% em janeiro, 4,8% em fevereiro e 5,5% em março. No estado, a classe acumulou consumo de 666 GWh no período, representando 25% do segmento no subsistema Sul.

3.4.4 Consumo Rural e Demais Classes

O consumo rural na área do subsistema Sul atingiu 1.751 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando variação de -0,6% na comparação com o mesmo período do no anterior. A evolução mensal deste consumo a partir de 2005 está ilustrada no Gráfico 37.

Gráfico 37 - Subsistema Sul: Consumo Rural (GWh)



Fonte: EPE

No Rio Grande do Sul o consumo rural, cuja participação no total da classe no subsistema gira em torno de 50%, apresentou decréscimo de 4,8% no trimestre, resultado relacionado à ocorrência de chuvas durante o período, o que diminuiu o consumo ligado à irrigação. O número de consumidores rurais atendidos aumentou 3,6% entre março de 2006 e março de 2007, representando a entrada aproximada de 11 mil unidades.

Em Santa Catarina, o consumo rural expandiu, frente a 2006, 4,4% no primeiro trimestre de 2007. O número de consumidores rurais aumentou 2,4% em um ano (março de 2007 contra março de 2006), o correspondente à inclusão de 5,2 mil novos clientes.

No Paraná, a classe rural apresentou no primeiro trimestre de 2007 elevação de 4,3% em seu consumo, quando comparado ao ocorrido em 2006. Entre março de 2006 e março de 2007, foram incorporadas cerca de 4 mil unidades consumidoras rurais, representando crescimento de 1,1%.

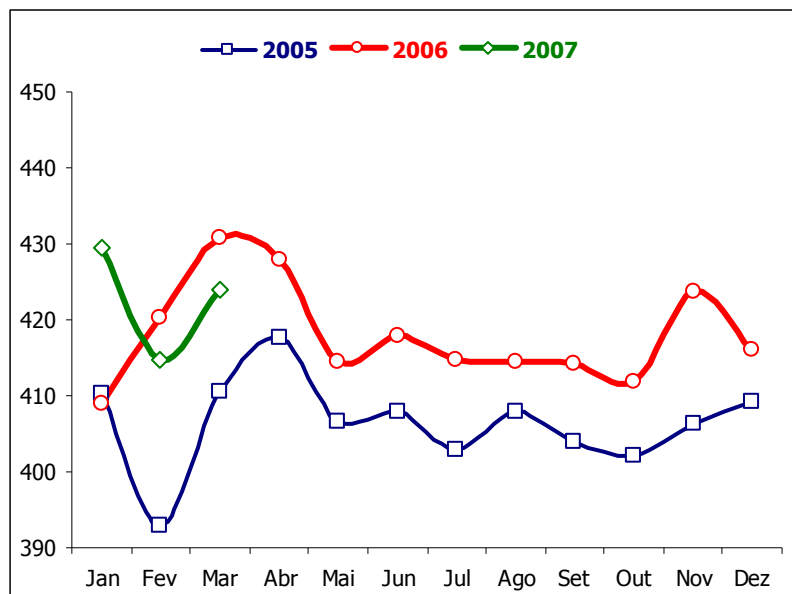
O conjunto das demais classes de consumo totalizou um consumo de 1.268 GWh no primeiro trimestre de 2007, apontando crescimento de 0,7% frente ao mesmo período de 2006.

Dentre as classes que compõem o agregado, poder público (28% do total) revelou o melhor desempenho, com expansão de 4,5% no trimestre. Rio Grande do Sul liderou o crescimento desse segmento, consolidando uma taxa trimestral da ordem de 8%.

O consumo em iluminação pública, que representa 37% do agregado outros, registrou variação negativa no período, com a taxa trimestral de -1,1%. Tal resultado decorre, basicamente, da redução observada no consumo no Rio Grande do Sul, de quase 4%, graças à troca das lâmpadas por outras mais econômicas.

Finalmente, o consumo relativo a serviço público (2,9% do agregado) apontou aumento trimestral de 1,1%, puxado, principalmente, pelo desempenho do segmento em Santa Catarina, onde aumentou aproximadamente 7%.

O comportamento do agregado a partir de 2005 está ilustrado no Gráfico 38 a seguir.

Gráfico 38 - Subsistema Sul: Outros Consumos (GWh)

Fonte: EPE

3.5 Sistemas Isolados

Os Sistemas Isolados são áreas atendidas por agentes que não fazem parte da rede de transmissão de energia operada centralizadamente pelo Operador Nacional do Sistema – ONS, na grande maioria situadas na região Norte do Brasil. Portanto, os Sistemas Isolados compreendem os estados do Norte brasileiro e parte do Mato Grosso, sendo que, o atendimento no Pará é parcial, pois grande parte do estado é atendida pela ELETRONORTE no que diz respeito à área referente ao sistema interligado.

O consumo de energia elétrica nos Sistemas Isolados totalizou 1.835 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando aumento de 6,1% em relação ao mesmo período de 2006. As taxas mensais foram de 4,6% em janeiro, 7,0% em fevereiro e 6,7% em março.

Os dados referentes ao comportamento do mercado de fornecimento na área correspondente aos Sistemas Isolados estão contidos na Tabela 22 e a sua evolução mensal, a partir de 2005, está ilustrada no Gráfico 39.

Tabela 22 – Sistemas Isolados: Mercado de Fornecimento por Classe de Consumo (GWh)

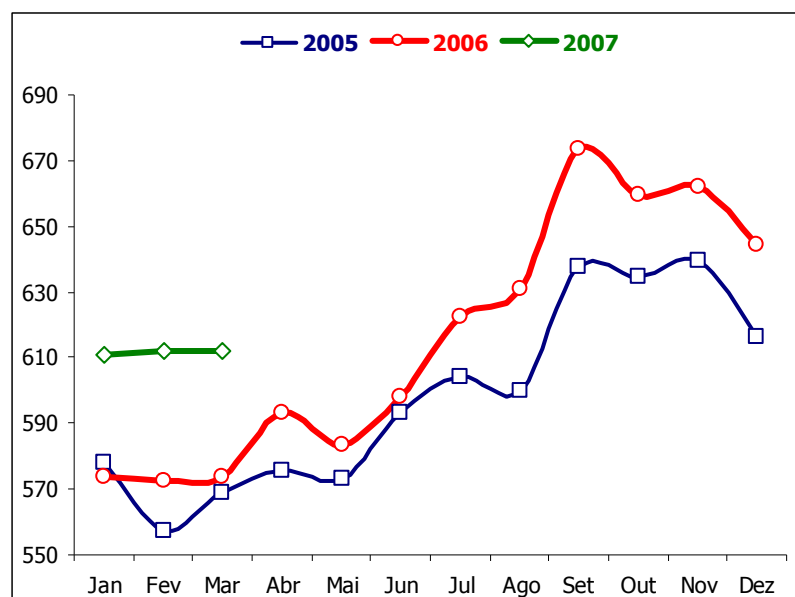
Item	2005 ⁽¹⁾	2006 ⁽¹⁾	TX%	I Trimestre			12 Meses ⁽²⁾		
				2006	2007	TX %	2006	2007	TX %
Residencial	2.409	2.437	1,1	577	616	6,7	2.398	2.479	3,3
Industrial	1.808	1.909	5,6	447	459	2,9	1.840	1.924	4,5
Comercial	1.409	1.443	2,4	341	357	4,8	1.412	1.462	3,6
Rural	206	201	-2,3	47	56	20,9	206	211	2,7
Outros	1.346	1.397	3,8	316	347	9,7	1.346	1.428	6,1
P. Público	693	723	4,3	156	172	10,0	693	739	6,6
I. Pública	256	265	3,5	66	71	8,1	259	270	4,4
S. Público	267	275	3,2	66	70	5,9	268	279	4,1
Próprio	130	134	2,5	29	34	20,4	126	139	10,8
Total	7.179	7.387	2,9	1.730	1.835	6,1	7.204	7.503	4,1
Nº Cons. Residenciais (10 ³)	1.229	1.265	2,9	1.230	1.279	4,0	1.230	1.279	4,0
Nº Cons. Totais (10 ³)	1.480	1.533	3,6	1.479	1.551	4,8	1.479	1.551	4,8
Consumo médio residencial (*)	166,0	164,1	-1,2	157,6	160,7	2,0	162,3	161,5	-0,5
Consumo médio total (*)	412,0	412,1	0,0	392,5	394,9	0,6	405,3	403,1	-0,5

(1) Valor anual

(2) 12 meses findos em março

(*) kWh/mês, média os valores mensais do período

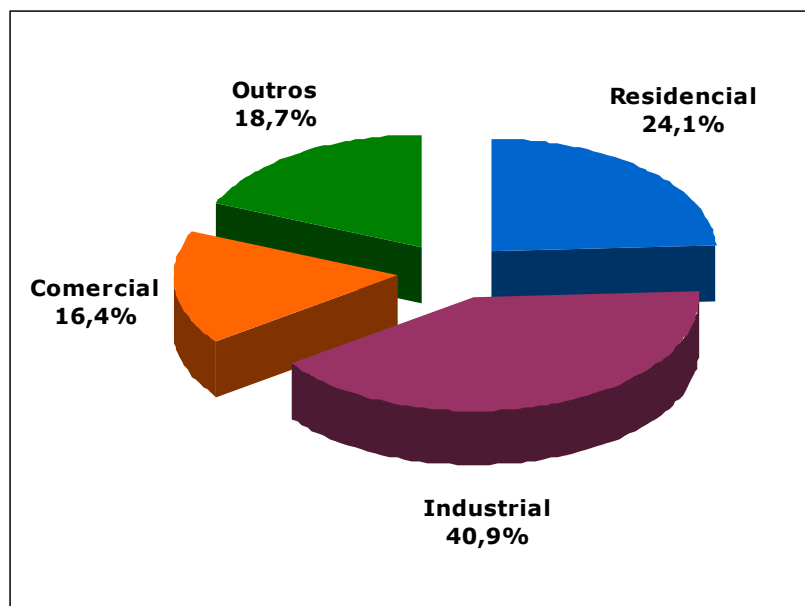
Fonte: EPE

Gráfico 39 - Sistemas Isolados: Consumo Total (GWh)

Fonte: EPE

Já o Gráfico 40 representa a distribuição do consumo total nos sistemas isolados pelos principais segmentos do mercado.

Gráfico 40 - Sistemas Isolados: Estrutura de participação do Mercado - I Trimestre de 2007

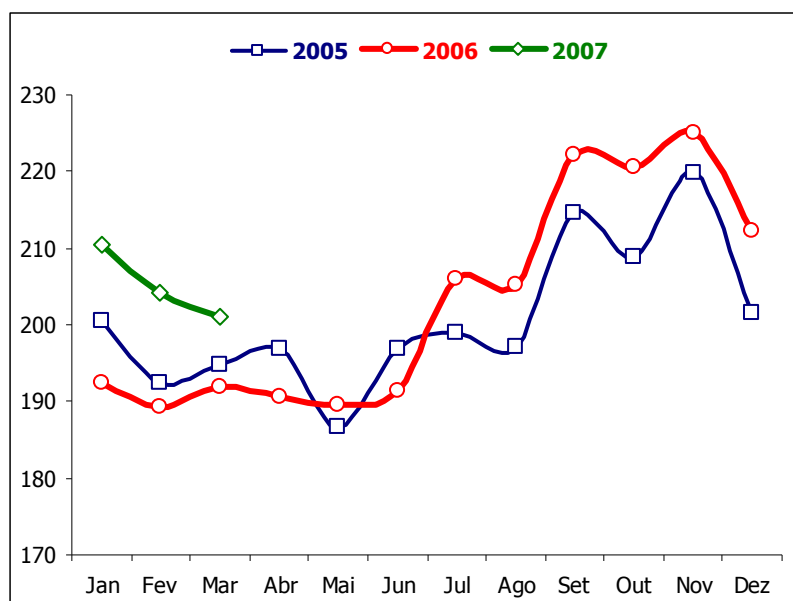


Fonte: EPE

3.5.1 Consumo Residencial

No primeiro trimestre de 2007, o consumo residencial nos Sistemas Isolados totalizou 616 GWh, registrando crescimento de 7,3% sobre o mesmo período de 2006. As taxas mensais foram de 7,5% em janeiro, 7,9% em fevereiro e 4,7% em março. A expansão calculada em 12 meses findos em março alcançou 3,5%.

O comportamento mensal da classe no subsistema, desde 2005, pode ser visualizado no Gráfico 41 abaixo.

Gráfico 41 - Sistemas Isolados: Consumo Residencial (GWh)

Fonte: EPE

Do consumo residencial total de energia elétrica nos Sistemas Isolados, 93% estão concentrados nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia.

No Amazonas, o consumo residencial apresentou aumento de 9,4% no trimestre, com incrementos de 9,6% em janeiro, 10,1% em fevereiro e 8,5% em março. O número de consumidores residenciais aumentou 6,4% entre março de 2006 e março de 2007 (32 mil contas), e o consumo médio residencial alcançou 157,9 kWh/mês, com aumento de 2,7% em relação ao mesmo período de 2006.

Em Rondônia, a expansão trimestral da classe residencial foi de 1,3%, com variações mensais de 5,1% em janeiro, 5,2% em fevereiro e -5,9% em março. O número de consumidores residenciais apresentou aumento anual de 5,0% (14 mil contas), e o consumo médio residencial registrou queda de 3,5%, anotando o valor de 156 kWh/mês.

No Acre, o crescimento do consumo residencial foi de 7,4% no trimestre, com expansões de 0,4% em janeiro, 11,5% em fevereiro e 10,6% em março. Houve incremento anual de 4,1% (5 mil contas) no número de consumidores residenciais e de 3,7% no consumo médio residencial, que atingiu 159 kWh/mês na média do primeiro trimestre de 2007.

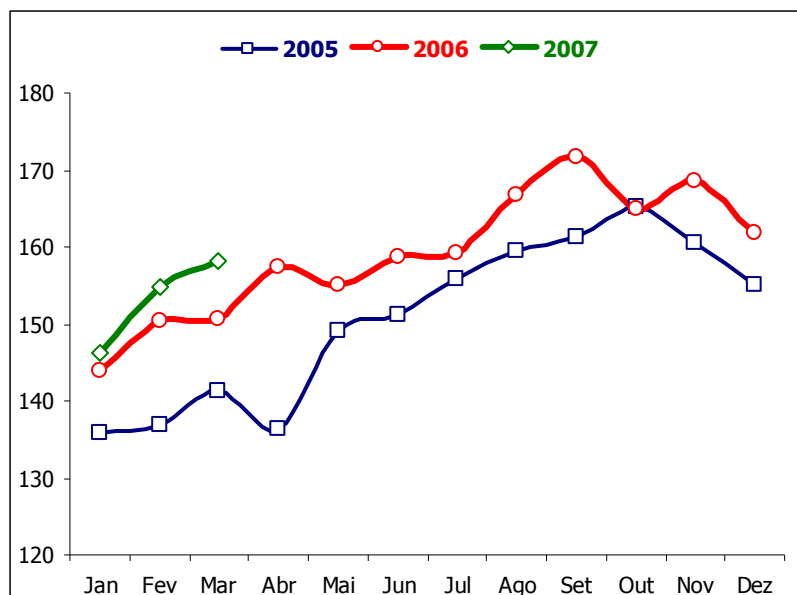
3.5.2 Consumo Industrial

O consumo industrial nos Sistemas Isolados teve representação de 25% no mercado total no primeiro trimestre de 2007. Em relação a 2006, o consumo aumentou 3,3% no primeiro

trimestre de 2007, com crescimentos de 0,4% em janeiro, 3,1% em fevereiro e 5,0% em março. O resultado em 12 meses findos em março apontou expansão de 4,6%.

A evolução mensal da classe no subsistema a partir de 2005 está ilustrada no Gráfico 42.

Gráfico 42 - Sistemas Isolados: Consumo Industrial (GWh)



Fonte: EPE

Como o Pará é praticamente atendido através do Sistema Interligado Nacional, o segmento industrial na área dos Sistemas Isolados tem por base de sustentação o desempenho da cidade de Manaus, mais especificamente o do Pólo Industrial de Manaus - PIM. No primeiro trimestre de 2007, o consumo de Manaus representou 77% do consumo industrial total dos Sistemas Isolados.

Note-se que o crescimento do consumo industrial em Manaus foi de apenas 1,2% no primeiro trimestre, com variações de 0,1% em janeiro, 0,8% em fevereiro e 2,7% em março. Este baixo resultado está atrelado ao desempenho da produção industrial no estado amazonense, que no mesmo período registrou variação de -2,5%, conforme visto no item 1 deste relatório.

Em Rondônia, o crescimento do consumo industrial foi de 9,0% no trimestre, com taxas de 0,8% em janeiro, 13,2% em fevereiro e 14,1% em março. Já no Acre, a classe apresentou expansão de 17,8%, com incrementos mensais de 21,8% em janeiro, 22,7% em fevereiro e 8,4% em março.

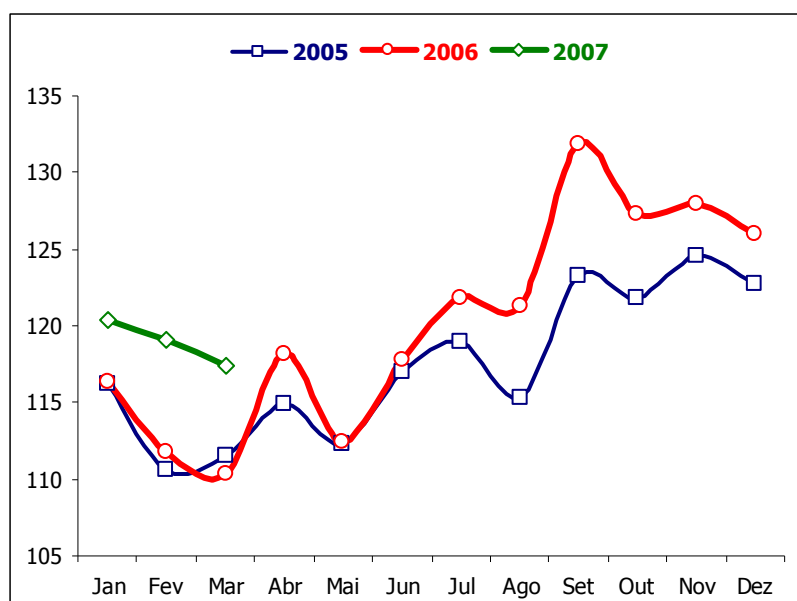
O consumo industrial dos três estados correspondeu a 94% do total da categoria no primeiro trimestre nos Sistemas Isolados.

3.5.3 Consumo Comercial

Os dados referentes ao consumo comercial de energia elétrica nos Sistemas Isolados apontam crescimento no trimestre de 5,5%, com taxas de 1,6% em janeiro, 6,6% em fevereiro e 6,4% em março. Em 12 meses findos em março, o aumento se situou em 3,7%.

O Gráfico 43 mostra o comportamento mensal da classe comercial nos Sistemas Isolados, desde 2005.

Gráfico 43 - Sistemas Isolados: Consumo Comercial (GWh)



Fonte: EPE

Amazonas, Acre e Rondônia, juntos, respondem por 80% do consumo comercial total nos Sistemas Isolados, sendo que somente a Cidade de Manaus concentra 42% desse mesmo total.

O crescimento deste consumo no estado do Amazonas foi de 4,1% no trimestre, com expansões de 1,2% em janeiro, 4,4% em fevereiro e 7,0% em março.

Em Rondônia, a classe apresentou elevação trimestral de 4,1%, com variações de 10,1% em fevereiro e 2,4% em março, sendo que em janeiro a taxa foi nula. Já no Acre, o crescimento no primeiro trimestre foi de 9,7%, com expansões de 4,8% em janeiro, 14,9% em fevereiro e 9,6% em março.

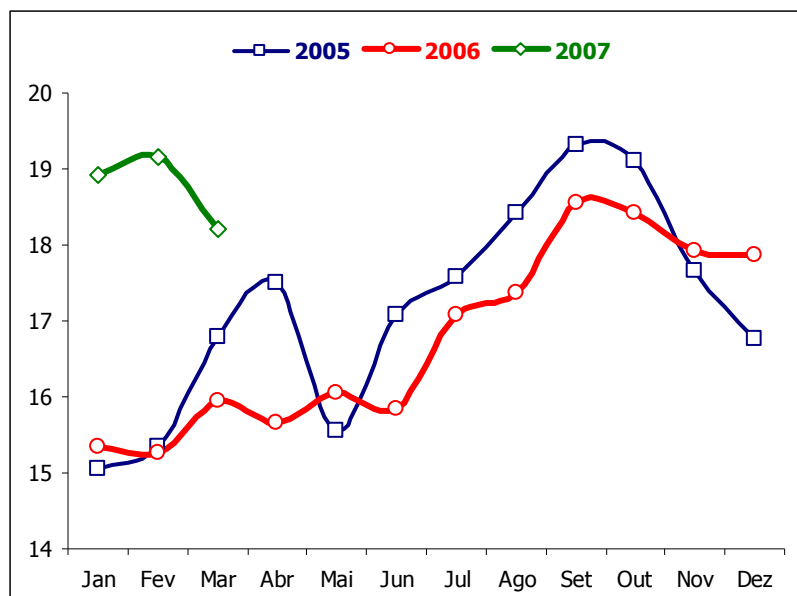
3.5.4 Consumo Rural e Demais Classes

O consumo rural de energia elétrica nos Sistemas Isolados é muito baixo, representando apenas 3% do mercado total. Dessa forma, pequenas variações nos valores absolutos do consumo resultam em grandes variações percentuais.

O acréscimo do número de consumidores rurais, entre março de 2006 e março de 2007, foi expressivo nos estados do Amazonas, Rondônia e Acre, de respectivamente 41,6%, 14,4% e 33,3%. Esses aumentos corresponderam à incorporação de 17 mil clientes, a maioria enquadradas através do Luz para Todos.

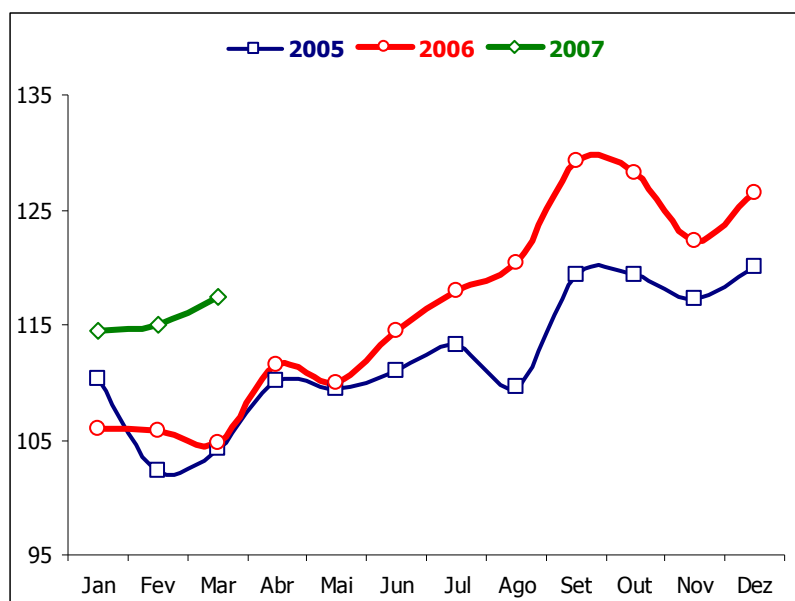
O crescimento do consumo rural no primeiro trimestre de 2007 foi de 20,9%, atingindo um total consumido de 56 GWh. O comportamento mensal da classe pode ser visualizado no Gráfico 44.

Gráfico 44 - Sistemas Isolados: Consumo Rural (GWh)



Fonte: EPE

O conjunto das demais classes de consumo totalizou 347 GWh no primeiro trimestre de 2007, representando crescimento de 9,7% frente a igual período de 2006. A evolução do agregado nos Sistemas Isolados, desde 2005, está apresentada no Gráfico 45 a seguir.

Gráfico 45 - Sistemas Isolados: Outros Consumos (GWh)

Fonte: EPE

4. Mercado Livre e Autoprodução Transportada

O consumo de energia no ambiente de contratação livre totalizou 22.898 GWh no primeiro trimestre de 2007, significando aumento de 9,2% quando comparado ao mesmo período do ano anterior. Somando-se a autoprodução transportada de 2.575 GWh, chega-se ao mercado de distribuição de 93.331 GWh, com crescimento de 4,4% sobre o primeiro trimestre de 2006.

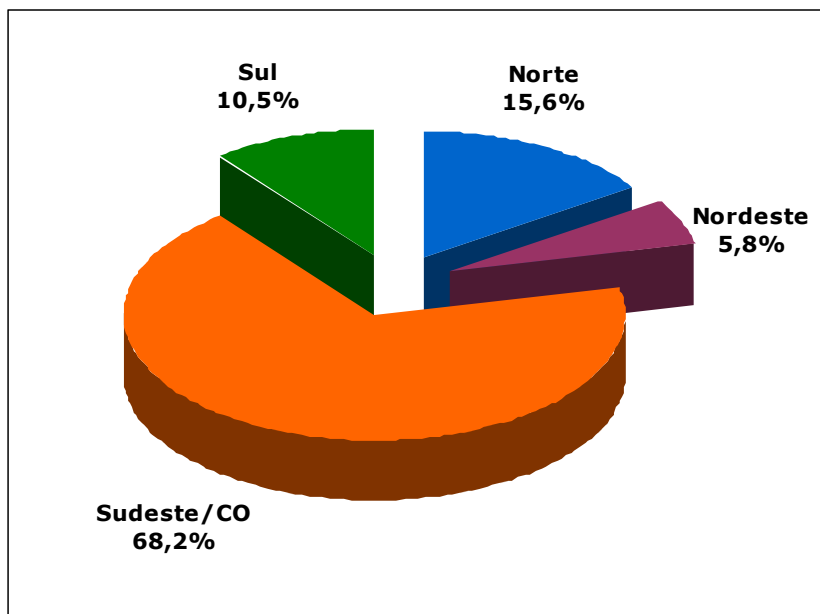
A Tabela 23 apresenta os totais apurados desses segmentos no trimestre, desagregados por subsistema elétrico e região.

Tabela 23– Brasil e Subsistemas Elétricos: Mercado de Distribuição (GWh)

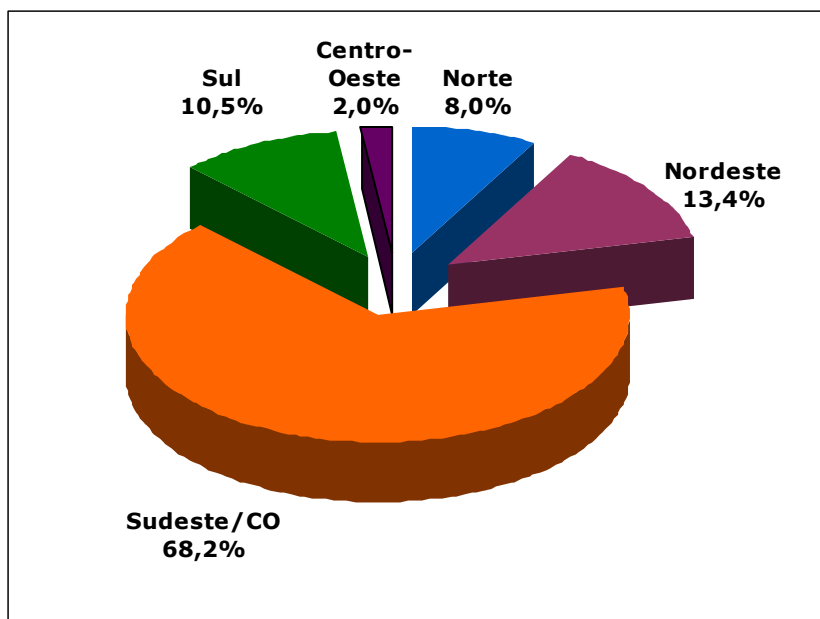
Subsistemas/ Regiões	Mercado de Fornecimento (GWh)						Autoprodução			Mercado de		
	Consumo Cativo			Consumo Livre			Transportada (GWh)			Distribuição (GWh)		
	2006	2007	%	2006	2007	%	2006	2007	%	2006	2007	%
Janeiro a Março												
Subsistemas Elétricos												
Sistemas Isolados	1.730	1.835	6,1	0	0	0	0	0	0	1.730	1.835	6,1
Norte	2.398	2.609	8,8	3.428	3.577	4,4	1	0	-	5.827	6.186	6,2
Nordeste	10.993	11.293	2,7	1.212	1.322	9,1	0	0	0	12.206	12.615	3,4
Sudeste/CO	37.645	38.343	1,9	14.295	15.605	9,2	2.070	2.457	18,7	54.010	56.405	4,4
Sul	13.532	13.778	1,8	2.033	2.394	17,7	97	118	22,2	15.662	16.289	4,0
Regiões Geográficas												
Norte	3.330	3.575	7,4	1.785	1.830	2,5	0	0	0	5.115	5.406	5,7
Nordeste	11.740	12.121	3,2	2.855	3.070	7,5	1	0	-	14.596	15.191	4,1
Sudeste	33.161	33.585	1,3	13.879	15.153	9,2	2.070	2.457	18,7	49.110	51.195	4,2
Sul	13.532	13.778	1,8	2.033	2.394	17,7	97	118	22,2	15.662	16.289	4,0
Centro-Oeste	4.536	4.798	5,8	416	451	8,5	0	0	0	4.951	5.250	6,0
Brasil	66.298	67.857	2,4	20.969	22.898	9,2	2.168	2.575	18,8	89.435	93.331	4,4

Fonte: EPE

O consumo livre, desagregado por subsistema elétrico, está representado no Gráfico 46 e por região geográfica no Gráfico 47.

Gráfico 46 – Brasil: Consumo Livre por Subsistemas Elétricos

Fonte: EPE

Gráfico 47 – Brasil: Consumo Livre por Regiões Geográficas

Fonte: EPE

5. Mercado de Distribuição e Carga de Energia

Este item se destina a fazer um paralelo entre os dados referentes ao consumo efetivo de energia elétrica e à carga de energia, cujo acompanhamento é feito pelo ONS – Operador Nacional do Sistema Elétrico e pelo GTON – Grupo Técnico Operacional da Região Norte nos Sistemas Isolados. A comparação desses dados permite se identificar o volume das perdas do sistema, ou seja, a energia produzida que não chega ao consumidor (perdas técnicas) ou não é faturada pelos agentes vendedores (perdas comerciais).

Através da Tabela 24, verifica-se que, no primeiro trimestre de 2007, o índice de perdas no Brasil, ao se considerar apenas o sistema interligado, encontra-se em 16,1%, devendo-se observar que o índice mais elevado ocorre no subsistema Nordeste, chegando a 19,5%. Nos Sistemas Isolados, em função de perdas elevadas tanto técnicas como comerciais, o índice alcança 36,4%.

Tabela 24 - Brasil e Subsistemas Elétricos: Mercado de Distribuição e Carga de Energia

Discriminação	Janeiro - Março		12 Meses	
	Valor	%	Valor	%
Sistemas Isolados				
Carga de Energia (MWméd)	1.336		1.333	
Consumo de Distribuição (GWh)	1.835		7.503	
- Consumo de Fornecimento	1.835	6,1	7.503	4,1
Perdas (%)	36,4		35,7	
Norte				
Carga de Energia (MWméd)	3.434		3.436	
- ONS	3.376		3.378	
- Geração Distribuída Própria	58		58	
Consumo de Distribuição (GWh)	6.186		24.840	
- Consumo de Fornecimento	6.186	6,2	24.840	7,0
- Autoprodução Transportada	0		0	
Perdas (%)	16,1		17,5	
Nordeste				
Carga de Energia (MWméd)	7.254		6.991	
- ONS	7.241		6.978	
- Geração Distribuída Própria	13		13	
Consumo de Distribuição (GWh)	12.615		49.346	
- Consumo de Fornecimento	12.615	3,4	49.346	2,6
- Autoprodução Transportada	0		0	
Perdas (%)	19,5		19,4	
Sudeste/Centro-Oeste				
Carga de Energia (MWméd)	31.656		30.083	
- ONS	31.211		29.638	
- Geração Distribuída Própria	445		445	
Consumo de Distribuição (GWh)	57.226		223.373	
- Consumo de Fornecimento	53.947	3,9	213.504	3,4
- Autoprodução Transportada	3.279		9.869	
Perdas (%)	16,3		15,2	
Sul				
Carga de Energia (MWméd)	8.620		7.991	
- ONS	8.550		7.921	
- Geração Distribuída Própria	70		70	
Consumo de Distribuição (GWh)	16.331		61.748	
- Consumo de Fornecimento	16.171	3,9	61.233	3,2
- Autoprodução Transportada	160		515	
Perdas (%)	12,3		11,8	
Sistema Interligado Nacional (SIN)				
Carga de Energia (MWméd)	50.965		48.500	
- ONS	50.379		47.914	
- Geração Distribuída Própria	586		586	
Consumo de Distribuição (GWh)	92.359		359.307	
- Consumo de Fornecimento	88.920	4,0	348.923	3,5
- Autoprodução Transportada	3.439		10.384	
Perdas (%)	16,1		15,4	
Sistema Elétrico Nacional (SIN + Sistemas Isolados)				
Carga de Energia (MWméd)	52.301		49.833	
- ONS	50.379		47.914	
- Geração Distribuída Própria	586		586	
- Sistemas Isolados	1.336		1.333	
Consumo de Distribuição (GWh)	94.194		366.810	
- Consumo de Fornecimento	90.755	4,0	356.426	3,5
- Autoprodução Transportada	3.439		10.384	
Perdas (%)	16,6		16,0	

(*) Pequenas Gerações (**) Eletrobrás CTM: 407 MWmed CCEE: 179 MWmed

Fonte: Sistema Simples / ONS / Eletrobrás

ANEXO I. DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Autoprodução transportada. Volume de energia consumido por consumidores a partir de unidades de geração de sua propriedade, que estão interconectadas ao SIN, utilizam-se da rede de transmissão, sub-transmissão e, eventualmente, de distribuição, e são despachadas centralizadamente pelo ONS.

Carga de energia. Volume de energia requerido pelo sistema gerador. Compreende o consumo de energia medido pelos agentes vendedores e as perdas do sistema elétrico.

Classes de consumo. Classificação dos consumidores de energia elétrica conforme sua característica principal. São classes de consumo: residencial, comercial, industrial, rural, poderes públicos, serviços públicos, iluminação pública e consumo próprio. Neste informe, somente as classes residencial, comercial e industrial são especificadas.

Consumidor cativo. Consumidor de energia elétrica cujo fornecimento é feito pela concessionária de distribuição da área onde está situado.

Consumidor livre. Consumidor de energia elétrica que exerceu a opção, permitida por lei, de escolher seu fornecedor, que não a distribuidora a qual está conectado.

Geração distribuída ou pequena geração. Volume de energia produzido por pequenas usinas interconectadas à rede elétrica do SIN que, em razão de seu porte, não são despachadas centralizadamente.

Mercado de fornecimento. Volume de energia consumido pela totalidade dos consumidores cativos e livres.

Mercado de distribuição. Volume de energia consumido pela totalidade dos consumidores cativos e livres, acrescido da autoprodução transportada.

Mercado livre. Volume de energia consumido pelos consumidores livres.

Perdas. Diferença entre o consumo de energia medido junto aos consumidores e a carga. Compreende perdas elétricas (perdas técnicas), perdas comerciais (perdas no faturamento das distribuidoras), erros, diferenças e omissões no faturamento.

Sistema Interligado Nacional – SIN. Sistema elétrico interconectado eletricamente, com a operação das usinas centralizada e coordenada pelo Operador Nacional do Sistema – ONS. O SIN está dividido em quatro subsistemas regionais, a saber: Norte, Nordeste, Sudeste/Centro-Oeste e Sul.

Sistemas Isolados. Sistemas elétricos radiais (geração dedicada a um mercado específico), não interconectados ao SIN. Em sua quase totalidade estão situados na Região Norte do país.

ANEXO II. MERCADO DE FORNECIMENTO POR SUBSISTEMA ELÉTRICO

SUBSISTEMA / CLASSE	Janeiro - Março			12 Meses		
	2006	2007	%	2006	2007	%
BRASIL						
Total	87.267	90.755	4,0	344.229	356.426	3,5
Residencial	21.650	22.940	6,0	83.557	87.110	4,3
Industrial	38.349	39.657	3,4	155.941	161.095	3,3
Comercial	14.291	15.067	5,4	53.845	56.169	4,3
Outros	12.978	13.091	0,9	50.886	52.053	2,3
SISTEMAS ISOLADOS						
Total	1.730	1.835	6,1	7.204	7.503	4,1
Residencial	577	616	6,7	2.398	2.479	3,3
Industrial	447	459	2,9	1.840	1.924	4,5
Comercial	341	357	4,8	1.412	1.462	3,6
Outros	365	403	10,4	1.554	1.639	5,5
NORTE						
Total	5.826	6.186	6,2	23.211	24.840	7,0
Residencial	766	826	7,9	3.147	3.304	5,0
Industrial	4.209	4.449	5,7	16.544	17.822	7,7
Comercial	423	449	6,3	1.746	1.826	4,6
Outros	429	462	7,8	1.774	1.887	6,4
NORDESTE						
Total	12.206	12.615	3,4	48.088	49.346	2,6
Residencial	3.224	3.460	7,3	12.323	13.007	5,6
Industrial	4.749	4.885	2,9	19.503	19.681	0,9
Comercial	1.848	1.951	5,6	7.110	7.398	4,0
Outros	2.384	2.318	-2,8	9.152	9.260	1,2
SUDESTE/CENTRO-OESTE						
Total	51.940	53.947	3,9	206.403	213.504	3,4
Residencial	13.421	14.148	5,4	51.855	54.045	4,2
Industrial	22.538	23.256	3,2	91.831	94.625	3,0
Comercial	9.203	9.656	4,9	34.633	36.132	4,3
Outros	6.777	6.887	1,6	28.085	28.703	2,2
SUL						
Total	15.565	16.171	3,9	59.322	61.233	3,2
Residencial	3.662	3.890	6,2	13.834	14.275	3,2
Industrial	6.405	6.609	3,2	26.222	27.043	3,1
Comercial	2.477	2.653	7,1	8.944	9.351	4,6
Outros	3.022	3.020	-0,1	10.322	10.564	2,3

Valores preliminares

Fonte: Sistema Simples / Concessionárias

ANEXO III. MERCADO DE FORNECIMENTO POR REGIÃO

REGIÃO / CLASSE	Janeiro - Março			12 Meses		
	2006	2007	%	2006	2007	%
BRASIL						
Total	87.267	90.755	4,0	344.229	356.426	3,5
Residencial	21.650	22.940	6,0	83.557	87.110	4,3
Industrial	38.349	39.657	3,4	155.941	161.095	3,3
Comercial	14.291	15.067	5,4	53.845	56.169	4,3
Outros	12.978	13.091	0,9	50.886	52.053	2,3
NORTE						
Total	5.115	5.406	5,7	20.704	21.842	5,5
Residencial	1.040	1.114	7,2	4.299	4.482	4,3
Industrial	2.845	2.963	4,1	11.315	11.963	5,7
Comercial	613	651	6,3	2.529	2.650	4,8
Outros	618	677	9,7	2.561	2.748	7,3
NORDESTE						
Total	14.595	15.191	4,1	57.494	59.671	3,8
Residencial	3.507	3.771	7,5	13.463	14.240	5,8
Industrial	6.552	6.824	4,2	26.515	27.433	3,5
Comercial	1.987	2.098	5,6	7.676	7.999	4,2
Outros	2.549	2.497	-2,0	9.840	9.999	1,6
SUDESTE						
Total	47.040	48.738	3,6	186.320	192.937	3,6
Residencial	11.849	12.483	5,3	45.639	47.521	4,1
Industrial	21.282	21.892	2,9	86.518	89.412	3,3
Comercial	8.194	8.585	4,8	30.728	32.044	4,3
Outros	5.715	5.779	1,1	23.435	23.961	2,2
SUL						
Total	15.565	16.171	3,9	59.322	61.233	3,2
Residencial	3.662	3.890	6,2	13.834	14.275	3,2
Industrial	6.405	6.609	3,2	26.222	27.043	3,1
Comercial	2.477	2.653	7,1	8.944	9.351	4,6
Outros	3.022	3.020	-0,1	10.322	10.564	2,3
CENTRO-OESTE						
Total	4.951	5.250	6,0	20.390	20.743	1,7
Residencial	1.592	1.682	5,7	6.322	6.592	4,3
Industrial	1.265	1.370	8,3	5.372	5.245	-2,4
Comercial	1.020	1.080	5,8	3.967	4.125	4,0
Outros	1.074	1.118	4,0	4.728	4.781	1,1

Valores preliminares

Fonte: Sistema Simples / Concessionárias